

ADRIANO DE JESUS MIGUEL DIAS PEDRO

BOMBEIRO VOLUNTÁRIO

PARADIGMA CULTURAL OU ALTRUÍSTA?

ORIENTAÇÃO DO PROF. DOUTOR CARLOS DE JESUS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ECOLOGIA HUMANA

UNIVERSIDADE DE ÉVORA, 2000

Esta dissertação não inclui as
observações e críticas efectuadas pelo júri

ADRIANO DE JESUS MIGUEL DIAS PEDRO

BOMBEIRO VOLUNTÁRIO

PARADIGMA CULTURAL OU ALTRUÍSTA?

(Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre)



406 628

ORIENTAÇÃO DO PROF. DOUTOR CARLOS DE JESUS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ECOLOGIA HUMANA

UNIVERSIDADE DE ÉVORA, 2000

CHAVE DE ABREVIATURAS E SIGLAS

%	- Percentagem
CCO	- Centro Coordenador Operacional
cf.	- Confronte
F	- Frequência
GNR	- Guarda Nacional Republicana
INEM	- Instituto Nacional de Emergência Médica
Km	- Quilómetro
N.º	- Numero
Oper.comum	- Operário de Comunicações
séc.	- Século
vig.	- Vigilante

LEGENDA DO BOMBEIRO

I

Nunca te esqueças de que
Envergas uma farda que
Vigia os teus actos e que te
Condena se a não respeitares

II

No momento do perigo
Esquece a tua família e a
Ti próprio e põe defronte dos
Olhos a nossa divisa: vida por vida

III

Se for um inimigo que precise de ti,
Apressa os teus passos e
Abre ainda mais o coração.

IV

Recorda-te que és o verdadeiro amigo
Que aparece quando os outros fogem
E por isso não te demores

V

Não frequentes lugares que manchem
A tua farda; lembra-te que há nódoas
Que nunca se apagam.

VI

Onde estiver um bombeiro deve estar
Sempre um amigo dos animais, um
Amparo dos fracos e um protector
Das crianças, dos velhos, das mulheres
E dos humildes.

VII

Traz sempre na ideia esta palavra:
Disciplina. As suas letras constituem
Todo o alfabeto do bombeiro.

VIII

A farda deve andar tam limpa como a
Consciência; quem as traz sujas
Não pode nem deve ser bombeiro

IX

Um camarada é um irmão.
Abraça-o com lealdade, porque ele
Sofre as tuas dores e vive as tuas alegrias.

X

Ao passo que há muitos sistemas
Doutrinários, partidos, seitas e dogmas,
Para ti só há uma política e uma religião:
A Humanidade.

***Esta Legenda do Bombeiro foi escrita na década de 30 por Álvaro Valente,
Comandante dos Bombeiros Voluntários do Montijo***

AGRADECIMENTOS

Não seria possível enumerar todas as pessoas que contribuíram para a concretização desta dissertação. Agradeço a todos e em particular:

Ao Prof. Doutor Carlos de Jesus, por ter aceite orientar este trabalho, mostrando-se sempre disponível para esclarecer dúvidas e superar as dificuldades que surgiram ao longo deste percurso.

Ao Prof. Coordenador Francisco Vidinha, pelo saber e amizade demonstrado.

À minha esposa e filhos, pelas ausências forçadas, pela compreensão também pelo apoio e incentivo

Finalmente, e não menos importante, a todos os Bombeiros Voluntários de Portalegre pela disponibilidade e cooperação sempre demonstrada. Sem eles este trabalho não seria uma realidade.

A todos o meu obrigado

RESUMO

A população, na perspectiva da Ecologia Humana, é um conjunto de indivíduos num sistema interdependente de actividades.

O altruísmo faz parte das regras da vida social e está na base do comportamento social: só há sociedade na medida em que cada indivíduo consagra uma parte do seu tempo e das suas energias mais a tarefas de interesse colectivo do que a garantir a sua própria sobrevivência.

Será por este motivo que as pessoas se dedicam ao voluntariado, fazendo qualquer coisa por outrém, sem esperar qualquer retribuição imediata? Ou será que os motivos culturais predominam nesta decisão?

Foi o que pretendemos saber com este estudo: ser Bombeiro Voluntário insere-se num paradigma cultural ou altruístico?

Assim, optámos por realizar um estudo qualitativo, recorrendo à história de vida, utilizando a análise de conteúdo segundo a metodologia de Gil Flores.

Seleccionámos uma amostra por saturação, que foi conseguido após 10 entrevistas não directivas. Para além da entrevista utilizámos uma observação activa o que nos permitiu validar alguns dados antes obtidos.

Após o tratamento dos dados verificámos que o paradigma dominante na decisão de ser bombeiro é o *Cultural*.

Os indivíduos aderem aos bombeiros por tradição familiar, pela proximidade física do quartel, pela satisfação pessoal, pelo convívio com os amigos e pelos símbolos dos bombeiros, entre outros.

Estar numa Instituição em que se pode desenvolver uma atitude altruística é sem dúvida importante, mas não o suficiente para determinar a sua adesão e este não é seguramente o motivo que leva o indivíduo a ser bombeiro.

SUMÁRIO

0	- <u>INTRODUÇÃO</u>	15
PARTE I - Enquadramento Teórico		
1	- <u>DA ECOLOGIA À ECOLOGIA HUMANA</u>	20
2	- <u>O VOLUNTARIADO</u>	31
3	- <u>ALTRUÍSMO</u>	45
3.1	- EVOLUÇÃO SÓCIO-BIOLÓGICA	48
3.2	- PERSPECTIVA SÓCIO-ANTROPOLÓGICA	56
3.3	- ALTRUÍSMO/EGOÍSMO	58
4	- <u>VALORES / PADRÕES CULTURAIS NOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS</u>	64
5	- <u>CARACTERIZAÇÃO DOS BOMBEIROS PORTUGUESES</u>	74
5.1	- UM CASO PARTICULAR – BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE PORTALEGRE	82
PARTE II – Metodologia		
1	- <u>METODOLOGIA</u>	96
PARTE III – Apresentação e Discussão dos Dados		
1	- <u>APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS</u>	105
1.1	- PARADIGMA ALTRUÍSTA	111

1.1.1	- <u>Sensação de Missão</u>	112
1.1.2	- <u>Ajudar as Pessoas / ser Solidário</u>	118
1.1.3	- <u>Pôr a Vida em Risco</u>	123
1.1.4	- <u>Altruísmo Recíproco</u>	127
1.1.5	- <u>Elemento de Associações Voluntárias</u>	128
1.2	- PARADIGMA CULTURAL	130
1.2.1	- <u>Motivo de Entrada nos Bombeiros</u>	131
1.2.1.1	- Necessidade de Emprego	131
1.2.1.2	- Tradição Familiar	133
1.2.1.3	- Influência dos Amigos	135
1.2.1.4	- Ocupação de Tempos Livres	138
1.2.1.5	- Proximidade Física do Quartel	141
1.2.1.6	- Interesse nas Actividades dos Bombeiros	143
1.2.2	- <u>Satisfação Pessoal</u>	146
1.2.3	- <u>Convívio com os Amigos</u>	153
1.2.4	- <u>Símbolos dos Bombeiros</u>	157
1.2.5	- <u>Reconhecimento Social e Poder</u>	162
2	- <u>CONCLUSÕES</u>	168
	 <u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	175
	 <u>ANEXOS</u>	
	Anexo I – Matriz de Codificação Global	184
	Anexo II – Grade de Análise das Entrevistas	186

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1 - Matriz de ganhos e perdas do dilema do prisioneiro	62
---	----

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1	- Repartição da população por sexos	74
QUADRO 2	- Caracterização do efectivo por escalões etários	75
QUADRO 3	- Grau de instrução dos efectivos que se encontram em actividade escolar	76
QUADRO 4	- Distribuição dos efectivos/tipo corpo dos bombeiros	77
QUADRO 5	- Repartição do efectivo por situação profissional	78
QUADRO 6	- Repartição do efectivo activo por sector profissional.....	79
QUADRO 7	- Estado civil do efectivo	81
QUADRO 8	- Distribuição da população por sexo	84
QUADRO 9	- Distribuição da população segundo a idade	85
QUADRO 10	- Distribuição da população segundo a existência ou não de actividade escolar	87
QUADRO 11	- Distribuição da população segundo o grau de instrução ..	88
QUADRO 12	- Distribuição da população segundo o tipo de bombeiros .	89
QUADRO 13	- Distribuição da população segundo a sua situação no quadro	90
QUADRO 14	- Distribuição da população segundo a sua categoria	91
QUADRO 15	- Distribuição da população segundo a sua situação profissional	92
QUADRO 16	- Distribuição da população segundo os anos de serviço como bombeiro	93

QUADRO 17	- Distribuição da população segundo o estado civil	94
QUADRO 18	- Caracterização dos bombeiros em estudo	106

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	- Representação gráfica do quadro 2	76
GRÁFICO 2	- Representação gráfica do quadro 3	77
GRÁFICO 3	- Representação gráfica do quadro 4	78
GRÁFICO 4	- Representação gráfica do quadro 5	79
GRÁFICO 5	- Representação gráfica do quadro 6	80
GRÁFICO 6	- Representação gráfica do quadro 7	81
GRÁFICO 7	- Representação gráfica do quadro 8	85
GRÁFICO 8	- Representação gráfica do quadro 9	86
GRÁFICO 9	- Representação gráfica do quadro 10	87
GRÁFICO 10	- Representação gráfica do quadro 11	89
GRÁFICO 11	- Representação gráfica do quadro 13	90
GRÁFICO 12	- Representação gráfica do quadro 14	91
GRÁFICO 13	- Representação gráfica do quadro 15	92
GRÁFICO 14	- Representação gráfica do quadro 16	93
GRÁFICO 15	- Representação gráfica do quadro 17	94
GRÁFICO 16	- Distribuição da amostra segundo a idade.....	107
GRÁFICO 17	- Distribuição da amostra segundo o sexo	107
GRÁFICO 18	- Distribuição da amostra segundo o estado civil	108
GRÁFICO 19	- Distribuição da amostra segundo o número de filhos	109
GRÁFICO 20	-Distribuição da amostra segundo as habilitações literárias	109
GRÁFICO 21	- Distribuição da amostra segundo o tempo de bombeiro .	110

0 - INTRODUÇÃO

Altruísmo e solidariedade são valores morais socialmente constituídos, vistos como virtudes do indivíduo. Do ponto de vista religioso acredita-se que a prática do bem salva a alma; numa perspectiva social e política, pressupõe-se que a prática de tais valores zelará pela manutenção da ordem social e pelo progresso do homem. A caridade, reforçada pelo ideal, as crenças, os sistemas de valores e o compromisso com determinadas causas, são componentes vitais que levam ao voluntariado.

O sector voluntário tem um papel integrador, reunindo indivíduos, grupos, instituições e inclusive países que noutros contextos poderiam estar em conflito ou competição entre si. Através da participação em actividades voluntárias, as pessoas encontram espaço para o seu crescimento pessoal. Para muitos, o trabalho voluntário permite a utilização de habilidades e talentos não aproveitados no seu dia a dia profissional.

Antes de iniciar esta pesquisa, algumas questões se nos colocaram.

Será que o voluntário...

...tem o dom de se doar

...se dispõe a desenvolver um trabalho sem interesse material, apenas espiritual, ou em troca de algo inatingível

...se sente útil, pela sua actuação junto da sociedade

...doa a sua força de trabalho para alguma causa humana, social ou ambiental,

...tem um conceito mais estruturado do papel do indivíduo na sociedade, pensa e age de maneira colectiva

...se coloca à disposição, contribui, oferece-se sem pensar em retribuição, de livre e espontânea vontade

...valoriza a satisfação pessoal de ter colaborado para tornar os outros mais felizes

Baseados nestas questões pensámos nos bombeiros voluntários como a população ideal para desenvolver o estudo.

No início do trabalho podemos ler a “Legenda do Bombeiro”, escrita em meados dos anos 30 pelo Comandante Álvaro Valente. Decidimos integrá-la no trabalho por considerarmos ser uma peça de inegável valor e profundidade, constituindo um autentico código de ética e deontologia dos Bombeiros, podendo ser interpretada como um verdadeiro hino à solidariedade.

Uma duvida sempre nos assolou. Porque é que em determinada etapa da vida um Homem decide ser bombeiro?

Quais serão os motivos que os mobilizam em direcção ao voluntariado?

Será porque são altruístas?

Será por questões culturais?

Quais as motivações que levam o indivíduo a agir em benefício dos outros?

São estas dúvidas que pretendemos esclarecer com este estudo que agora iniciamos.

A verdadeira questão que se nos coloca é conhecer se ser **Bombeiro Voluntário – Paradigma Cultural ou Altruísta.**

Para a efectivação do estudo traçámos os seguintes objectivos:

- Analisar os padrões culturais dos bombeiros;
- Identificar o paradigma que influencia a decisão de ser bombeiro.

O trabalho encontra-se dividido em 3 partes, estando cada uma delas organizadas por capítulos.

Na primeira parte apresenta-se o enquadramento teórico que vai permitir uma melhor compreensão da problemática em causa e a construção do objecto de estudo. Começaremos por descrever o trajecto que a Ecologia sofreu até se diferenciar em Ecologia Humana; de seguida será abordado o voluntariado, procurando identificar razões que levam à sua adesão. Iremos depois abordar o altruísmo na perspectiva sociobiológica, socioantropológica e o altruísmo versus egoísmo. No capítulo seguinte iremos falar de valores e de padrões culturais nos Bombeiros Voluntários. Para terminar procuraremos caracterizar os bombeiros portugueses e mais especificamente a população em estudo – Bombeiros Voluntários de Portalegre.

Na segunda parte serão descritas as opções metodológicas utilizadas, assim como as suas justificações.

A terceira parte será dedicada à apresentação e discussão dos dados, recorrendo ao enquadramento teórico, a notas de campo e excertos das entrevistas realizadas.

Para finalizar pretendemos uma reflexão sobre os resultados obtidos, sob a forma de conclusões.

PARTE I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1 - DA ECOLOGIA À ECOLOGIA HUMANA

A palavra ecologia foi utilizada pela primeira vez pelo biólogo alemão E. Haeckel em 1866, na sua obra *Generelle Morphologie der Organismen*.

A palavra ecologia deriva de duas palavras gregas: *oikos* que significa casa, e *logos* que significa ciência, discurso. Literalmente podemos dizer que é a «ciência do habitat».

A ecologia como ciência autónoma só se impôs no decurso do séc. XX, depois da Segunda Guerra Mundial, sendo até aqui totalmente ignorada pelo grande público. A partir de 1960 desenvolveu-se rapidamente, com um grande volume de publicações tanto de divulgação como científicas.

Como ODUM (1997) refere, *a ciência da ecologia teve, ao longo da história, um desenvolvimento gradual, embora espasmódico. As obras de Hipócrates, Aristóteles e outros filósofos da cultura grega contêm material de natureza claramente ecológica. Embora os gregos não tivessem uma palavra própria para a designar.*

De uma forma mais ou menos clara, várias foram as pesquisas e os trabalhos elaborados, sobre temas ecológicos ao longo dos anos. *Estática Social* (1850), *Hipóteses sobre o Desenvolvimento* de Spencer (1852), *A Origem das Espécies* de Darwin (1859), entre outros.

No séc. XVIII e início do séc. XIX multiplicaram-se as expedições, desenvolvidas pelas grandes potências, com o objectivo de inventariar os recursos e as riquezas dos países explorados

De entre os vários cientistas que integravam as expedições, os botânicos descobriram e descreveram numerosas espécies: em 1705 conheciam-se 18.000 e, em 1826, 40.000. Actualmente estão repertoriadas para cima de 500.000 espécies vegetais. (LAMY, 1996)

À medida que as expedições iam decorrendo e se iam conhecendo as estreitas relações existentes entre os seres vivos e o clima, a ecologia vai-se tornando explicativa.

Procuraram saber porque razão determinada planta está adaptada a determinado tipo de meio. Estudaram a planta e os seus mecanismos adaptativos e os factores que nesse meio detinham maior ou menor importância. Foi assim que surgiu a ecologia vegetal. Paralelamente, procederam ao estudo da distribuição animal, criando-se a biogeografia. (LAMY, 1996)

Em 1895 é publicado o primeiro livro sobre ecologia vegetal da autoria de Eugene Warming (geobotânico dinamarquês).

É a partir desta obra que se assiste ao desenvolvimento da ecologia animal, da biocenótica, da ecologia humana, isto é, de todas as vertentes da ecologia actual. (LAMY, 1996)

Segundo Acot, citado por Lamy, *após a Segunda Guerra Mundial a ecologia torna-se um império (...) são publicados trabalhos sobre a ecologia dos microorganismos e, no Vietname, os Estados Unidos da América inauguram a era das aplicações militares da ecologia.*

Desde então, a ecologia não mais tem parado de se desenvolver e afirmar como ciência.

Muitas são as definições de ecologia que podemos encontrar na bibliografia. Pode ser definida como:

...estudo das relações dos organismos ou grupos de organismos com o seu ambiente, ou a ciência das inter-relações que ligam os organismos vivos ao seu ambiente...(ODUM, 1997)

...é a ciência que estuda as condições de existência dos seres vivos e as interações, de qualquer natureza, existentes entre esses seres vivos e o seu meio... (DAJOZ, 1983)

...a ecologia estuda as relações existentes entre os seres vivos e o respectivo meio, tanto em grande escala (ecossistema terrestre, ecossistema marinho), como a níveis inferiores (uma lagoa, um bosque, um prado)... (Nova Enciclopédia Portuguesa, 1992)

Autores como CAMPBELL (1983), OLIVIER (1979), entre outros, que embora apresentem definições mais ou menos elaboradas, todas têm em comum as relações entre os seres vivos e o meio que os rodeia.

Na moderna aceção, pode ser definida como sendo *...o estudo da estrutura e do funcionamento da natureza, considerando que a humanidade é uma parte dela...* (ODUM, 1997)

DAJOZ (1983) *subdivide a ecologia em três grandes áreas: a auto-ecologia, a dinâmica das populações e a sinecologia. Estas distinções são um pouco arbitrárias mas têm como vantagem uma exposição mais facilitada.*

A auto-ecologia estuda as relações de uma única espécie com o seu meio;

A dinâmica das populações descreve as variações da abundância das diversas espécies e procura as causas dessas variações;

A sinecologia analisa as relações entre os indivíduos pertencentes às diversas espécies de um grupo e o seu meio.

Outras subdivisões da ecologia têm em consideração a natureza do meio e correspondem aos três grandes conjuntos da biosfera: a ecologia marítima, a ecologia terrestre e a ecologia límnic.

(LAMY, 1996) no seu livro *As Camadas Ecológicas do Homem* descreve-nos uma relação interessante afirmando que *...o sangue é um espelho da ecologia..., permitindo reconhecer os três grandes períodos ecológicos da história da humanidade:*

...os primeiros homens surgem no Paleolítico Superior. Vivem na floresta como os animais e com os animais. Não modificam o seu meio e estão perfeitamente integrados na estreita dependência desta biocenose. À semelhança do que sucede com os animais que o rodeiam, eles são frequentemente vítimas de parasitoses. O aumento nítido dos glóbulos brancos, os eosinófilos, reflecte essas parasitoses e define o sangue destas sociedades primitivas.

Vem em seguida a época das monoculturas de comercialização, sobretudo da cultura do arroz. As vitaminas do grupo B, o ferro e as proteínas, estão ausentes da alimentação. As anemias causadas por essa carência caracterizam o estado do sangue destas sociedades de agricultores.

Bem mais tarde, a transformação industrial é acompanhada de um forte aumento do povoamento urbano. Novos perigos espreitam, perigos ligados às radiações químicas e mais difíceis de limitar. Os venenos industriais, como as radiações ionizantes, alteram o funcionamento da medula óssea. A diminuição do número de glóbulos brancos caracteriza o sangue das sociedades industriais.

LAMY (1996) refere como características da ecologia:

Ciência pluridisciplinar e transdisciplinar – O ecologista utiliza os métodos de estudo de outras disciplinas (biologia, bioquímica, matemática, etc.), formando equipas pluridisciplinares de investigação. É transdisciplinar porque os saberes se interpenetram, exigindo que o ecologista desenvolva os seus conhecimentos no exterior da sua disciplina.

Ciência do real – Nas suas investigações, o ecologista não separa o ser vivo do seu contexto que é o meio em que este vive e a população na qual ele se encontra normalmente incluído.

Ciência das interacções – As interacções são múltiplas e alterar ou modificar um dos elementos pode ter resultados imprevisíveis.

Ciência autónoma e actual – A ecologia tornou-se uma ciência autónoma com o seu objecto de estudo, os seus métodos e mesmo os seus conceitos.

A Ecologia Humana pode ser considerada a ecologia de uma população muito especial – a do Homem! A ecologia Humana é mais ampla que a demografia, que constitui o domínio da análise da população humana, uma vez que trata das relações da população com factores externos e unidades mais amplas, tanto como com dinâmica interna. (cf. ODUM, 1997)

A ecologia humana não é uma simples extensão, um prolongamento da ecologia geral. Elas apresentam características próprias.

Até à pouco tempo, as espécies foram consideradas em pé de igualdade, possuindo todas o mesmo interesse. Em ecologia humana, uma espécie é colocada à parte e torna-se o grupo de referência: esta espécie é a que inclui o homem e esta auto-ecologia é, de certo modo, uma ecologia antropocêntrica.

A ecologia humana fez o seu aparecimento nos anos 20 do presente século. Em 1921, Barrows identifica a ecologia humana como uma componente da geografia. Bernard, em 1925 apresenta uma classificação de ecossistemas, distinguindo factores biossociais e psicossociais, iniciando a visão moderna da ecologia humana. Porém, somente na década de 30 os cientistas sociais começaram a perceber o apelo lançado por Thompson. O trabalho de Ezra Park Ecologia Humana, em 1936 é que fez crescer o entusiasmo por esta área do conhecimento. É a chamada «escola de Chicago», que subestimou a importância do meio físico, concentrando-se apenas no social e cultural. *Nos anos 70 o homem passa a ser considerado como um todo, um sistema de órgão e de funções, dotado de instintos e de inteligência, com um património*

genético e cultural e inserido num meio que é constituído por elementos bióticos, abióticos e sociais. (NAZARETH, 1993)

Para o mesmo autor, a ...ecologia humana estuda cada vez mais numa perspectiva global os diferentes «climas» que actuam no homem – físico, químico, biológico, sociológico, económico, técnico, espiritual... A população, na perspectiva da ecologia humana, é um conjunto de indivíduos num sistema interdependente de actividades... (NAZARETH, 1993)

Para CAMPBELL (1983) a expressão ecologia humana refere-se, portanto, ao estudo de todas as relações entre pessoas e respectivos meios ambientes (incluindo factores tais como clima e solo) e às permutas de energia com outras espécies vivas, onde figuram as plantas, os animais e outros grupos de pessoas. Se lhe atribuirmos o sentido mais amplo possível, a ecologia humana ocupa-se de toda a espécie humana das suas relações extraordinariamente complexas com outros comportamentos do mundo, tanto orgânicos como inorgânicos.

Qualquer que seja o prisma porque se pretenda considerar a interacção entre os atributos «naturais» e «culturais» do homem, a ecologia humana tem de ir mais além dos princípios de ecologia geral, uma vez que a flexibilidade do homem em matéria de conduta, a sua capacidade para controlar as respectivas vizinhanças imediatas e a sua tendência para desenvolver cultura independentemente do ambiente, são maiores do que as dos outros organismos. (Cf. ODUM, 1997)

HAWLEY (1996) refere que ...centrada na interacção sociedade e meio ambiente, a ecologia humana pretende tratar holisticamente o fenómeno da organização humana. Já no primeiro quarto deste século, sociólogos como

Park, Burgess e Mckenzie desenvolveram o estudo da ecologia humana para explicar a dinâmica da mudança das cidades norte-americanas. Passado algum tempo, os teóricos atravessaram os limites da sociologia, baseando-se nos conhecimentos da economia, ciência política, antropologia e bioecologia, para compreender a relação dos seres humanos com o meio ambiente. (...) os primeiros especialistas em ecologia humana valeram-se de analogia das comunidades vegetais como método para compreender as comunidades urbanas...

O mesmo autor sublinha que a principal contribuição para a ecologia humana dos léxicos da ecologia vegetal e animal é a perspectiva de vida colectiva como um processo adaptativo em interacção meio ambiente, população e organização. Considera a adaptação como um processo e não um estadio final.

Apresenta-nos também o que considera o paradigma da ecologia humana, composto por três proposições:

- 1) a adaptação funcional mediante a formação de interdependências entre os membros de uma população;*
- 2) o desenvolvimento do sistema prossegue, até alcançar o tamanho e complexidade máximos permitidos pela tecnologia do transporte e a comunicação que possui uma população;*
- 3) o desenvolvimento do sistema recomeça com a aquisição de nova informação que aumenta a capacidade para mover materiais, pessoas e mensagens e continua até que a capacidade é completamente atingida.*

Estas preposições podem-se caracterizar como a adaptação, o crescimento e a evolução, respectivamente. (Cf HAWLEY, 1996)

Os principais traços que distinguem as populações humanas das outras populações consistem no grau de dominância de que o homem, como grupo, é capaz e o facto de ser um animal nómada, que se encontra em todas as latitudes e em todas as altitudes. O homem é a única espécie que tanto vive no equador como nos pólos e que, por isso, se confronta com meios muito diversos.

Ao longo da sua existência, de uma forma mais ou menos intensa, o homem foi modificando o meio onde se insere. OLIVIER (1979) descreve da seguinte forma: *...parece que a ordem de aparecimento dos estados culturais foi a seguinte: colheitas – caça e pesca – criação de animais – agricultura – indústria – urbanização. No estado correspondente às colheitas, o homem era apenas um predador igual aos outros e, apesar de ser dotado de um cérebro volumoso, de saber conservar o fogo e fabricar utensílios, os restantes animais podiam muito bem considerá-lo como um novo antropóide existente na terra, vivendo em simbiose com a natureza. Com a caça e a pesca as coisas pouco se modificaram e foi necessário atingir-se uma época recente, para que os agricultores modificassem a face da terra; inicialmente, foi preciso destruir a floresta primária, principalmente por meio de incêndios, uma vez que as culturas feitas em zonas incendiadas das florestas mantinham-se benéficas durante alguns anos; depois tornava-se necessário deslocar as regiões cultivadas, deixando em seu lugar um mato muito diferente da floresta inicial; nalguns casos surgiram as savanas ou terras estéreis impróprias para cultivar.*

Este processo tinha sido iniciado com os rebanhos dos pastores, mas a agricultura contribuiu para uma simplificação dos ecossistemas. Com a urbanização e a indústria encontramos-nos perante ecossistemas artificiais, com fontes de energia muito mais refinadas e diversificadas do que as das simples cadeias alimentares. Notemos que a mobilidade dos indivíduos, assim como a existência de estruturas sociais não são privilégios do homem, verificando-se, com frequência, a sua existência nos animais, mas sem os mesmos efeitos no meio.

O homem é igualmente a única espécie que conhece o seu destino. Ele sabe que vai sofrer e que vai morrer. Ele revolta-se e modifica as condições de vida e do meio. Somos uma espécie que passou à ofensiva contra a natureza.

CAMPBELL (1983) é peremptório em afirmar ... *o desenvolvimento não passa, em muitos casos, de um eufemismo que apenas significa exploração ambiental.*

Com o desenvolvimento da urbanização que rapidamente se seguiu à agricultura e com a sua posterior consequência – a industrialização – reflectem-se os problemas da exploração excessiva dos recursos naturais, do excesso populacional e da poluição do meio ambiente.

Na extensa panorâmica da história da espécie humana no planeta, podem discernir-se diversas tendências ao traçar a rota do homem, desde a época em que ele era um simples caçador-recolector até ao aparecimento das complexas e conturbadas sociedades actuais.

A ecologia humana pode ser encarada em dois aspectos: a curto e a longo prazo.

A ecologia humana a curto prazo é a mais importante no que respeita à prática imediata; com efeito, ela ocupa-se das nossas condições de vida, da nossa saúde, do nosso equilíbrio, dos malefícios da poluição, assim como de agressões diversas. Ela está estreitamente associada à demografia, à fisiologia, à sociologia, à higiene e medicina preventiva e, igualmente, à defesa da natureza. Nesta acepção da palavra, a ecologia mobiliza, felizmente, muitas pessoas que defendem o homem e, ao mesmo tempo, a natureza.

A ecologia humana a longo prazo já não diz respeito às repercussões imediatas do meio sobre nós próprios, mas sim à sua acção mais remota sobre os nossos descendentes.

A ecologia humana necessita de uma atitude científica globalizante e de uma metodologia que integre a dinâmica das interacções bioculturais. (Cf. NAZARETH, 1993)

2 - O VOLUNTARIADO

Quase todas as religiões, mesmo as mais novas, compartilham os ensinamentos de Jesus, Moisés, Alá e Buda, expressas na Bíblia, no Velho Testamento, no Alcorão, nos Dez Mandamentos, na Torah. E todas elas consideram a caridade como a maior das virtudes.

Na tradição judaico-cristã, a caridade era directamente relacionada com o alívio das necessidades dos pobres, famintos, doentes (tradição do Bom Samaritano). Já entre os gregos e romanos, o objecto da doação não eram os indivíduos necessitados, mas o público em geral, a cidade.

A intenção não era tanto aliviar o sofrimento, como enriquecer a qualidade de vida. Este conceito grego, mais amplo, está intimamente relacionado com a ideia actual de instituição filantrópica.

Na história europeia, a filantropia e a caridade eram predominantemente virtudes privadas. Eram noções perpétuas, imutáveis, até certo ponto rígidas. Já que era mais virtuoso dar do que receber, o valor da caridade provinha mais dos motivos do próprio doador do que dos efeitos da sua acção.

Nos Estados Unidos, o espírito filantrópico desenvolveu-se, mudou, floresceu e se institucionalizou de uma maneira peculiar. A nota dominante era a preocupação com a comunidade. Os propósitos da filantropia eram o enriquecimento da qualidade de vida das comunidades. O foco mudou do doador para o receptor, da salvação das almas para a resolução de problemas, da consciência individual para as questões comunitárias.

Embora as pessoas se tenham reunido com propósitos assistenciais e solidários desde o começo dos tempos, as modernas formas associativas de esforço voluntário foram muito estimuladas pela Reforma, e seu movimento pela liberdade de associação, incentivado pela urbanização da sociedade durante a Revolução Industrial, e expandiram-se rapidamente pelo século XX. Estas organizações foram criadas e muitas existem até hoje para preencher grande variedade de propósitos, das necessidades individuais dos seus membros a serviços mais amplos para as comunidades.

Segundo as Nações Unidas, o voluntário é o jovem ou adulto que, devido ao seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de actividades, organizadas ou não, de bem estar social, ou outros campos.

A Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança, definiu o voluntário como o actor social e agente de transformação, que presta serviços não remunerados em benefício da comunidade; doando o seu tempo e conhecimentos, realiza um trabalho gerado pela energia do seu impulso solidário, atendendo tanto às necessidades do próximo ou aos imperativos de uma causa, como às suas próprias motivações pessoais, sejam estas de carácter religioso, cultural, filosófico, político ou emocional.

Ao analisar os motivos que mobilizam em direcção ao voluntariado (descritos mais detalhadamente a seguir), descobrem-se, dois componentes fundamentais: o do cunho pessoal, a doação de tempo e esforço como resposta a uma inquietação interior que é levada à prática, e o social, a tomada

de consciência dos problemas ao se confrontar com a realidade, o que leva à luta por um ideal ou ao comprometimento por uma causa.

De acordo com Boaventura Sousa Santos (1994), sendo a solidariedade uma consequência e não uma causa, há que criar condições para que ela seja possível e, para além disso ter em conta que existem vários tipos de solidariedade, de acordo com os vários tipos de relações sociais que se estabelecem. Por exemplo, enquanto componente essencial da democracia e da cidadania, a solidariedade significa *ser solidário para com os outros cidadãos e ter por igual direito à solidariedade deles*. No entanto, *como exercício de cidadania que é, não confere nenhuma autoridade pessoal a quem a exerce sobre quem, e vice-versa, não coloca quem a recebe numa posição de subordinação pessoal perante quem a exerce*. A solidariedade é um *investimento social de longo alcance* que não pode ser contabilizada economicamente e que paradoxalmente (...) quanto mais necessária é mais difícil é o seu exercício.

A cultura da cidadania, como lhe chama Roca (1994), assume um papel importante na recriação da solidariedade, já que, tendo em conta as suas três dimensões, a civil, a política e a social, é esta última que se concretiza na solidariedade perante os outros, sendo a civil a expressão das liberdades individuais do indivíduo autónomo e a política o direito à participação nos assuntos que afectam directamente os indivíduos.

Esta dinâmica de solidariedade deu origem a uma tipologia do Voluntariado:

O Assistencial

Tem como função principal a compaixão, desenvolvendo mecanismos orientados a manter vivo o indivíduo, reduzindo riscos e sanando deficiências e atendendo as necessidades básicas do mesmo. Atende à dimensão humana da necessidade e aposta na comunicação interpessoal e nas relações humanas.

O Reabilitador

Tem como função principal o reconhecimento, desenvolvendo mecanismos orientados a reactivar a autonomia pessoal, e a autodependência. Atende essencialmente à dimensão individual da necessidade.

O Promotor

Tem a universalização como força configuradora. Desenvolvendo mecanismos orientados a evitar a exclusão social, tenta prevenir os processos marginalizantes e eliminar desta forma as causas do sofrimento humano. Está atento à dimensão estrutural das necessidades e enfatiza a acção transformadora e a generalização dos benefícios sociais.

O Voluntariado de cariz assistencial integra-se dentro da perspectiva do Voluntariado tradicional, de cariz reparador mas sem conseguir evitar a exclusão de facto, dos indivíduos.

O Voluntariado de cariz reabilitador, encontra-se na fronteira entre o Voluntariado tradicional e o “novo” voluntariado, já que ao constatar a exclusão social pretende minimizá-la, superando-a.

O Voluntariado de cariz promotor, representa o horizonte de perspectivas que se abrem ao “novo” voluntariado. É fundamentalmente na perspectiva de que um prévio diagnóstico dos problemas evita a exclusão social, que se enquadra o “novo” voluntário, diagnosticando primeiro para poder agir, de forma a resolver os problemas antes que a exclusão social se torne irreversível. No entanto, isto não significa abandonar os outros tipos de voluntariado, mas sim interrelacioná-los de forma a poder responder à enorme multidimensionalidade dos problemas que enfrenta

A solidariedade não é de facto uma palavra vã mas sim uma palavra activa que constitui hoje um dos espaços de eleição do Voluntariado.

Não restam dúvidas que está a surgir um novo tipo de voluntariado, não só através de um crescimento quantitativo – cada vez são mais os grupos e as pessoas voluntárias – mas também através de mudanças qualitativas – é-se voluntário de outra maneira.

O voluntariado não é um doente terminal, que procure desesperadamente um transplante ou uma vacina de subsistência, mas sim uma instituição social com capacidade de resposta a novas necessidades e de metamorfose em formas radicalmente plurais (Roca, 1994)

O processo de mudança quantitativa e qualitativa tem integrado mudanças sociais profundas na estrutura socio-económica da sociedade que levam a uma metamorfose na própria dinâmica do voluntariado (cf. Roca, 1994):

Em primeiro lugar, enquanto fenómeno histórico, o voluntariado pode ser analisado numa perspectiva evolutiva, desde a acção gratuita de per si, até à formação dos primeiros sindicatos, dos actuais movimentos reivindicativos dos direitos humanos, etc.

O aparecimento e fortalecimento do Estado Providência, veio debilitar a tradição do voluntariado, substituindo o voluntário pelo especialista, e identificando o progresso social com o crescimento dos serviços administrativos, tendo o voluntariado tradicional assumido uma posição de mero satélite de um Estado protector e onipotente que transforma a política social em política puramente administrativa, especializada e competente, de função tipicamente laboral. Desta forma, e numa primeira fase veio transformar as organizações voluntárias em organizações racionalmente burocráticas, onde a eficiência era medida através da análise de um desempenho profissional.

O Estado Providência reforçou a ideia de poder, que tem, ainda hoje, uma base profundamente teológica, daí que o estado surja sempre como a entidade produtora do bem, apoderando-se da ideia de bem comum para legitimar os seus procedimentos.

Actualmente, o Estado Providência vê-se impotente para gerir directamente todos os serviços que o sustentam, delegando para outras organizações o que antes era seu apanágio. Tal como referiu BOBBIO (1988), o modelo ideal para a sociedade que vive em democracia é o de uma sociedade centrípeta, mas a realidade com que nos confrontamos é a de uma sociedade centrífuga, que não possui um só centro, mas numerosos centros. É na tentativa de um enquadramento dentro destes últimos que o “novo”

voluntariado surge como uma das questões mais prementes em resposta aos problemas que o estado Providência não conseguiu, nem consegue solucionar.

Em segundo lugar, outro aspecto importante consiste na análise das mutações sociais que aceleraram esta crise do Estado – Providência. O envelhecimento da população, o tipo de família predominante, o problema da urbanização e da habitação, a modernização do sistema produtivo e o fenómeno migratório vieram desencadear alterações profundas a nível da sociedade civil e que, por sua vez se reflectiram no Estado.

Tendo em conta estas realidades o Estado tende a descentralizar-se. No domínio do social a nova concepção do Estado passa por três aspectos essenciais: o seu apelo constante à iniciativa privada, procurando equilibrar público e privado de uma forma racional e proveitosa, um exemplo desta situação é o dar às empresas privadas a possibilidade de trabalharem em sectores que antes eram exclusivamente públicos; a tentativa de implementar um modelo empresarial nos serviços públicos, permitindo a sua rentabilização evitando desperdiçar recursos; e a desresponsabilização sobre o “fracasso” das políticas sociais sob o pretexto da falta de dinâmica da sociedade civil.

Esta “metamorfose” do Estado pretende, de uma forma camuflada delegar “competências” noutros actores sociais, por forma a gerir uma sociedade de constantes mudanças e complexas interacções.

No entanto e, paradoxalmente, a lógica estatal para o desenvolvimento social tem-se revelado bastante centralista. Actualmente, e pelo facto de se seguir uma lógica de desenvolvimento social planificado, coordenado e regulamentado, corre-se o risco de centralizar os serviços e as políticas sociais, dada a inexistência de instâncias regionais e locais de planificação. É também

a este nível que o voluntariado poderá ser importante tendo em conta a sua participação neste tipo de instâncias.

Em suma, os novos modelos de funcionamento estatal estão também em renovação, e passam essencialmente pela discussão do seu novo papel social.

Em terceiro lugar, integrado neste cenário de mudança, aparece, também, associado à crise do Estado, um novo tipo de pobreza – os novos pobres, que vem acentuar cada vez mais o estigma da exclusão social e que vem realçar a questão da impotência do Estado em relação à gestão dos seus serviços.

Concluindo, a sociedade moderna é vítima de uma estranha ambiguidade. Por um lado necessita do Estado, por outro cria, ou reforça, condições pluralistas alternativas ao Estado.

Embora a Sociedade Providência não seja um fenómeno que surge com o aparecimento do Estado Providência, antes pelo contrário, é muito anterior a ele, é, segundo alguns autores uma alternativa a este último. Esta ideia sugere que, a Sociedade Providência pode actuar nos campos em que o Estado e o voluntariado se têm mostrado insuficientes – na construção de garantias de enfrentamento da exclusão social.

Boaventura de Sousa Santos definiu a Sociedade Providência como sendo *as redes de relações de interreconhecimento, de reconhecimento mútuo e de entre ajuda baseadas em laços de parentesco e de vizinhança, através dos quais pequenos grupos sociais trocam bens e serviços numa base não*

mercantil e com uma lógica de reciprocidade semelhante à da relação de Dom estudada por Marcel Mauss. (Santos, 1994)

De acordo com o autor, a sociedade portuguesa ao não atingir o auge de desenvolvimento do Estado Providência parece ter encontrado uma alternativa, que consiste na sociabilidade moderna, assegurada pela sociedade providência. Os princípios que regem este tipo de sociedade são muito distintos dos que regem o Estado Providência, bem como as suas prestações, mas encontram-se articulados entre si, embora não sejam substituíveis.

A especificidade da Sociedade Providência enquadra-se no campo de actuação do voluntariado, embora dentro do universo das solidariedades primárias, que funciona como um espaço de negociação entre os seus membros, reduzindo as probabilidades de ocorrência de dissensões ou de conflitos e promovendo os compromissos necessários à manifestação e reprodução desse mundo.

A Sociedade Providência tem características comuns ao voluntariado. Aplicada à micro-escala familiar e de vizinhança, caracterizada pela “caridade” e “entreatuda” tem um carácter essencialmente assistencialista e não integrador, resolvendo problemas imediatos sem a preocupação de os erradicar.

Roca (1994) considera a possibilidade de o voluntariado poder desenvolver a sua prática envolvendo um vasto leque de autores, mas ultrapassando os mecanismos de solidariedade primária da Sociedade Providência.

Considera a existência de três sectores: o estatal, onde domina a coerção, o económico, onde domina o lucro e o da comunidade, onde domina o voluntariado. Assim, a acção do voluntariado pode enquadrar-se neste último, ou seja, no terceiro sector, que não é mais do que um conjunto de actividades produtoras de bens e serviços, sem finalidade de lucro, que comportam elementos expressivos e implicação social e que, não só integra as formas de solidariedade primária (famílias) e secundária (voluntários), como também as múltiplas actividades de auto-ajuda.

Este Terceiro Sector cumpre assim, basicamente, as seguintes funções:

- * Iniciar novas ideias e processos – o ambiente é propício para a inovação. A cada momento surgem ideias de como fazer as coisas de modo diferente, e se possível, melhor do que antes, inovando-se em áreas onde os órgãos públicos carecem de reconhecimento ou temem aventurar-se.
- * Influenciar políticas públicas: organizações voluntárias podem testar novas ideias , exercer influência directa na formatação e promoção de políticas públicas.
- * Apoiar minorias ou interesses locais: podem experimentar novas ideias com menos precaução que os governos, podem apoiar causas e interesses que seriam rejeitados por preconceitos ou interesses prioritários das maiorias.
- * Promover parcerias: com frequência as organizações voluntárias estimulam e coordenam actividades nas quais tanto o governo como a empresa privada interagem em prol do bem público.

- * Ajudar outros países: as organizações voluntárias oferecem ajuda em situações onde o auxílio dos governos seria politicamente inaceitável.
- * Promover a cidadania participativa e o altruísmo – uma das mais importantes contribuições das organizações voluntárias, além do que fazem pelos seus beneficiários, é a transformação pessoal dos seus participantes voluntários.

Uma das principais razões apontadas para a participação em trabalhos voluntários, tem a ver com a insuficiência de desafios e realizações nas actividades de vida diárias. Nas empresas em geral não existe uma sensação de missão, nem liberdade de acção suficiente, que se tornem motivadoras, apenas um sentido de conveniência.

Também é comum que as pessoas realizem algumas actividades consideradas *socialmente úteis*, como forma de retribuir à sociedade todo o reconhecimento e experiências adquiridas ao longo da vida, muitas vezes associado a uma necessidade interior de *fazer o bem*, uma satisfação íntima de servir, de estar bem consigo mesmo beneficiando o outro, dando de si, sem esperar nada em troca.

Um outro motivo pode ser o desemprego. É um dos grandes problemas sociais, gerador de exclusão social e marginalidade, nem o Estado nem as restantes organizações da sociedade civil conseguem revertê-lo. Segundo Roca (1994), é nesta linha de pensamento que poderemos visualizar a evolução do voluntariado no sentido do tempo liberto e não do tempo disponível. Desta forma, *o tempo humano já não está determinado pela*

constatação do trabalho produtivo, mas conhece três segmentos: o tempo de trabalho, o tempo de descanso e o tempo liberto. Estes três segmentos estão ligados a uma profunda alteração do carácter do trabalho provocada pelo desenvolvimento tecnológico que reduz cada vez mais os postos de trabalho e a duração da jornada laboral, facilitando desta forma a sua implementação. Cada vez será maior o tempo disponível que não estará hipotecado pelas exigências laborais nem pela procura de descanso. Será esse tempo que vai alimentar a cultura do voluntariado com inúmeras potencialidades inexploradas.

O desemprego de longa duração, a precariedade de emprego, a imigração dos países do Terceiro Mundo, o desemprego juvenil, factos gerados pela economia política poderão encontrar resposta neste novo segmento de tempo.

Desta forma, e segundo Roca (1984), o voluntariado poderá crescer (...) *com o tempo liberto, que se substância sobre uma racionalidade que não é estritamente económica; não nascendo do tempo vazio, que se emprega nas actividades de evasão, nem do tempo desocupado, que possui a amargura da impotência, mas sim do tempo disponível.*

Existem determinados preconceitos na sociedade, quando se vê o voluntariado não como um trabalho mas apenas como um passatempo. Também é comum associar-se o perfil do voluntário ao das senhoras desocupadas e sem especialização.

É frequente afirmar-se que como o voluntário não é remunerado, não podemos exigir nada dele. Hoje em dia, há uma mudança de atitude na forma como se vê este grupo. A constante transformação do voluntário, de amador

bem intencionado a membro não remunerado de uma equipa ou instituição, profissional, treinado, é o progresso visível mais significativo neste sector.

Na relação instituição/voluntário, o espaço para a acção tem que ser um sistema motivador. Deve existir uma política definida, conceitos e objectivos claros, resultados e metas claramente definidos, sistemas de capacitação, aperfeiçoamento, avaliação e motivação constantes. A maior frustração de um voluntário é a falta de organização da entidade/instituição.

O voluntariado começa agora a descobrir a força que tem a organização, assumindo-se formal ou informalmente com o estatuto de grupo organizado. Incorporou a formação contínua e a avaliação sistemática das suas actividades, isto para além de contar com técnicos especializados, que interagem com os voluntários a um nível igualitário.

Enquanto grupo organizado, precisa hoje de descobrir a complexidade dos processos sociais, tomando consciência que já não basta ser apenas voluntário, mas que se devem definir as condições da própria acção social, para não se acabar por legitimar o sistema que se combate.

Desta forma, a lógica de integração do voluntariado leva-o à quebra do isolamento em si próprio e à sua afirmação enquanto grupo organizado, especializado, sem perder de vista o seu carácter humanista. Hoje, o voluntariado consegue pautar a sua acção conjugando o “coração” com a “razão”, o interesse com a gratuidade, o dever e o amor, a organização e a espontaneidade, reforçando desta forma a sua componente teórica e enriquecendo ainda mais a sua componente prática. Estes aspectos que o voluntariado antes considerava inconciliáveis, são hoje uma das suas

especificidades, enriquecendo o seu campo teórico e dinamizando as suas práticas.

Esta lógica de integração, oposta à de exclusão, é pois a grande especificidade do “novo” voluntariado e que, leva a encetar novas práticas que têm em conta outros agentes e organizações sociais.

Mais do que um valor, a caridade é um mandamento, que mobiliza recursos humanos (voluntários) e financeiros (contribuições) para acções filantrópicas, seja em instituições específicas ou nas diversas religiões.

Tanto a militância pelas causas sociais como o voluntariado partem de uma emoção, entre elas a indignação, ou a compaixão. O importante ponto em comum é que ambos se transformem em si mesmos, e assim, em conjunto, os indivíduos, as comunidades, e o país caminhem em direcção à confiança e à solidariedade.

Poderá ser licito pensar em *politizar a acção voluntária* no sentido de não perder de vista as causas reais dos problemas, possibilitando que o voluntário se transforme e transforme o seu ambiente, sentindo-se co-responsável pelas soluções a médio e longo prazo.

Prevê-se um esgotamento dos antigos modelos de voluntariado, ou seja, da simples acção apenas pela boa vontade, e do trabalho somente por motivos pessoais. O trabalho voluntário enquanto exercício de cidadania deve não só procurar a defesa dos direitos, mas também assumir cada vez mais maiores responsabilidades.

3 - ALTRUÍSMO

A criação do termo altruísmo deve-se a Auguste Conte, por oposição ao termo egoísmo. Significa viver para outrem, ou seja, na relação do sujeito nos planos psicológico, metafísico ou moral com outro no sentido de promover o seu bem estar.

A palavra altruísmo deriva do latim *Alter* que significa o *outro*, *outrem* e designa uma disposição favorável aos outros, uma preocupação pelo seu bem estar, pelas suas necessidades, o cuidar de dar ajuda. Opõe-se ao egoísmo e pressupõe uma certa abnegação.

Um acto de ajuda da mais elevada qualidade é um acto altruísta (...). Um sujeito, para exhibir um acto altruísta, deve ser capaz de se colocar na perspectiva do outro em necessidade, empatizar com essa pessoa, reconhecer a natureza da necessidade da pessoa, sentir que tem várias alternativas de acção, prever as consequências do seu acto, agir com intenção e capaz de incorrer em custos sem expectativa de recompensas externas (...) (Bar-Tal, 1986).

Vários autores tentaram distinguir várias formas de altruísmo, embora com um interesse essencialmente teórico, não podemos deixar de as referir de uma forma resumida.

Rosenham (1970) achou por bem distinguir **altruísmo autónomo** (que nada tem a ver com ganhos e custos) e **altruísmo normativo** (exibido para corresponder às normas). Karylowsky (1984) distingue-o em **altruísmo exocêntrico** (orientado para as necessidades da pessoa em dependência) e **altruísmo endocêntrico** (aquele que, em última análise, pretende beneficiar o seu actor). Huesmann e Levinger (1976) distinguiram-no em **verdadeiro altruísmo** e **altruísmo orientado para o próprio** («self-seeking altruism»).

Um indivíduo carente, recebendo altruísmo, resolve, pelo menos momentaneamente, dependências psicológicas e/ou materiais que, por razões diversas, o afectam. Essas dependências podem traduzir-se na necessidade de um simples favor, na dádiva de órgãos importantes que põem em causa a sua sobrevivência, ou de socorro em situações de emergência, onde é possível o risco de vitimização. Da pesquisa efectuada, encontra-se alguma concordância em se aceitar que os indivíduos, depois de se comportarem altruisticamente, experimentam, muitas vezes, uma sensação de bem estar, de competência e de controle. Contudo, a experiência psicológica do indivíduo se sentir nobre e generoso, competente e com controle sobre os eventos não é o único benefício que pode auferir da sua conduta altruísta. Um dos dados mais referidos na literatura é a tendência dos indivíduos retribuírem favores recebidos. Gouldner (1960) afirmou mesmo *que a maior parte da conduta pró social se explica pela norma da reciprocidade, ou seja, pela convicção generalizada que devemos fazer aos outros certas coisas porque as fizeram previamente a nós*. Isto significa que o indivíduo altruísta é aquele que mais probabilidades reúne de, posteriormente, receber altruísmo.

Para além disto, o indivíduo altruísta revela também elevada probabilidade de receber elogio e aprovação social. O reconhecimento social de quem pratica uma “boa acção” ou é “benemérito” para com os outros, sendo valorizado pelas acções altruístas que desenvolve é, quanto a nós, um factor impulsionador deste comportamento. Muitos são os exemplos que poderíamos descrever de “actos de ajuda” que são mediaticamente empolgados e explorados até ao mais ínfimo pormenor, proporcionando um reconhecimento social a quem os pratica, de uma forma, que no mínimo, se poderá considerar exagerada. Temos como exemplo a isenção de impostos e os benefícios fiscais que se podem obter, quando solidariamente se efectuam dádivas financeiras a determinadas instituições de solidariedade social; O reconhecimento, num programa de televisão, de um indivíduo que ajudou a salvar outro, pondo em perigo a sua própria vida; A forma altruística e até aparentemente desinteressada que um país ataca militarmente outro, em defesa dos povos oprimidos e dos direitos humanos, e o modo como é reconhecido como benfeitor da humanidade...

Segundo Wilson (1978) *a conduta altruísta representa, em última análise, uma maior probabilidade de sobrevivência daqueles com quem se tem genes em comum (inclusive fitness). O auto sacrifício em benefício dos descendentes é altruísmo no sentido convencional mas não no sentido genético.* Nesta mesma linha, Trivers (1971) sustenta que *a conduta altruísta para com aqueles que geneticamente estão longe de nós mas com os quais mantemos frequentes interacções – altruísmo recíproco – tem também como finalidade a sobrevivência da espécie.* Para Skinner (1976) *a conduta altruísta*

representa também uma selecção por contingências de sobrevivência, isto é, auxiliamos as pessoas por razões que se relacionam com a sobrevivência da espécie.

Dois autores nos merecem reflexão, pela oposição manifestada ao altruísmo. Skinner (1978) deixa-nos a ideia de que podemos realmente não ajudar os outros fazendo as coisas por eles. *Ajudando o outro em demasia impedimos que adquira certos comportamentos e perpetuamos-lhe a necessidade de ajuda.* Esta ideia vem um pouco de encontro ao provérbio popular “não dê peixes, mas ensina-o a pescar”. Rosen (1984) refere que *a diferença de estatuto que, à partida, existe entre potencial doador (aquele que tem) e potencial receptor (alguém que precisa), ainda mais se acentua quando o potencial doador passa a efectivo doador e o potencial receptor a efectivo receptor.* Como refere Rosen (1984) *o acto altruísta pode promover a desigualdade numa direcção que favorece o doador.*

3.1 – EVOLUÇÃO SÓCIO-BIOLÓGICA

Desde as suas origens que a humanidade sofre conflitos que a dilaceram. Diferenças culturais e histórias, distintas, servem como argumentos e até mesmo como causas, para esses dramas quotidianos.

Cada qual sonha com uma tomada de consciência que ultrapassa a clivagem das culturas e se debruça sobre o homem, sobre a espécie humana na sua totalidade.

Pensando que o homem separa-se do animal essencialmente por uma função “a consciência” e o que esta torna possível, o nosso mundo é o da cultura que criámos, o qual, graças a nós, veio acrescentar-se ao mundo natural, conquistando um novo espaço que é preciso continuar a proteger embora com fluxo sempre poderoso da animalidade e da ordem natural.

A natureza é a ordem de facto, dela não podemos descrever senão o que é. No pensamento evolucionista, existe uma natureza humana que a ética não deve subestimar. No marxismo o homem é o produto das situações; no existencialismo, faz as suas escolhas consoante as situações.

Embora reconhecendo que a ordem social, apresenta propriedades novas em relação à ordem biológica, a tese evolucionista, afirma todavia que o aparecimento do comportamento social, em todas as suas vertentes, deve ser concebido como o resultado de um processo natural de evolução, encontrando nele a influência dos mecanismos que estão no centro da evolução dos seres vivos, e mostrando que existem disposições genéticas que contribuem para o comportamento pró-social. ...os *genes mantém a cultura acorrentada...* (Wilson, 1978)

A teoria da evolução baseia-se no mecanismo da selecção natural, o qual permite a sobrevivência do mais apto, isto é, daquele que se reproduz com mais eficácia. Ao nível dos organismos, essa eficácia reprodutiva traduz-se naquilo a que se chama adequação adaptativa (*fitness*), que designa a

capacidade de um indivíduo transmitir o seu património genético: a sua medida é o numero dos seus descendentes.

As interacções sociais constituem o modo de vida dos indivíduos, influenciando o próprio comportamento individual e social.

Para os biólogos, uma das dificuldades da teoria da selecção natural era compreender como se poderiam ter desenvolvido os comportamentos dito “altruístas”, sendo o termo tomado no sentido biológico onde altruísmo designa *comportamento praticado que procura um beneficio para outros organismos sem expectativa de recompensa de origem externa* (Mecaulay e Bercowitz, 1970)

Custos e benefícios deverão ser aqui entendidos em termos de sucesso reprodutivo e de adequação adaptativa.

O sucesso ecológico das espécies sociais demonstra que o custo imediato é, para o altruísta, largamente compensado pelas vantagens da sociabilidade, ou vida em comum, com efeito esta aumenta as suas hipóteses de sobrevivência e de reprodução, assim como a sua adequação adaptativa global.

O altruísmo biológico, constitui, de certa forma, uma regra natural das relações entre os organismos no interior de uma sociedade, isto é, de um grupo de indivíduos da mesma espécie organizados de modo cooperativo.

Assim, neste sentido, a finalidade não é ética, mas biológica: diz respeito à sobrevivência e à adequação adaptativa e perpetuação do património genético.

O altruísmo está presente no mundo animal e o que importa sobretudo é o facto de poder ser explicado biologicamente. A teoria da evolução demonstra que um elemento importante do próprio comportamento social pode ser concebido como o resultado de uma adaptação dos organismos às imposições do meio, adaptação cujos mecanismos são os da selecção natural e da evolução genética.

Teremos que considerar que na sociedade humana não é excepção. Ora, no caso do homem, o altruísmo faz parte das regras da vida social e na base do comportamento social: só há sociedade na medida em que cada indivíduo consagra uma parte do seu tempo e das suas energias mais a tarefas de interesse colectivo do que a garantir a sua própria sobrevivência. A função do altruísmo será pois também, em ultima análise, uma função adaptativa: é a maneira como o ser humano organiza as modalidades da sua existência, sendo no entanto submetida à lei geral.

O altruísmo serve a vida através de nós. Será, portanto ilusão acreditarmos que beneficiamos do privilégio de decidir sobre a nossa conduta simplesmente pelo facto de termos a impressão de que é assim, que as coisas se passam, porque somos seres dotados de consciência e de vontade, isto é, porque acreditamos dispor livremente de nós mesmos.

Na realidade, a nossa conduta, as nossas sociedades, a nossa cultura e o nosso altruísmo são a resposta que damos, de acordo com os meios que dispomos ou criamos; e sempre utilitárias respondendo às leis da sobrevivência.

Esta utilidade não serve apenas o indivíduo: é através dela, que segundo os evolucionistas, são favorecidos os genes e a sua probabilidade de se reproduzir.

As nossas crenças e os nossos comportamentos terão pois, em última análise, um outro fim que não aquele que lhe atribuímos, não fazendo os nossos sentimentos e os nossos juízos morais senão servir, através de nós, os processos da vida que conduziram até nós e que através de nós se perpetuam.

Esta pequena apresentação permite um enquadramento geral do naturalismo evolucionista, dando um exemplo da maneira como faz o comportamento social derivar de imperativos biológicos ao descrever os mecanismos que permitem a sua justificação no quadro da teoria da evolução. Creio que haverá poucas pessoas que neguem que os sentimentos sociais que nós, homens, experimentamos uns pelos outros sejam num certo sentido um produto da evolução.

Empregar o termo “altruísmo” no sentido biológico é um pouco diferente do seu sentido habitual.

Entendemos altruísmo no sentido habitual o género de emoções ou de obrigações que, por exemplo, sentiria a Madre Teresa de Calcutá a lavar o rosto de um moribundo. Neste caso, a Madre Teresa faz prova de um altruísmo no seu sentido mais puro. Faz qualquer coisa por outrem, porque é bom agir assim. Não espera qualquer retribuição imediata. Mesmo que tal acção vise um prazer imediato ou uma recompensa futura, não é contudo por essa razão que é levada a cabo.

No entanto, quando os biólogos empregam o termo "altruísmo", fazem-no metaforicamente. Querem dizer que os organismos fazem qualquer coisa sem esperar um retorno imediato e talvez até expondo-se a uma desvantagem ou até mesmo a um perigo.

Temos um exemplo de altruísmo biológico quando uma ave fêmea finge ter uma asa partida para arrastar o predador para longe do ninho.

Outro exemplo, o da formiga obreira que assegura o provisionamento da alimentação das larvas ou da rainha, obviamente que no sentido biológico de "altruísmo" não implica que um organismo aja dessa forma porque pensa que uma tal acção é boa ou má.

Alguns filósofos têm criticado fortemente os biólogos pela sua utilização de termos como o "altruísmo" em exemplos, como anteriormente referidos. Mas penso que não têm razão para isso. Certamente que a teriam, se os biólogos usassem o termo "altruísmo" simplesmente num sentido análogo à noção vulgar que se aplica ao caso da Madre Teresa.

Na realidade, parece-nos que o que os biólogos fazem é tomar a noção de altruísmo e empregá-la metaforicamente, sendo, em nossa opinião, perfeitamente legítimo.

Durante os últimos três ou quatro decénios, os sociobiólogos, os biólogos do comportamento, os etólogos têm contribuindo com elementos cada vez mais precisos e pormenorizados que mostram até que ponto o altruísmo está realmente muito difundido.

O altruísmo biológico é sem duvida uma noção coerente, está largamente difundido no mundo animal e é fortemente corroborado pelas teorias biológicas contemporâneas.

Tudo isto nos remete para o caso da espécie humana:

Somos bastante altruístas no sentido biológico e temos fortes razões para o ser.

Não existe um modo de comportamento único e fixo que nos faz reagir de forma altruísta, uns com os outros.

No entanto poderemos segundo Alberoni (1993) justificar de três formas o altruísmo.

A primeira poderá ser puramente inata, coopera-se porque a um determinado nível os genes nos fazem agir assim.

Na segunda forma questionaremos se os humanos poderiam ter evoluído de tal maneira que seguissem numa direcção completamente oposta a linha dura de um determinismo biológico inato. Em particular, nas trocas com os seus congéneres, poderiam agir a um nível cooperativo, mas por puro interesse egoísta bem calculado.

Uma grande parte das nossas vidas é consagrada a cooperar, a debater e a calcular com os nossos semelhantes. Mas é manifestamente falso que tudo o que fazemos tenha motivações racionais. A racionalidade total exige um tempo considerável para calcular a melhor situação.

Numa perspectiva evolucionista, esse tempo tem em si mesmo um custo muito elevado. Assim numa situação de evolução, uma solução rápida e grosseira é mais rápida que a solução perfeita que exige demasiado tempo.

Poderemos suspeitar de que a evolução humana faz de nós máquinas de calcular muito afastadas da perfeição, pelo menos na maior parte do tempo, simplesmente devido ao custo que isso representaria.

Isto conduz-nos à terceira opção possível de altruísmo.

Considerando verdadeira a segunda opção, teríamos sido como os supercomputadores que jogam xadrez. Calcularíamos todos os lances e jogaríamos sempre aquele, que nos permitisse vencer o adversário, mas quando submetidos a condicionamentos de tempo, os computadores mostraram-se limitados. Contudo, as últimas gerações não têm em consideração a totalidade de jogadas possíveis, mas têm implantadas estratégias definidas.

Por outras palavras, possuem algumas estratégias de modo inato, que a partir daí têm uma dimensão de liberdade no que respeita à sua acção. Fazendo uma analogia a nós seres humanos, verificamos que não somos completamente definidos, tal como não somos totalmente racionais, possuindo algumas estratégias definidas no nosso cérebro, conduzindo-nos a ser cooperantes ou altruístas muito eficazes. Temos, em particular, definido no nosso cérebro a inclinação, a necessidade, o desejo ou o sentimento do que é razoável comportarmo-nos de modo cooperativo.

Podendo-nos questionar se para nos tornarmos biologicamente altruístas, a natureza nos ditou de pensamentos literalmente altruístas, para termos disposições inatas, não simplesmente para seres sociais mas também para seres autenticamente morais.

Neste contexto de conduta altruísta de quem dá e quem recebe, poderemos encontrar uma análise de perdas e ganhos.

3.2 – PERSPECTIVA SOCIO-ANTROPOLÓGICA

A diversidade dos costumes parece refutar a ideia segundo a qual o altruísmo terá fundamentos naturais.

As leis da consciência, que dizemos provirem da natureza, nascem dos costumes, tendo cada qual em veneração interna, as opiniões e costumes aprovados e recebidos em seu redor, não pode dispensá-los sem remorsos, nem deixar de os aplicar sem aplauso (Montaigne, 1962).

Os antropólogos contemporâneos propõem ilustrações menos sumárias mas não menos surpreendentes da diversidade cultural, em que incontestavelmente as representações do bem e do mal diferem de cultura para cultura.

Podemo-nos, no entanto, atrever a afirmar que existe uma predisposição inata para adoptar um conjunto de normas, tais como:

- Determinadas normas morais, mas não todas, têm uma componente genética;
- As predisposições inatas podem ser fracas e portanto, facilmente ultrapassáveis por factores culturais e/ou circunstanciais;
- A predisposição inata pode determinar mais a forma abstracta das normas do que o pormenor do seu conteúdo.

Os antropólogos e historiadores interessam-se particularmente por sistemas culturais tais como as doutrinas morais. Estas doutrinas não somente divergem de cultura para cultura, como são, em muitos casos, incompatíveis entre si. Determinadas doutrinas não são um reflexo directo do pensamento dos membros da sociedade, são antes objectos de pensamento. No entanto,

não está excluída a hipótese de estas construções públicas divergirem mais de uma sociedade para outra, do que os estados mentais dos seus membros.

No domínio moral, tal como a conduta altruísta, é necessário, pois passar da observação sociológica a uma caracterização das ideias e dos sentimentos morais, dos indivíduos, antes de começar a argumentar a escolha.

Sob a influência de Jean Piaget e sobretudo de Lawrence as investigações em psicologia moral, concederam uma atenção muito particular ao modo como os sujeitos justificam as suas escolhas morais. Estas justificações são de diferentes tipos, de acordo com a idade dos sujeitos e segundo as suas culturas. A conduta altruísta pode ser justificada se se invocar a opinião pública, uma norma socialmente reconhecida ou um raciocínio que a fundamente.

Em contrapartida, quando práticas contrárias ao altruísmo e às nossas ideias morais emanam de membros de outras sociedades, apressamo-nos – demasiadamente – a apontar-lhes o dedo, atribuindo-lhes ideias morais contrárias às nossas. Em qualquer tempo e em qualquer lugar, considerações de interesse mais ou menos premente, contribuem para determinar as práticas, sejam estas considerações sancionadas ou não pelas ideias morais. Por outro lado, pode haver duas culturas que comportem as mesmas ideias morais, insistindo uma delas muito mais do que a outra sobre o respeito por essas ideias. As práticas nestas duas culturas poderão ser diferentes, mas o conteúdo das ideias morais e conduta pró-social será o mesmo em ambas. A diferença entre as duas atitudes, o egoísmo e o altruísmo, não são directamente pertinentes para julgar o grau de divergência entre as morais humanas.

Faltaria ainda muito para considerar que existe, imperfeitamente exibida nas diferentes culturas, uma moral humana inscrita na nossa constituição biológica. E faltaria ainda mais para considerar, já não de um ponto de vista antropológico mas, desta vez de um ponto de vista ético, que uma tal moral seria correcta apenas por ter uma base biológica. É verdade que, se existisse uma tal moral biologicamente inscrita, ela seria provavelmente incorrigível e, portanto, importaria muito pouco que fosse verdadeira ou falsa.

3.3 – ALTRUÍSMO/EGOÍSMO

Tem o altruísmo um lugar na evolução humana ou é o Homem que o quer fazer crer?

A teoria da evolução das espécies de Darwin defende que os indivíduos de uma população que possui as características mais vantajosas deixam proporcionalmente mais descendentes na geração seguinte; e se essas características se devem a diferenças genéticas que se podem transmitir aos descendentes, a composição genética da população tenderá a mudar, aumentando o numero de indivíduos com as novas características. Desta forma, a população vai-se adaptando às circunstâncias variáveis do meio ambiente. Assim, os seres vivos tendem a aperfeiçoar-se em relação ao meio envolvente, mudando em direcção ao “mais forte”.

A teoria da evolução das espécies argumenta que a evolução dos seres vivos na natureza, se verifica devido à competição e à luta entre os indivíduos. HERRÁN GASCON (1999) refere *os seres vivos evoluem porque não podem deixar de fazê-lo: os seres vivos podem ter ou não esta atitude de competição, talvez possam decidir participar ou não nestas lutas contra outros, no entanto, os que não lutam morrerão ou se reproduzirão em menor grau, pelo que um comportamento pacífico tenderá a desaparecer.*

KROPOTKIN (1970), um dos poucos que critica o Darwinismo, no seu livro "O Apoio Mútuo" destaca que *a suposta incansável luta sangrenta pelos recursos não é tão frequente como Darwin nos faz imaginar, existindo exemplos de colaboração entre os indivíduos agrupados em manadas, famílias, etc. . Observa que nos animais não é tanto a luta pela sobrevivência de uns contra os outros mas uma luta pela sobrevivência numa ambiente hostil, como exemplo, o caso das aves que no Inverno e perante a escassez de alimentos decidem emigrar em grupo para outras terras, em vez de lutar entre elas por uma escassez de alimentos.*

KROPOTKIN acrescenta ainda que *na natureza os animais vivem geralmente em ambientes de grande adversidade, e que a melhor opção é a colaboração e não a competição. (...) A grande maioria dos indivíduos morrem de fome ou devido a mudanças de temperatura, em muitos casos, pouco tempo após o nascimento, numa luta contra o ambiente, mas não contra outros da mesma espécie.*

Alguns insectos, como as formigas, desenvolvem uma estratégia que reforça a teoria do apoio mútuo. Quando uma formiga experimenta uma sensação, ela liberta uma ferohormona que circula no ar e consegue penetrar no corpo de outra formiga, levando a que esta se aperceba, ao mesmo tempo que ela, da sensação em causa.

Um pássaro que emite um grito de alerta quando identifica um predador pode parecer um acto de grande altruísmo ao advertir os outros da presença de um perigo, mas ao mesmo tempo alerta o predador da sua existência. Esta situação levanta outra questão: a selecção natural pode favorecer o acto de um organismo ajudar os seus parentes, mesmo no caso da ajuda significar um grande sacrifício para o próprio organismo. Existem vários autores que defendem a existência de um gene que se transmite para os outros organismos.

Não é fácil para um gene reconhecer cópias de si mesmo noutros indivíduos. Uma forma de aumentar a probabilidade do altruísmo atingir apenas o seu alvo é “mantê-lo em família”. Se eu tenho um gene para um comportamento altruísta, então é mais provável que os meus parentes o tenham do que qualquer indivíduo tomado ao acaso na população. Quanto mais próximos forem os parentes, maior será a probabilidade de que nós partilhemos desse gene; quanto mais distantes, a probabilidade será próxima da de um membro qualquer da população.

Partindo do pressuposto da existência deste gene, se, por exemplo, eu tiver a escolha de salvar a minha própria vida ou as vidas de dois irmãos ou as de oito primos, então (sendo todas as outras variáveis iguais) a selecção natural seria indiferente ao que eu deveria fazer. Um gene para tal

comportamento de poupar a vida com altruísmo iria, em média, proliferar mais cópias de si mesmo do que um gene alternativo para o apego não – altruístico à sua própria vida.

A razão porque não encontramos indivíduos arriscando as suas vidas por uma “quantidade” de primos em segundo grau e porque o auxílio em geral vai apenas numa direcção. Embora a relação genética seja simétrica, os pais estão numa posição melhor para ajudar os filhos do que o contrário, o mesmo vale para os irmãos mais velhos que ajudam os mais jovens.

Como se pode então explicar o comportamento altruísta em indivíduos que não fazem parte da mesma família?

A reciprocidade poderá ser uma resposta. Faço ao outro porque espero que quando precisar venha a ser recompensado. É uma troca de favores altruísticos. Os custos de uma boa acção são recompensados por uma boa acção em troca.

Uma forma de se compreender este problema é pela teoria matemática dos jogos, conhecido geralmente como o dilema do prisioneiro.

Gleitman (1999) descreve este dilema, de uma forma muito clara:

Consideremos o problema hipotético de dois homens presos por suspeita de roubo de um banco. O promotor público precisa de uma confissão para garantir a condenação. Invento um plano diabólico. Falo com os prisioneiros, separadamente, e ofereço a cada um uma escolha simples – confessar ou manter-se calado. Mas diz-lhe que as consequências dependerão não apenas daquilo que ele faça mas também da escolha do parceiro. Se ambos confessarem, ele recomendará uma sentença intermédia de, por

exemplo, oito anos de prisão. Se nenhum confessar, não conseguirá julgá-los por roubo mas acusá-los-á de um crime menor, que é a posse ilegal de arma, e ambos apanharão um ano de prisão. Mas suponhamos que um confessa e o outro não? Neste caso, cada um será tratado de maneira muito diferente. Aquele que confessar receberá uma clemência excepcional por ter fornecido provas ao Estado; terá a sentença suspensa e não irá para a prisão. Ao invés, aquele que se mantiver calado sentirá a força total da lei. O promotor público recomendará a pena máxima de vinte anos.

Tabela 1 – Matriz de ganhos e perdas do Dilema do Prisioneiro

		Prisioneiro B	
		Fica calado	Confessa
Prisioneiro A	Fica calado	1 ano para A 1 ano para B	20 anos para A B libertado
	Confessa	A libertado 20 anos para B	8 anos para A 8 anos para B

Tal como a situação é montada, existem quatro combinações possíveis de que os prisioneiros podem fazer. Ambos podem ficar calados: o prisioneiro A pode confessar mas B não; B pode confessar mas A não; ambos podem confessar. Cada um dos quatro conjuntos de decisões têm uma consequência ou resultado diferente para cada um dos dois prisioneiros. Os quatro conjuntos de decisões e os resultados associados a cada um dão a chamada matriz de ganhos e perdas, como se mostra na tabela 1.

Dada esta matriz de ganhos e perdas, que podem fazer os prisioneiros? Se ambos permanecerem calados, a consequência é razoavelmente boa para eles. Mas como pode um ter a certeza de que o parceiro não o trai? Se A mantém silêncio, B conta tudo, B ainda fica melhor do que ficaria se ambos se mantivessem calados; livra-se totalmente da prisão, ao passo que o pobre A silencioso apanha 20 anos. Poderá A correr o risco de pensar que B não o confessará? Inversamente, poderá B correr este risco em relação a A? O melhor palpite é o de que ambos confessarão. O promotor público conseguirá a sua condenação, e ambos os homens apanharão 8 anos.

Em certo sentido, o comportamento do prisioneiro é inadaptado pois o resultado está longe de ser óptimo para cada um. Isso, todavia, não significa que qualquer deles se tenha comportado irracionalmente. Muito pelo contrário. Paradoxalmente, cada um escolheu o curso de acção mais racional, se considerarmos que nenhum poderia ter a certeza de como iria decidir o seu parceiro. Cada indivíduo agiu tão racionalmente quanto possível: o irónico desfecho foi o resultado insatisfatório para cada um deles. No melhor dos mundos, teriam podido confiar um no outro, ter-se-iam mantido em silêncio e ficado na prisão por um período de tempo muito mais curto. (Mas no melhor dos mundos possíveis eles nunca teriam roubado o banco).

4 – VALORES / PADRÕES CULTURAIS NOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

Valor é algo que pode ser considerado "indefinível". Pode ser descrito com mais ou menos fidelidade. Como refere HESSEN (1980) o *conceito de valor não pode rigorosamente definir-se. Pertence ao numero daqueles conceitos supremos (...) que não admitem definição, por isso apenas podemos descrevê-lo mais ou menos fielmente. É pela via do sentimento como consciência íntima, como sensibilidade ou faculdade de sentir, que passa o amar e o odiar, o gostar e o desgostar, para citar só estes, como formas perceptíveis de transmitir a sentimentalidade, uma vez que um dado objecto ou fenómeno pode não ter precisamente o mesmo significado para todos.*

Este é um aspecto do bem, tanto no plano fenomenológico, como no ontológico, e o seu emprego na linguagem corrente pode ter significados como os de a vivência de um valor, a qualidade de valor de uma coisa ou a própria ideia de valor em si mesma (VERBO, 1976).

Definindo-se no plano formal por oposição, este apresenta uma certa bipolaridade, isto é, um polo negativo e um polo positivo (bom/mau; belo/feio, etc.). Destaque-se o bem e o mal, o eterno dualismo do figurino humano que nunca deixou de acompanhar o homem quando se confronta com os valores morais, os que afectam o sujeito naquilo que ele é mais ele mesmo, o exercício da sua liberdade (VERBO, 1976)

O sentido actual acrescenta a esta noção a referência a um sujeito. Nesta medida a noção de valor é "vasta", inscrevendo-se quer nos campos da consciência, quer da psicologia, quer da personalização da formação intelectual do indivíduo. Nesta medida, CAMPOS (1991) salienta *a importância dos valores na formação individual, sendo insuficiente à formação pessoal e social a aquisição de saberes proporcionados pelas disciplinas tradicionais.*

Pela vivência dos valores, o homem fica mais enriquecido, expõe a sua interioridade no que ela tem de mais humano, aqui a expressão, juízo de valor, tem o melhor dos significados.

Expressar juízos de valor, faz parte da essência do ser humano, quando se debate entre o conhecer e o querer, o bem e o mal, o positivo e o negativo ou o anti-valor, para dar às pessoas, às coisas e aos assuntos um sentido próprio.

Ao formular juízos de valor, o homem vai ao encontro das suas necessidades espirituais, uma vez que insere no valor moral tudo aquilo que satisfaz as suas necessidades ou exigências morais. Deste modo o homem irá pô-las em prática, como actor humano, que se tornam realidade como acção moral, por considerar que o valor é sem dúvida algo que é objecto de uma experiência, de uma vivência.

Contudo ao analisar a escala de valores é um erro rotular pessoas, uma vez que pode cair-se num esteriótipo, ao dar-se uma imagem mais apaixonada do que é a essência do indivíduo por não se estabelecer um campo realista para a avaliação dos atributos de qualquer pessoa, coisa, situações ou assunto particular. Surge assim uma má interpretação do comportamento de uma

determinada pessoa, ou seja, um julgamento ou opinião formada sem o devido exame dos factos.

O valor social tomado no sentido consensual ou dominante, identifica-se com a maneira de ser, pensar e agir, o comportamento mais válido para estruturar o social e transformar o comportamento humano.

Em sentido filosófico, HESSEN (1980), citando KANT, escreveu a *consciência moral torna-se a verdadeira pátria dos valores éticos, uma vez que à uma coincidência entre o ser e o bem, um certo dualismo do ser e do valor.*

Quando esse dualismo está em causa, quando deixa de ser racional para actuar por inclinação, sentimentos ou impulsos, o indivíduo deixou de actuar em conformidade com as regras que são aplicadas por todos, não respeitando o acordo de princípios que a pessoa é capaz de defender como sendo universalizáveis.

FONDEVILA (1985) refere que *valor é uma qualidade do ser: este ser (pessoa ou coisa) ao possuir essa qualidade, se faz desejável ou estimável às pessoas ou aos grupos.*

É essa padronização que, ao medir a importância relativa que as pessoas dão aos seus valores, impede atitudes ou normas de procedimentos estereotipados no sentido que a generalização abusiva de um certo valor para um determinado grupo, uma certa categoria social é lesiva desse mesmo valor.

Na situação concreta dos bombeiros, o cidadão elabora juízos de valor. Fá-lo numa escala de valores com muito de subjectivo, mas dentro duma apreciação normativa de ordem moral ou vital. O seu julgamento é feito em função dos dados relativos à sua atitude e aos valores humanos que considera deverem existir. Assim, segundo o comportamento do bombeiro o cidadão faz

uma análise ora benévola, ora implacável, na medida em que mede ou avalia uma acção precisa, podendo ser ou não, centrada na sua pessoa.

É de salientar a necessidade cultural e a experiência vivida nos limites do tempo das várias escalas de valores aprendidas junto de fontes humanas uma vez que são compartilhadas por grandes segmentos de uma sociedade e que se identificam, até certo ponto, como padronização cultural dessa mesma sociedade.

FRAGA (in LOGOS, 1992) refere que *um valor é sempre uma relação entre um objecto e um padrão utilizado pela consciência que avalia uma acção realizada ou a realizar*. Daí o conceito abstracto de valor, na medida em que se serve de um referente social quando se justifica o próprio comportamento em relação aos outros ou a si próprio, ou para julgar o comportamento dos outros.

O valor ético é inerente à própria pessoa, ao sujeito humano, à espiritualidade do homem. Tem por isso um imperativo absoluto e uma experiência, tu deves fazer ou não deves fazer, ou seja, a consciência, a racionalidade toma sempre parte na formulação.

Qualquer que seja a cultura, existem valores éticos que se podem expressar e nesse sentido, têm a dimensão de universais. Nesta medida abrangem todos os homens ao constituírem normas, critérios de conduta, que são extensíveis às formas de vida que o homem realiza. Este, em principio, não se deve opor a esses valores.

Dada a relatividade e concretização dos valores, uma vez que dependem da sociedade, do lugar e do tempo, torna-se difícil definir se há crise de valores, isto é, se são os valores que deixaram de existir, ou se é o homem

que está em crise e não os valores em si, pese a carga subjectiva que o homem confere ao valor.

KANT, citado por QUERÉ (1991) refere que ao desenvolver a actividade *age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa, como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como um fim e nunca simplesmente como um meio.*

Estas palavras podem ser consideradas como as que melhor definem a essência dos valores, o valor da pessoa em si e a maneira como nós devemos lidar com ela.

Não se pode falar de ética sem abordar a moral, porque a ética é a *ciência da moral e analisa os fundamentos teóricos dessa mesma moral*, enquanto que se considera a moral como *a parte da filosofia que analisa o problema da acção e as regras que condicionam essa acção*, ou seja, *sendo a ética a ciência da moral, a moral é a praxis da ética* (cf SOUSA 1982). Segundo esta autor, ao se analisar o comportamento profissional dever-se-á aplicar preferencialmente o conceito de ética.

A ética tem a ver mais com a pessoa, como ser individual e com a maneira como se aplica.

QUERÉ (1991) refere que *a ética define os valores e procura os fundamentos para medir as acções dos homens, e a moral ao anunciar as leis, incide sobre a prática do bem.*

Neste sentido, a moral estabelece as normas de uma sociedade e a ética fixa os princípios gerais. Assim, em sentido lato, a ética procura a definição de princípios de conduta que conduzem ao respeito pela dignidade

humana, estando por isso ligada à noção do bem e do mal, da consciência, da intenção, da escolha dos direitos e dos deveres, bem como das responsabilidades.

A ética é um assunto de todos, fundamentada cada vez mais em princípios invioláveis, mas que serão cada vez mais necessários no futuro na medida em que se torna indispensável reflectir com antecipação sobre os problemas que fragilizam, desmoralizam e tornam vulneráveis o corpo social.

Nas sociedades humanas, podemos distinguir a dimensão colectiva das instituições e dos processos globais e a dimensão individual das biografias e dos quotidianos pessoais. Estes aspectos aglomeram-se e interrelacionam-se, formando uma trama una e indivisível, a vida social. Esta é, assim, estruturada por aqueles. A Instituição dos Bombeiros é, logo, na sua especificidade, um campo estruturador de toda a vida social. Se repararmos nos relacionamentos que se estabelecem no trabalho, na família, no ensino ou nos tempos livres, nas esferas da economia e da política, na organização social do espaço e do tempo, nos sistemas de desigualdades sociais, o campo da intervenção dos bombeiros relaciona-se, múltipla e profundamente, com todos estes vectores da estrutura/sistema social, numa reciprocidade de estruturador e estruturado. Temos ainda, de admitir que as formas e formulações do imaginário social – as estruturas culturais, os sistemas de normas, representações e valores, as correntes ideológicas, as configurações de sentido – estejam, também, em articulação, a vários níveis e através de mediações diversas, com o mundo dos bombeiros.

Desenham-se assim, nos indivíduos e nos grupos, quadros de valores e sistemas de disposições: os modelos culturais. Estes são, assim, normas de relações diárias estruturadas, às quais se reportam os bombeiros nos intercâmbios, na comunicação quotidiana e na vivência das suas várias formas de comunidade. Um modelo cultural pode ser definido como um padrão coerente e estruturado de regras de relações interpessoais, colectivas e hierárquicas, que determina, as diversas formas de actuação dos actores sociais, as práticas sociais dos bombeiros.

Os modelos culturais no trabalho diferenciam-se, não só conforme as trajectórias pessoais e as qualificações profissionais dos indivíduos, mas também consoante os sistemas ideológicos, os processos de trabalho, as morfologias organizacionais, as redes de interacção e os estilos de gestão das organizações onde trabalham (cf SAINSLIEU, 1977).

O modelo cultural de **unaninismo** ou **fusão** pode ser encontrado entre operários pouco qualificados, que desempenham uma actividade parcelar, sem terem uma visão de conjunto da produção e sem terem participação nas tarefas de concepção, preparação e coordenação do trabalho. Estabelecem-se bastantes relações entre os colegas, mais afectivas do que cognitivas. O modo de funcionamento do grupo de colegas na situação antes descrita é do tipo fusional, com dificuldade de aceitação de opiniões minoritárias e com unanimismo nas decisões colectivas. As opiniões são formadas com base na identificação com um líder (formal ou informal). No relacionamento hierárquico manifesta-se um forte respeito pela autoridade das chefias, sendo a pretensão de autonomia profissional e o grau de profissionalismo reduzidos. A atitude em relação à empresa ou à organização é muito variável. Vai da integração, com

forte identificação com a organização, à completa oposição à integração. A este modelo cultural corresponde um comportamento que oscila entre períodos mais ou menos prolongados de passividade e momentos de explosão reivindicativa.

Outro modelo cultural é o da **solidariedade crítica**, **solidariedade democrática** ou, mais genericamente, da **negociação**. Pode ser encontrado entre operários altamente qualificados, que combinam uma aprendizagem prática no local de trabalho com ensino técnico-profissional, que desempenham tarefas que requerem grande perícia criativa e um espectro mais ou menos alargado de saberes técnicos, e que têm uma intervenção indirecta na sequência produtiva. As relações interpessoais são numerosas, sendo, não só afectivas, como também acentuadamente cognitivas. É permanente a discussão crítica de diferentes pontos de vista. Aliás, uma dinâmica de solidariedade de grupo associada à percepção das diferenças, à aceitação de posições minoritárias e à tomada de posições colectivas por meio de debate de ideias e dos processos democráticos de decisão, são traços nucleares deste modelo cultural.

Outro elemento importante é a rejeição da imposição hierárquica de autoridade em todos os planos, desde o da orientação e supervisão do trabalho ao do relacionamento com os colegas. O profissionalismo é elevado e a exigência de autonomia também, o que resulta em frequentes conflitos com as chefias, sendo marcante a oposição à integração na organização. A alta qualificação, assente no ofício que desempenham, concede-lhes uma grande mobilidade profissional entre as empresas.

O modelo cultural do **separatismo estratégico** ou **afinidades selectivas** pode ser encontrado entre outras modalidades de trabalho operário qualificado, trabalho que consiste na execução de tarefas centrais e de coordenação, no conjunto do processo de fabrico, tarefas que são realizadas individualmente ou por pequenas equipas. A aprendizagem da profissão faz-se, predominantemente, no local de trabalho, o que implica difícil mobilidade profissional entre empresas. A mobilidade é, fundamentalmente, interna e muito favorável, a ela se associando um necessário profissionalismo e uma autonomia objectiva. A estas situações de trabalho tende, assim, a corresponder um modelo cultural de separatismo ou afinidades selectivas, em que as relações grupais são reduzidas a favor de relações interpessoais com um pequeno número de colegas, pares, tendo estas um conteúdo predominantemente cognitivo. É, também relevante a importância atribuída às funções técnicas e de coordenação das chefias: a principal qualidade que se espera encontrar num chefe é que seja bom técnico. Costuma ser acentuado o sentimento de integração na empresa.

Um quarto modelo cultural é o **retraimento**. Ocorre, maioritariamente, nas situações de trabalho mais desqualificadas e em categorias de operários cujas referências identitárias principais se encontram mais no exterior do que no quadro das relações de trabalho. É o que acontece, particularmente, com mulheres, jovens, migrantes de origem rural e estrangeiros, nomeadamente imigrantes de países africanos. Estabelecem poucas relações como os colegas no trabalho, tendem a afastar-se das dinâmicas de formação de grupos no contexto da organização, mantêm-se numa relação de dependência do chefe hierárquico, pelo qual passa o essencial das suas relações de trabalho.

Sendo estes quatro elementos os principais tipos de identidade colectiva que se têm vindo a constituir no operariado, pode-se estender esta análise a outras categorias profissionais e a situações de trabalho não operárias. É assim que têm sido referenciados modelos culturais de individualismo (combinando elementos das culturas de retraimento e de fusão) e de compromisso (entre a fusão e a negociação) nos empregados de escritórios e serviços, um modelo de afinidades selectivas nos técnicos intermédios ou, ainda, modelos de integração (variante da cultura de fusão com referência identitária predominante à organização) e de estratégia (entre afinidades selectivas e negociação) nos quadros das empresas e organismos públicos. (cf SAINSLIEU, 1977).

5 – CARACTERIZAÇÃO DOS BOMBEIROS PORTUGUESES

Pretendemos neste capítulo, efectuar uma caracterização dos efectivos pertencentes às Associações e Corpos dos Bombeiros do País, baseado num trabalho da autoria da socióloga Susana Teixeira Bastos para o Serviço Nacional de Bombeiros e que decorreu no período compreendido entre Maio de 1997 e Fevereiro de 1998.

Foi o primeiro, e que se saiba, o único estudo efectuado com os seguintes objectivos:

- * Recensar todo o universo potencial de beneficiários do Estatuto Social do Bombeiro;
- * Fazer a caracterização sociográfica e geodemográfica da população alvo do estudo.

Assim, todos os resultados apresentados neste capítulo, foram colhidos no estudo acima referido.

Quadro 1 – Repartição da população por sexo

Sexo	F	%
Masculino	15105	92.1
Feminino	1295	7.9
Total	16400	100.0

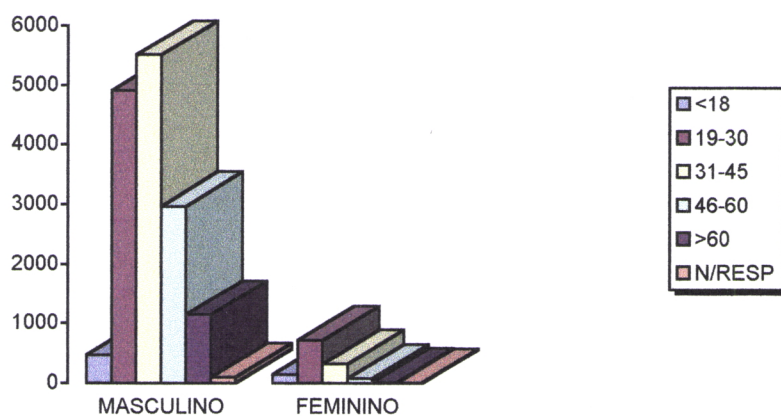
Podemos verificar que os bombeiros portugueses são maioritariamente do sexo Masculino (92%), com apenas 8% do sexo Feminino no activo.

Quadro 2 – Caracterização do efectivo por escalões etários

Escalões	Homens	Mulheres	Total
- 18 anos	472	147	619
19 a 30 anos	4912	716	5628
31 a 45 anos	5508	321	5829
46 a 60 anos	2969	82	3051
+ 60 anos	1148	18	1166
N/Responde	96	11	107
Total	15105	2965	16400

Quanto aos escalões etários dos efectivos é de referir que a moda de idades se situa entre os 31 e os 45 anos. Esta situação altera-se em relação às mulheres, já que para estas a moda se situa na classe dos 19 aos 30 anos. De salientar que grande parte das mulheres (91,4%) têm menos de 45 anos, o que poderá ser visto na perspectiva de uma “revolução de mentalidades”, quer por parte da sociedade portuguesa quer mesmo por parte das organizações profissionais e voluntárias, ao evidenciarem nos dias de hoje, uma abertura a este sexo, opção que num passado não distante lhes era vedado.

Gráfico 1 – Representação gráfica do quadro 2

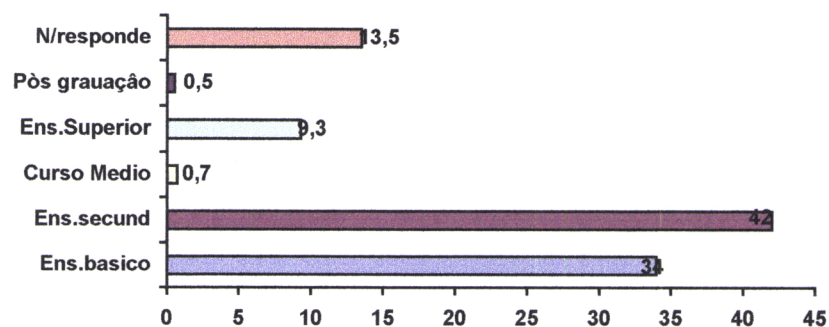


Quadro 3 – Grau de instrução dos efectivos, que se encontram em actividade escolar

GRAU DE INSTRUÇÃO	F	%
Ensino Básico	630	34.0
Ensino Secundário	777	42.0
Curso Médio	14	0.7
Ensino Superior	172	9.3
Pós Graduação	1	0,5
N/Responde	252	13.5
Total	1846	100.0

Da totalidade da população, apenas 1846 indivíduos (11,3%) se encontram com actividade escolar, conciliando-a com o trabalho de bombeiro. Os resultados apresentados revelam uma população com um nível cultural baixo, sendo que 76,2% dos efectivos frequentam o Ensino Básico e Secundário.

Gráfico 2 – Representação gráfica do quadro 3

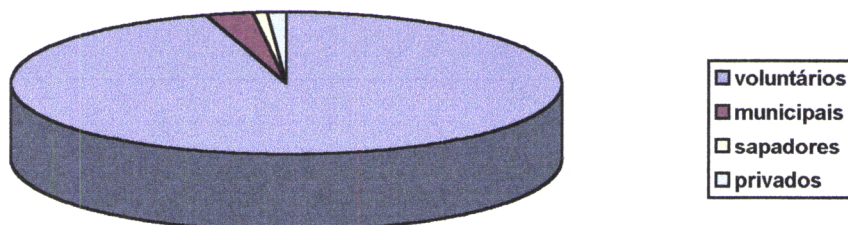


Quadro 4 – Distribuição do efectivo / tipo Corpo dos Bombeiros

TIPO DE BOMBEIRO	F	%
Bombeiros Voluntários	15646	95.4
Bombeiros Municipais	445	2.7
Bombeiros Sapadores	148	0.9
Bombeiros Privados	161	1.0
Total	16400	100.0

No quadro 4 podemos verificar que a esmagadora maioria dos efectivos (95,4%) são bombeiros a prestar serviço em regime de voluntariado, apresentando as restantes categorias valores pouco expressivos.

Gráfico 3 – Representação gráfica do quadro 4

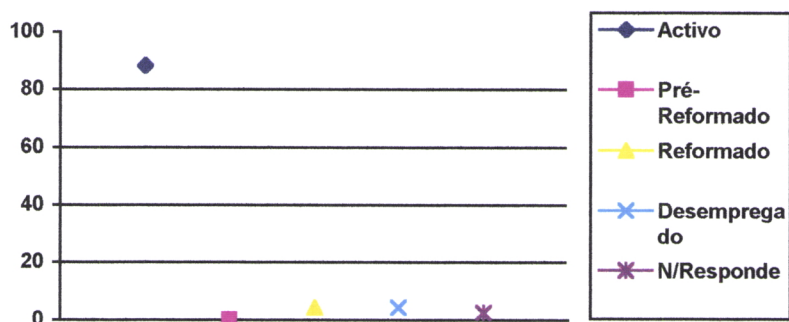


Quadro 5 – Repartição do efectivo por situação profissional

SITUAÇÃO PROFISSIONAL	F	%
Activo	14477	88.3
Pré-Reformado	20	0.1
Reformado	744	4.5
Desempregado	733	4.5
N/Responde	426	2.6
Total	16400	100.0

A leitura do quadro 5 mostra de forma nítida que 88,3% dos efectivos estão na sua maioria activos, perante uma panóplia de profissões. De salientar ainda que 4,5% dos indivíduos se encontram numa situação de desemprego.

Gráfico 4 – Representação gráfica do quadro 5



Quadro 6 – Repartição do efectivo activo por sector profissional

SECTOR DE ACTIVIDADE	F	%
Primário	217	1.4
Secundário	4632	28.2
Terciário	9634	58.7
N/Responde	1917	11.7
Total	16400	100.0

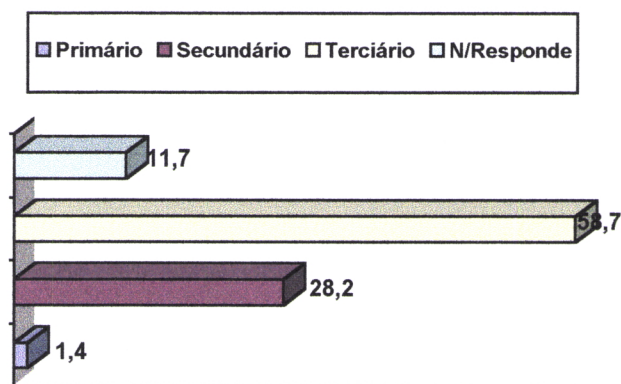
Relativamente ao sector profissional a que os efectivos pertencem, podemos verificar que grande parte (58,8%) desenvolvem a sua actividade profissional principal no sector terciário, logo seguido do sector secundário (28,2%) e do sector primário com apenas 1,3%. De referir que 11,7% não responderam a esta questão.

O facto da maioria dos efectivos se encontrar no sector terciário, pode ser devido à grande concentração de indivíduos nas cidades, onde predomina este sector de actividade.

Existe uma diversidade de profissões, um leque extenso e variado, sobressaindo um grupo de ofícios tradicionais situados sobretudo no ramo da construção civil – pintores, pedreiros, carpinteiros, serralheiros, trolhas, entre outros – e um grupo mais alargado constituído na sua essência por prestadores de serviços – bancários, profissionais de seguros, funcionários da administração pública, etc. – ligados a uma entidade patronal.

Apenas um pequeno numero se conseguiu estabelecer por conta própria e destes foram-no essencialmente no comércio.

Gráfico 5 – Representação gráfica do quadro 6

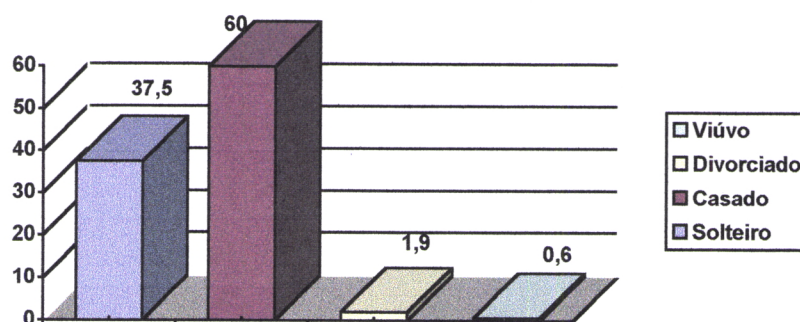


Quadro 7 – Estado civil do efectivo

ESTADO CIVIL	F	%
Solteiro	6142	37.5
Casado	9833	60.0
Divorciado	309	1.9
Viúvo	116	0.6
Total	16400	100.0

Relativamente ao estado civil, a maioria são casados (60%), logo seguido do grupo dos solteiros com 37,5%. Os divorciados e viúvos apresentam valores pouco expressivos.

Gráfico 6 – Representação gráfica do quadro 7



5.1 – UM CASO PARTICULAR – BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE PORTALEGRE

Em 1887 surgiu a primeira tentativa de formação de um corpo de bombeiros voluntários em Portalegre.

No ano de 1898, Portalegre conhecia alguns incêndios de grandes dimensões, que provocaram o pânico na população e que pesaram de uma forma decisiva na fundação da corporação de bombeiros. Assim, foi formalmente constituída a Associação de Bombeiros Voluntários de Portalegre, no dia 19 de Dezembro de 1898, com a elaboração dos seus primeiros estatutos.

O Alvará que conferia existência jurídica à Associação de Bombeiros Voluntários de Portalegre tem a data de 28 de Fevereiro de 1899.

O primeiro registo de ocorrência foi a 28 de Dezembro de 1898, parecendo indicar que se tratou de um incêndio num estabelecimento comercial.

No início do ano seguinte, foi iniciada instrução, a cargo do comandante da Associação de Bombeiros Voluntários de Coimbra, como nos refere VENTURA (1999) *...a 7 de Fevereiro de 1899, no edifício da Fábrica Real, realizou-se a primeira instrução dirigida por José Simões Pais, Comandante dos Bombeiros Voluntários de Coimbra.*

VENTURA (1999) refere ainda *...a apresentação pública efectuou-se em 25 de Março do ano seguinte, nos jardins do palacete dos Viscondes do Reguengo, ao Corro (...) foi a estreia da corporação, cujos componentes se apresentaram fardados de ganga, devido às limitações orçamentais. ...causou*

a mais grata impressão a maneira correcta por que foram desempenhados todos os trabalhos, sendo funda e viva a causada pela coragem e sangue frio e perícia com que foram executados os trabalhos salva-vidas.

Um anos após a sua fundação, a Associação de Bombeiros contava com um efectivo de 43 bombeiros e 33 auxiliares.

A Associação foi-se desenvolvendo progressivamente, desde a construção de um quartel até à criação, em Março de 1919, de uma secção especial de ambulâncias e de maqueiros.

Ao longo da sua existência, a Associação de Bombeiros Voluntários de Portalegre participou em muitas e variadas actividades locais e nacionais, tendo recebido várias condecorações. A mais honrosa foi como nos refere VENTURA (1999) *...em 18 de Janeiro de 1928, a Associação de Bombeiros Voluntários de Portalegre era considerada de utilidade pública, declaração que antecedeu a atribuição de outra condecoração, a mais alta na hierarquia das condecorações nacionais, a Torre e Espada, concedida por decreto de 31 de Maio de 1928 e colocada no estandarte da Corporação a 6 de Junho daquele ano, durante a visita a Portalegre do Presidente da Republica, General Carmona. Na Avenida da Liberdade, perante todo o corpo activo em formatura, autoridades e muito povo, O Chefe do Estado fez depois entrega do respectivo diploma, e saudou, em termos calorosos a corporação agraciada...*

Com o passar dos tempos, a cidade de Portalegre desenvolveu-se. Primeiro foram os chamados «bairros novos», a cidade nova, com vivendas, os colégios e o Seminário. Depois foi o bairro do Atalaião e, já nos anos setenta, o bairro dos Assentos. As freguesias rurais cresceram como cresceu a industria, com a ampliação de instalações fabris e a criação de novas fábricas.

A 14 de Outubro de 1984 foram inauguradas as novas instalações, dotadas de todas as infra-estruturas necessárias ao funcionamento da Associação, que ainda se mantêm.

Os cem anos de história da Associação de Bombeiros Voluntários de Portalegre confundem-se com a vida da cidade e da região. Longe de ser uma Instituição à margem da população, ela sempre se confundiu com ela, num exercício vivo e dinâmico de cidadania e de sociabilidade.

Actualmente, a Associação de Bombeiros Voluntários de Portalegre dispõe de 147 efectivos. Para caracterizar os seus recursos humanos, foram recolhidos alguns dados existentes nos ficheiros individuais da associação.

Assim:

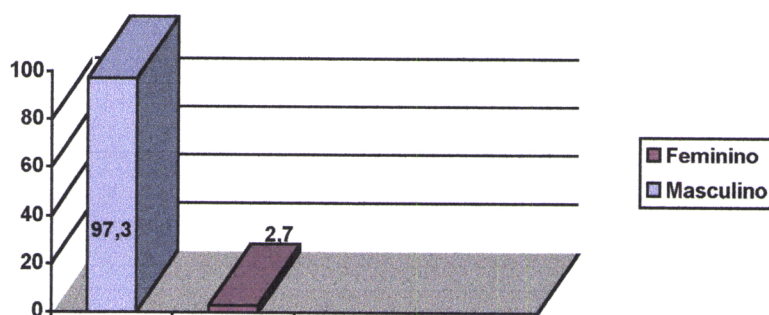
Quadro 8 – Distribuição da população por sexo

SEXO	F	%
Masculino	143	97.3
Feminino	4	2.7
Total	147	100.0

Como se observa no quadro 8, o pessoal de quadro desta Associação é predominantemente masculino (97.3%), sendo apenas 2.7% de mulheres. Informalmente, pudemos constatar que as mulheres têm funções um pouco

diferentes das dos homens, ocupando-se principalmente da central de comunicações e raramente participam em actividades operacionais.

Gráfico 7 – Representação gráfica do quadro 8



Quadro 9 – Distribuição da população segundo a idade

IDADE	F	%
16 - 20	18	12.25
21 - 25	21	14.28
26 - 30	24	16.33
31 - 35	24	16.33
36 - 40	18	12.25
41 - 45	15	10.20
46 - 50	6	4.08
51 - 55	4	2.72
56 - 60	2	1.36
≥ 61	15	10.20
TOTAL	147	100.00

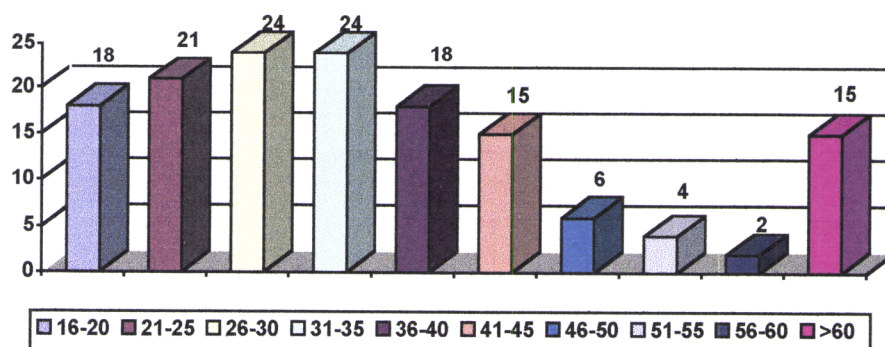
A idade dos bombeiros varia entre os 16 anos (limite inferior) e os 81 anos (limite superior), sendo a média de 35.67 anos.

É no entanto curioso referir, que a maior parte se encontram abaixo dos 35 anos (59.19%), sendo a classe modal dos 26 aos 30 anos e dos 31 aos 35 anos.

Todos os elementos do quadro honorário têm idade superior a 63 anos, o que condiciona os valores da média.

Globalmente pode-se afirmar que é uma população bastante jovem, podendo ser entendido como um factor motivador à participação voluntária.

Gráfico 8 – Representação gráfica do quadro 9

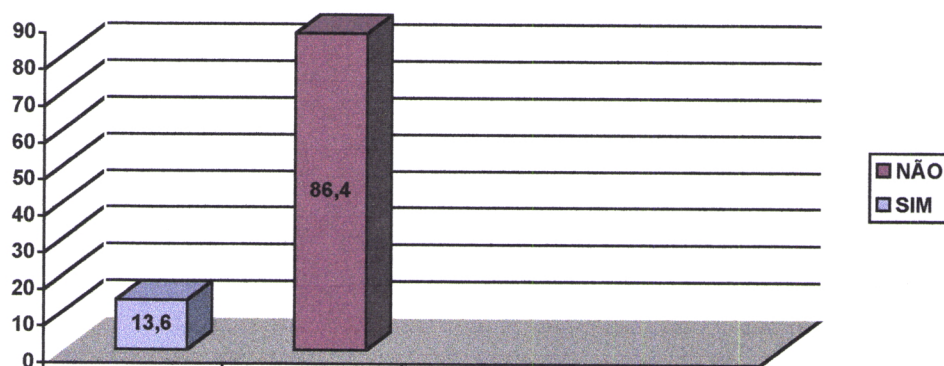


Quadro 10 – Distribuição da população segundo a existência ou não, de actividade escolar

ACTIVIDADE ESCOLAR	F	%
Sim	20	13.6
Não	127	86.4
Total	147	100.0

No quadro 10 podemos observar que apenas 13.6% dos Bombeiros mantêm actividade escolar actualmente. Se tivermos em consideração que 16 elementos (10.9%) são apenas estudantes, não desenvolvendo qualquer actividade profissional, podemos concluir que apenas 2,7% se mantêm com actividade escolar paralela à sua actividade profissional.

Gráfico 9 – Representação gráfica do quadro 10



Quadro 11 - Distribuição da população segundo o grau de instrução

GRAU DE INSTRUÇÃO	F	%
4ª Classe	56	38.1
6º Ano	46	31.3
9º Ano	21	14.3
11º Ano	10	6.8
12º Ano	4	2.7
Bacharelato	5	3.4
Licenciatura	5	3.4
Total	147	100.0

Como forma de complementar o quadro anterior, procuramos identificar o nível de escolaridade desta população.

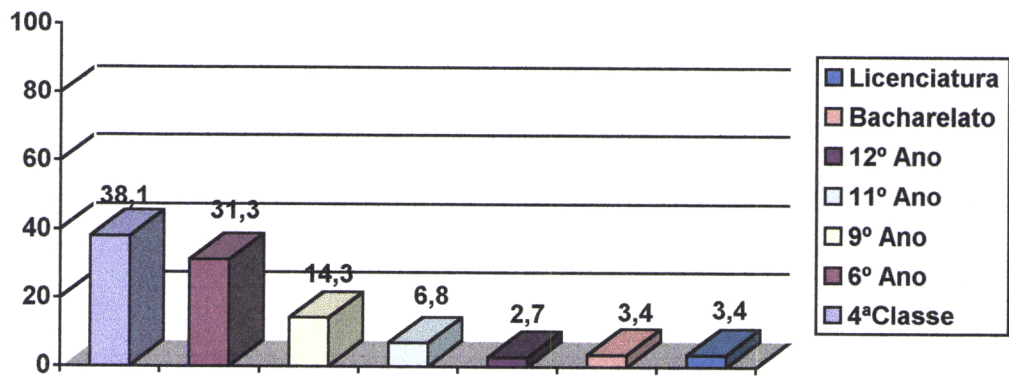
Pelo quadro 11 podemos verificar que a maioria dos indivíduos possui escolaridade inferior à actual escolaridade obrigatória (83.7%).

38.1% possui apenas a 4ª classe, havendo situações em que esta não foi totalmente concluída, ficando-se pela 3ª classe, e 31.3% possui o equivalente ao 6º ano. De realçar, que apesar do baixo nível de escolaridade encontrado, não se identificou nenhum caso de analfabetismo.

Pelo contrário, apenas 3.4% possui licenciatura ou está em vias de a concluir. O mesmo valor foi encontrado para o bacharelato.

Os bombeiros que se encontram a frequentar actualmente a escola, situam-se, na sua maioria, entre o 11º e o 12º ano de escolaridade.

Gráfico 10 – Representação gráfica do quadro 11



Quadro 12 – Distribuição da população segundo o tipo de bombeiro

TIPO DE BOMBEIRO	F	%
Voluntário	147	100.0
Total	147	100.0

Ao avaliar o tipo de bombeiro, verificou-se que todos eram voluntários, não se verificando outras situações, como municipal, sapador, remunerado, entre outros.

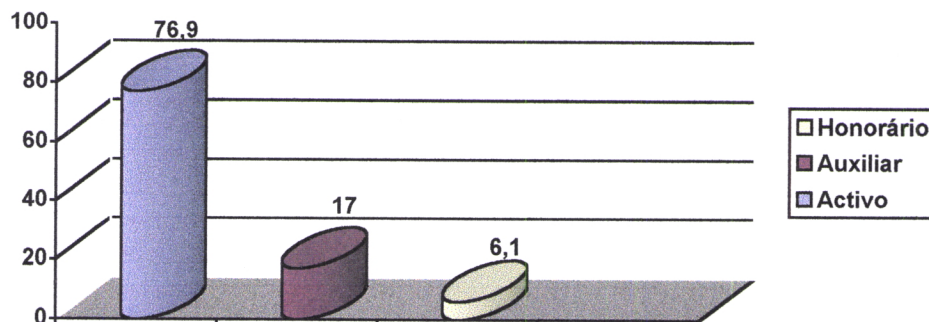
Quadro 13 – Distribuição da população segundo a sua situação no quadro

SITUAÇÃO DE QUADRO	F	%
Activo	113	76.9
Auxiliar	25	17.0
Honorário	9	6.1
Total	147	100.0

Ao observar o quadro 13, verifica-se que a maioria dos efectivos pertencem ao quadro activo da Associação (76.9%). 17% são do quadro auxiliar, onde se incluem os motoristas auxiliares e os enfermeiros e 6.1% pertencem ao quadro honorário.

Do quadro honorário sobressaem anteriores elementos de comando e bombeiros de 1ª classe, que se mantiveram activos durante um período alargado de tempo e que após perfazerem os 65 anos integraram este quadro.

Gráfico 11 – Representação gráfica do quadro 13



Quadro 14 – Distribuição da população segundo a sua categoria

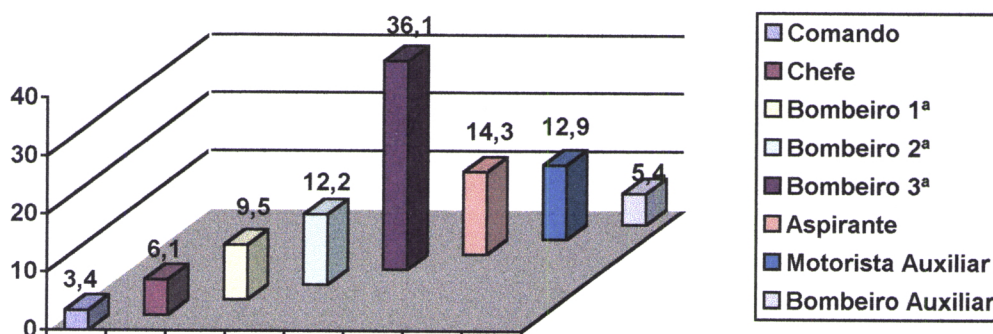
CATEGORIA	F	%
Comando	5	3.4
Chefe	9	6.1
Bombeiro de 1ª	14	9.5
Bombeiro de 2ª	18	12.2
Bombeiro de 3ª	53	36.1
Aspirante	21	14.3
Motorista auxiliar	19	12.9
Bombeiro Auxiliar	8	5.4
Total	147	100.0

O quadro 14 refere as várias categorias existentes na Associação de Bombeiros Voluntários de Portalegre.

A categoria mais expressiva em termos numéricos é a de Bombeiro de 3ª, com 36.1%, logo seguida da de Aspirante com 14.3%, o que mais uma vez vem reforçar a predominância de efectivos jovens na Associação.

Na ultima categoria – Comando – estão incluídos o comandante, 2º comandante e anteriores elementos de comando pertencentes ao quadro honorário.

Gráfico 12 – Representação gráfica do quadro 14



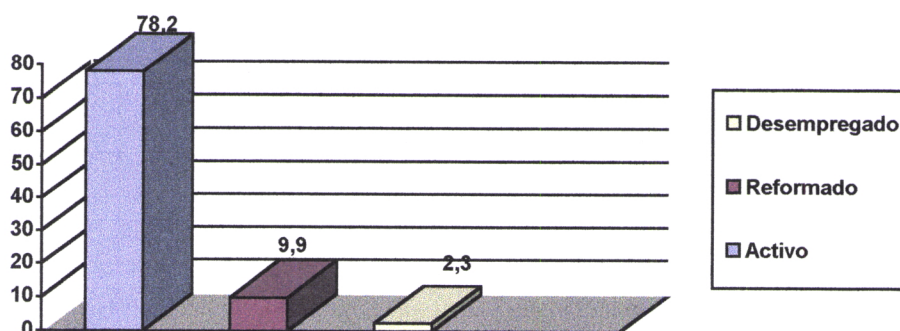
Quadro 15 – Distribuição da população segundo a sua situação profissional

SITUAÇÃO PROFISSIONAL	F	%
Activo	115	78.2
Reformado	13	9.9
Desempregado	3	2.3
Total	147	100.0

Quanto à situação profissional, a maioria (78.2%) mantêm-se activo, isto é, desempenham uma profissão considerada principal, a par com a actividade de bombeiro voluntário. De referir que alguns elementos desenvolvem a sua actividade profissional principal na Associação de Bombeiros Voluntários de Portalegre, com remuneração, mantendo-se de qualquer forma, o voluntariado fora do horário de trabalho.

Existe uma panóplia de profissões, que vão de operário a professor e enfermeiro, passando por carpinteiro, motorista, pedreiro, serralheiro, entre outras.

Gráfico 13 – Representação gráfica do quadro 15

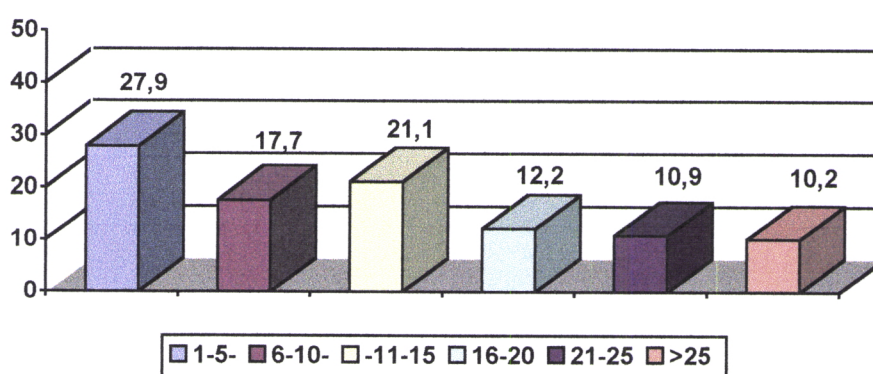


Quadro 16 – Distribuição da população segundo os anos de serviço como bombeiro

ANOS DE BOMBEIRO	F	%
1 – 5	41	27.9
6 – 10	26	17.7
11 – 15	31	21.1
16 – 20	18	12.2
21 – 25	16	10.9
≥ 26	15	10.2
Total	147	100.0

Uma parte significativa dos efectivos está ao serviço dos bombeiros à menos de 5 anos (27,9%). 66,7% são voluntários à menos de 15 anos, sendo a média de tempo de serviço de 13,68 anos.

Gráfico 14 – Representação gráfica do quadro 16

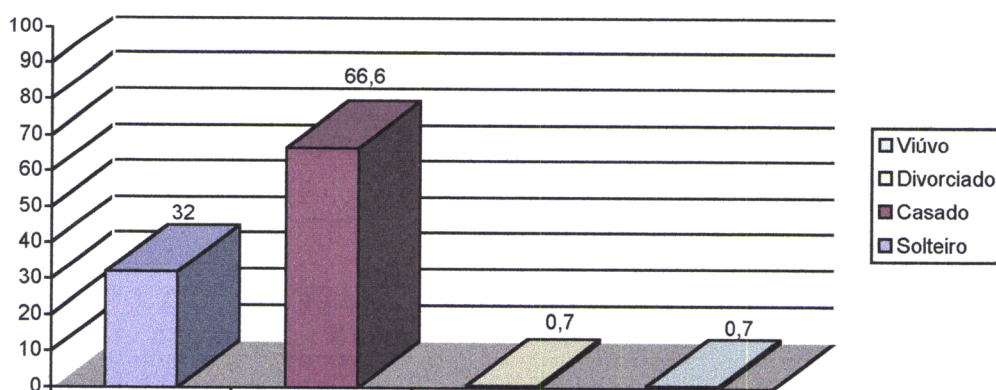


Quadro 17 – Distribuição da população segundo o estado civil

ESTADO CIVIL	F	%
Solteiro	47	32.0
Casado	98	66.6
Divorciado	1	0.7
Viúvo	1	0.7
Total	147	100.0

66.6% dos indivíduos são casados e 32% solteiros. Apenas 1 indivíduo é divorciado e outro viúvo.

Gráfico 15 – Representação gráfica do quadro 17



PARTE II

METODOLOGIA

1 – METODOLOGIA

O estudo que pretendemos desenvolver centra-se num contexto sociológico específico e que pretendemos conhecer. Assim, a problemática definida e as questões orientadoras enunciadas, são levadas a cabo no contexto de uma Associação de Bombeiros Voluntários, não sendo nosso objectivo generalizar para outras Associações os resultados encontrados.

Como pretendemos conhecer e compreender alguns aspectos pessoais que influenciam a decisão de ser bombeiro é necessário descrever as experiências dos próprios homens, a forma como as vivem e como eles mesmo a descrevem, torna-se então necessário efectuar uma pesquisa do tipo qualitativo.

Consideramos este método porque, segundo SANTOS Y BASTARDO (1997) *...os métodos qualitativos são mais adequados para aceder ao mundo e à vida das outras pessoas num tempo breve. Quando falamos em «vida das outras pessoas» estamos a falar dos motivos, significados, emoções e outros aspectos subjectivos (...) também incluindo aqui os actos diários, comportamentos e situações de vida quotidiana.*

Os métodos qualitativos permitem-nos obter dados profundos e objectivos sobre os fenómenos, favorecendo o conhecimento global.

A realidade que pretendemos compreender relaciona-se com um conjunto de variáveis que interagem em simultâneo, por isso, será necessário recorrermos a uma abordagem que respeite a integridade do processo em

estudo, aproximando o investigador do objecto de estudo e abordando os indivíduos nos seus contextos naturais.

Só assim poderemos compreender o contexto em que os indivíduos em estudo constróem a sua realidade social, em interacção com os restantes elementos da comunidade, registando a sua conduta, bem como a forma como estes definem o seu mundo e como o descrevem.

Para SANTOS Y BASTARDO (1997) *...a definição da situação é feita pela pessoa do acto. É a percepção e a interpretação da realidade que este faz e a forma como a relaciona com o seu comportamento.*

Os dados qualitativos permitem descrições muito ricas e fundamentadas, obtidas no local em estudo, deixando fazer uma ponte entre os conhecimentos obtidos anteriormente dos quadros conceptuais estudados e os novos dados obtidos.

O método utilizado será o *biográfico*, vulgarmente designado por *história de vida*.

Inspirando-se em K. Marx e em J.P. Sartre, FERRAROTTI citado por DIGNEFFE (1997) refere que *...qualquer narração autobiográfica conta uma prática humana. Ora, se a essência do homem é, na sua realidade, o conjunto das relações sociais, qualquer prática individual humana é uma actividade sintética, uma totalização activa de todo o contexto social (...) Uma vida é uma prática que se apropria das relações sociais, as interioriza e as retransforma em estruturas psicológicas pela sua actividade de desestruturação – reestruturação.*

É verdade que a história de vida permanece uma história singular, é sempre uma história única, mas essa história individualiza a história social colectiva de um grupo ou de uma classe, é ao mesmo tempo o produto e a expressão dessa classe. O que o método biográfico propõe é o paradoxo epistemológico: uma antropologia que considera cada homem como a síntese individualizada e activa de uma sociedade elimina a distinção entre o geral e o particular de um indivíduo. Se nós somos, se cada indivíduo representa a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social partindo da especificidade irredutível de uma práxis individual.

A história de vida exprime simultaneamente o peso das determinações sociais nas trajectórias individuais, mas também a relação dos actores com essas determinações e, por conseguinte, a sua criatividade própria.

CERTEAU, citado por DIGNEFFE (1997) escreve que *...o relato de vida não é simplesmente um relato de práticas ou uma expressão de representações: é, antes de mais, uma actividade de comunicação feita de deambulações, de encontros e de acasos. O discurso caracteriza-se mais por uma forma de se exercer do que por aquilo que revela (...) produz efeitos, e não objectos. É narração e não descrição. É uma arte da palavra.*

O mesmo autor refere que *...o relato inicia o autor no trajecto hesitante da sua própria vida e confronta-o com contradições. Geralmente, a sua vida não é linear, segue um desenvolvimento caótico e aleatório. Ao produzir um relato, o entrevistado descobre, de certo modo a sua vida e abre-se ao futuro. Os próprios entrevistados espantam-se muitas vezes com a realidade da sua*

vida e assinalam este facto: ao contarem-na, modelam-na e apropriam-se dos meios para a compreenderem.

Na condução da entrevista, GRELL citado por DIGNEFFE (1997) refere que *...uma das condições para o desenvolvimento pleno de um relato de vida é a de que o interlocutor seja agarrado pelo desejo de contar e que seja ele a apropriar-se da condução da entrevista (...)* A pessoa entrevistada conduz o seu relato, sabe do que fala, e o investigador está lá para escutar, aprender e, se necessário, recordar o tema de conversa que foi acordado. Não se trata de um monólogo, como poderia pensar-se a propósito de certas entrevistas não directivas, mas de um diálogo.

Assim, os dados irão ser colhidos por meio de entrevista não directiva, sendo a primeira, o topo da hierarquia – o comandante dos Bombeiros Voluntários de Portalegre – seguindo-se o elemento por ele indicado e assim sucessivamente, até perfazer o número de entrevistas consideradas suficientes (por saturação), que permitam obter uma diversificação das posições institucionais e sociais dos entrevistados, bem como garantam que nenhum aspecto importante foi omitido.

As entrevistas decorreram de uma forma informal, na sede da associação de Bombeiros por solicitação da maioria dos entrevistados, pois tornava-se mais *prático* para estes e com menos probabilidade de interferências.

As entrevistas tiveram a duração média de 1 hora, tendo no seu início sido explicado o objectivo da entrevista e do estudo, assim como a confidencialidade dos dados.

Após o terminus da entrevista, esta foi redigida e dada a ler ao entrevistado, para que se pudesse corrigir algum aspecto menos claro ou dúbio, pedindo-lhe posteriormente que a assinasse.

TAYLOR e BOGDAN, citados por FLORES (1994) referem que *...todos os investigadores desenvolvem os seus próprios modos de analisar os dados qualitativos...* tal é a variedade dos procedimentos na análise qualitativa que poderia afirmar-se que o único ponto de acordo entre os investigadores é a ideia de que a análise é um processo de extrair sentido dos dados.

Diante do carácter sistemático e formal das técnicas de análise aplicadas aos dados qualitativos, os métodos usados baseiam-se frequentemente na intuição e na experiência do investigador. Alguns autores afirmam que a tarefa do analista é mais uma arte que uma técnica. Isto supõe uma dificuldade acrescida à investigação qualitativa, pois será necessário adicionar às habilidades e tarefas próprias de todo o processo analítico outras de carácter especial.

WOODS, citado por FLORES (1994) enumera como tarefas de carácter especial *...a criatividade, imaginação e um «olfacto de detective» para extrair temas de interesse a partir de indícios observados.* WILSON vai mais longe ao afirmar que *...o investigador necessita de transcender a sua própria perspectiva e chegar a conhecer as perspectivas daqueles que está estudando.*

Pela dispersão e variedade de métodos disponíveis para abordar a análise de dados qualitativos, optámos pelo de GIL FLORES, já que parece enquadrar-se no tipo de estudo que pretendemos realizar.

Assim, iniciámos o processo lendo e relendo novamente as entrevistas, numerando-as linha a linha, tendo em atenção a temática do estudo, para assim identificarmos, no interior das mesmas, as partes que nos interessavam.

Identificámos em seguida as unidades de registo, às quais atribuímos um código, que registámos no corpo da entrevista.

Este processo de codificação permitiu-nos agrupar os dados em subconjuntos, em função das suas características comuns, pois como nos refere GIL FLORES (1994) *a análise prossegue quando separamos unidades e as agrupamos em função de determinadas afinidades.*

Tendo em conta as unidades de registo, os objectivos de estudo e também a natureza dos dados recolhidos, iniciámos a elaboração da Matriz de Codificação Global, nunca perdendo de vista a problemática do estudo que pretendíamos efectuar.

Preocupámo-nos em seguida, em aplicar o Sistema de Códigos às entrevistas, ao darmos continuidade a este procedimento, vimo-nos na necessidade de alterar algumas codificações que tínhamos estabelecido, voltando ao início do procedimento, para assim podermos dar continuidade ao processo de uma forma mais correcta, uma vez que neste momento já tínhamos um maior conhecimento de causa, pois *à medida que o investigador possui um maior conhecimento do material que analisa, as regras de codificação podem alterar-se.* GIL FLORES (1994)

Assim, voltámos a fazer uma revisão aos objectos do estudo e à problemática do mesmo, relemos as entrevistas e voltámos a atribuir novos códigos às categorias que considerámos mais objectivas e pertinentes.

Tendo em conta os novos dados recolhidos alterámos a Matriz de Codificação Global inicial.

Deparámo-nos durante a aplicação do Sistema de Códigos às entrevistas, com o facto dos bombeiros se referirem a um mesmo assunto em diferentes partes da entrevista.

Dando continuidade ao processo, constituímos as primeiras tabelas de redução dos dados. Deste agrupamento obtivemos textos constituídos por excertos das entrevistas, onde se encontravam reunidos todos os elementos fornecidos pelos bombeiros, relativamente à temática ou a determinado item.

Da exploração e interiorização desses textos emergiu a identificação de novas unidades de registo às quais atribuímos subcódigos, tendo em vista a identificação gradual e progressiva, visando sempre a necessidade de não perder de vista a globalidade dos discursos em causa. Da finalização desta tarefa surgiu-nos então a Matriz de Codificação Global definitiva. (Anexo I)

Preocupámo-nos acima de tudo, que as categorias fossem *exaustivas*, isto é, que qualquer subunidade pudesse ser inserida em alguma das categorias, que tivesse *exclusão mútua*, que cada unidade se incluísse numa só categoria e que houvesse sempre um *único princípio de classificação*, que as categorias estivessem elaboradas segundo um único critério de ordenação e classificação.

Todos estes procedimentos constituíram um trabalho profundo, moroso e interessante, porque apesar de fazermos e desfazermos, fomos ultrapassando as diferentes etapas, aprendendo com os erros cometidos.

Após reduzirmos os dados a que nos temos referido, o que nos permitiu simplificar a informação, tornando-a manejável, surge-nos a necessidade de dispô-los de forma organizada, a fim de possibilitar a obtenção de conclusões.

Para MILES e HUBERNAY, citado por GIL FLORES (1994) *a melhor maneira de dispor os dados é sob a forma de matrizes, que consiste em criar uma tabela de dupla entrada, alongando em cada quadro de intersecção de cada fila e cada coluna uma informação textual, correspondente os aspectos especificados para filas e colunas.*

Seguindo esta recomendação, optámos por apresentar os dados em tabelas de dupla entrada, nos quais inserimos os excertos codificados numa mesma categoria, reproduzindo as palavras dos bombeiros que entrevistámos. (Anexo II)

Decidimos incluir no corpo do texto gráficos elucidativos da população em estudo, quadros elucidativos das relações que estabelecemos e citações das entrevistas, para assim tornar possível o estabelecimento de comparação entre as respostas.

Tornou-se também mais fácil deste modo agregá-los e ordená-los, tendo sempre em vista o processo de interpretação, procurando ilustrar a inclusão de uma resposta numa determinada categoria e excertos de notas de campo, com as quais procuramos confirmar ou contrapor os dados resultantes da nossa observação, e também tabelas de síntese de dados, nas quais incluímos a categoria e os elementos que contribuíram para a construção dessa mesma categoria.

PARTE III

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

1 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para a realização de qualquer estudo é necessário delimitar o campo de análise e, não menos importante, é seleccionar o numero de elementos necessários ao estudo em causa.

À totalidade dos elementos que constituem o conjunto em estudo – **Bombeiros Voluntários de Portalegre**, num total de 147 efectivos – não seria possível, nem sequer útil, reunir informações sobre cada um dos seus elementos. Assim, apenas foram seleccionados alguns (amostra), seguindo as opções referidas na metodologia.

Para a selecção da amostra, TAYLOR e BOGDAN (1991) referem que *não importa o número de casos, o importante é o potencial de cada «caso» para ajudar o investigador no desenvolvimento de compreensões teóricas sobre a área em estudo.*

Partilhamos também da opinião de RUQUOY (1997) que refere *...nos estudos qualitativos interroga-se um numero limitado de pessoas, pelo que a questão da representatividade, no sentido estatístico do termo, não se coloca. O critério que determina o valor da amostra passa a ser a sua adequação aos objectivos da investigação, tomando como principio a diversificação das pessoas interrogadas e garantindo que nenhuma situação importante foi esquecida. Nesta óptica, os indivíduos não são escolhidos em função da*

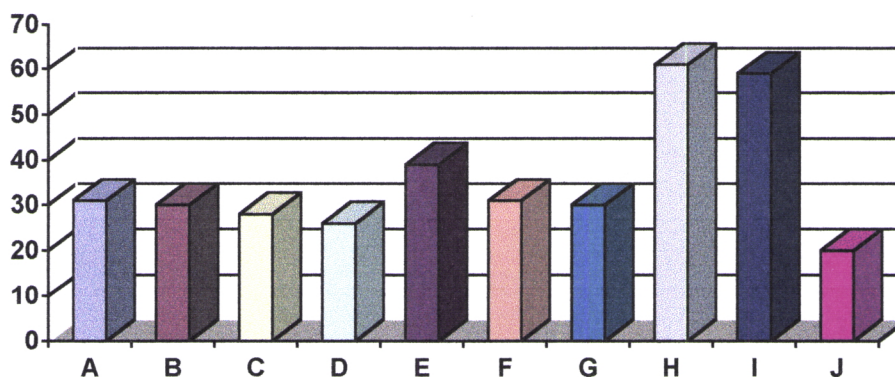
importância numérica da categoria que representam, mas antes devido ao seu carácter exemplar.

Apresentaremos de seguida uma breve caracterização da amostra do nosso estudo.

Quadro 18 – Caracterização dos Bombeiros em estudo

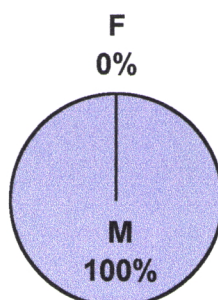
BOMBEIRO	IDADE	SEXO	ESTADO CIVIL	Nº FILHOS	HABILITAÇ. LITERÁRIAS	PROFISSÃO	TEMPO DE BOMBEIRO
A	31	M	Casado	1	11ºAno	Vig.Natureza	15
B	30	M	Casado	1	Bacharelato	Enfermeiro	8
C	28	M	Casado	1	11ºAno	Oper.Comum	12
D	26	M	Casado	1	Licenciatura	Professor	11
E	39	M	Casado	2	2º ciclo	Segurança	23
F	31	M	Casado	3	2º ciclo	Op. central	15
G	30	M	Casado	3	12º Ano	Vig.Natureza	18
H	61	M	Casado	2	1º Ciclo	Emp.Armaz	42
I	59	M	Casado	1	1º Ciclo	Operário	26
J	20	M	Solteiro	0	11º ano	Estudante	2

Gráfico 16 – Distribuição da amostra segundo o idade



A idade mínima dos sujeitos da amostra é de 20 anos e a máxima de 61 anos, a maior parte dos sujeitos encontra-se numa idade perto dos 30 anos, sendo a sua média de 35.5 anos. A média de idades da população situa-se nos 35.67 anos, sendo o valor encontrado da amostra muito semelhante.

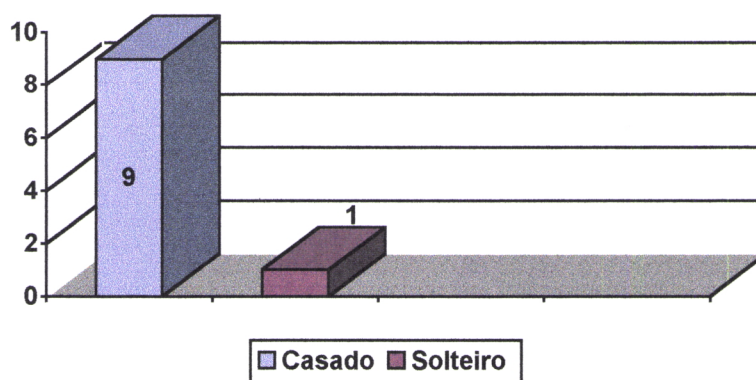
Gráfico 17 – Distribuição da amostra segundo o sexo



Pelo gráfico 17 podemos observar que a totalidade da amostra é composta por elementos do sexo masculino. Este facto tem no entanto algumas explicações:

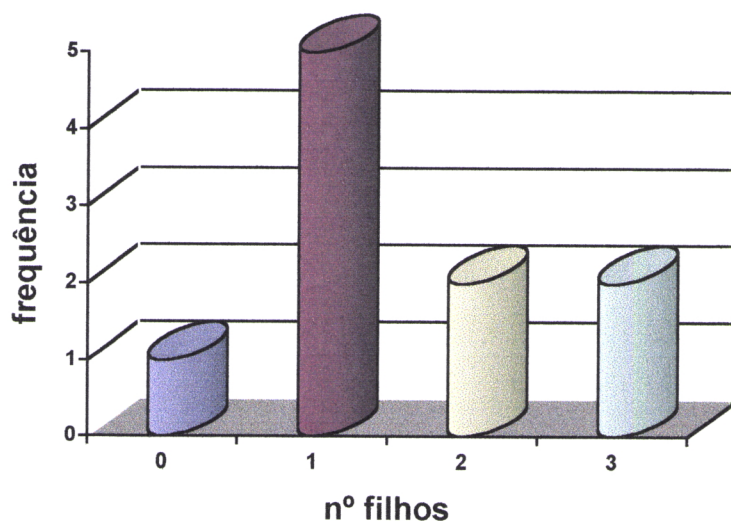
- O método de selecção dos sujeitos da amostra (explicitado na metodologia) não privilegiou nenhum elemento do sexo feminino, tendo sido sempre indicado pelo elemento anterior outro do mesmo sexo;
- Informalmente pudemos constatar que todos os elementos do sexo feminino foram para bombeiro por imperativos institucionais, como forma de manter a sua actividade profissional (operador de central), o que à partida não se enquadrava no nosso estudo.

Gráfico 18 – Distribuição da amostra segundo o estado civil



Pela análise do quadro 18 constatamos que 9 sujeitos da amostra (90%) são casados e apenas 1 é solteiro.

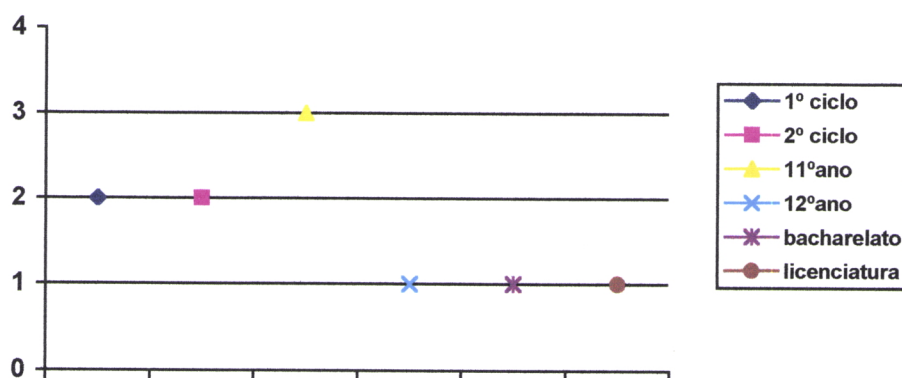
Gráfico 19 – Distribuição da amostra segundo o número de filhos



O gráfico 19 revela-nos que quase todos os bombeiros da amostra têm filhos (90%), e apenas 1 elemento não tem, sendo aquele que é solteiro.

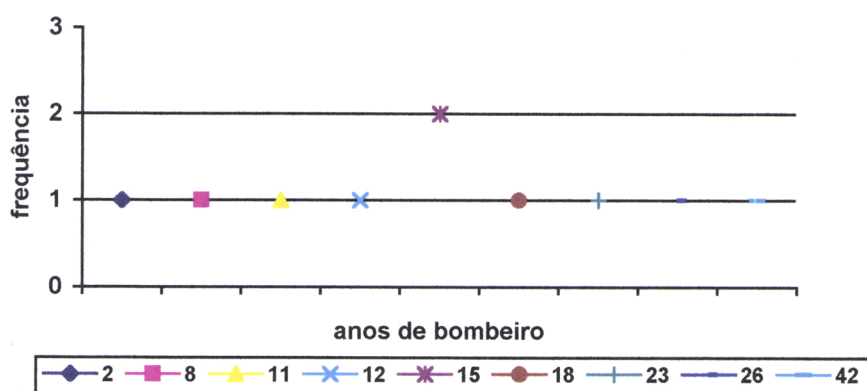
A média é de 1,5 filhos, sendo a moda de 1 filho. Destes valores ressalta ainda que 50% dos bombeiros têm um filho, 20% têm 2 filhos, e o mesmo valor com 3 filhos.

Gráfico 20 – Distribuição da amostra segundo as habilitações literárias



O gráfico 20 mostra-nos as habilitações literárias dos sujeitos da amostra. A moda é o 11º Ano com 30% dos sujeitos, seguido do 1º e 2º ciclo com 20% cada. O 12º Ano, o Bacharelato e a Licenciatura apresentam apenas 1 elemento (10%) cada.

Gráfico 21 – Distribuição da amostra segundo o tempo de bombeiro



Pelo gráfico anterior podemos verificar que os anos como bombeiro variam entre os 2 anos e os 42 anos. A média é de 17.2 anos e a moda de 15 anos. Se comparar-mos as médias etárias com os anos de bombeiro concluímos facilmente que todos eles se iniciaram muito cedo na actividade dos bombeiros. De salientar que alguns começaram bastante cedo com este tipo de actividades, nomeadamente na fanfarra, mas por imperativos legais apenas se consideram como bombeiros a partir dos 16 anos (idade mínima para ingressar oficialmente na Associação).

Não tratámos a variável profissão, no entanto pelo quadro 18 podemos observar que existem *vigilantes da natureza, enfermeiro, operador de comunicações, professor, segurança, empregado de armazém, operário e estudante.*

1.1 – PARADIGMA ALTRUÍSTA

Como refere BAR-TAL (1986) *...um acto de ajuda da mais elevada qualidade é um acto altruísta (...). Um sujeito, para exhibir um acto altruísta, deve ser capaz de se colocar na perspectiva do outro em necessidade, empatizar com essa pessoa, reconhecer a natureza da necessidade da pessoa, sentir que tem várias alternativas de acção, prever as consequências do seu acto, agir com intenção e capaz de incorrer em custos sem expectativa de recompensas externas (...)*

É comum as pessoas realizarem algumas actividades consideradas socialmente úteis, como forma de retribuir à sociedade todo o reconhecimento e experiências adquiridas ao longo da vida, muitas vezes associado a uma necessidade interior de fazer o bem, uma satisfação íntima de servir, de estar bem consigo mesmo beneficiando o outro, dando de si, sem esperar nada em troca.

Neste sub-capítulo pretendemos identificar comportamentos e atitudes manifestados pelos bombeiros e que nós considerámos estarem incluídos no paradigma altruísta.

1.1.1 – Sensação de Missão

O altruísmo faz parte das regras da vida social e está na base do comportamento social: só há uma sociedade na medida em que cada indivíduo consagra uma parte do seu tempo e das suas energias mais a tarefas de interesse colectivo do que a garantir a sua própria sobrevivência.

O altruísmo serve a vida através de nós. Esta maneira de estar e de agir provoca nas actividades quotidianas uma sensação de missão.

Da análise das entrevistas, deparámo-nos com algumas referências a esta sensação de missão, algumas de uma forma muito directa, outras não tanto, mas que no seu contexto nos pareceram enquadrar neste sentido.

Ajudar as pessoas em necessidade para ser entendido como a missão de um bombeiro.

É ajudar as pessoas, salvar, mesmo o lema dos bombeiros é «vida por vida»

(Bombeiro C)

Ser bombeiro é tentar ajudar o próximo, sem que daí advenha algum resultado para mim.

(Bombeiro G)

*A minha mulher sabe que eu vou não é para brincar,
vou porque alguém precisa que vá.*

(Bombeiro G)

*Quando estamos a ajudar alguém ou a apagar um
fogo, sei que estou a diminuir o sofrimento dos outros, isto
para mim é uma missão.*

(Bombeiro I)

Apesar do risco patente e dos perigos a que normalmente estão sujeitos,
a sua actividade é encarada como missão, não importa o que pode acontecer,
o que importa é que alguém precisa...

*Tivemos sorte andámos como desaparecidos durante 3
horas, isto é uma autêntica missão.*

(Bombeiro E)

*Foi a mais importante da minha vida e da minha
carreira, ter salvo uma miúda com três meses, de um fogo
urbano. Senti uma grande satisfação... não há palavras
para dizer o que senti. Acho que a vida de bombeiro é
sempre pensar em salvar alguém.*

(Bombeiro F)

O instinto é que me fez lá ir.

(Bombeiro F)

Em determinadas situações, o bombeiro desempenha uma actividade que lhe é ingrata, que por si só não lhe dá qualquer recompensa, mas desempenha-a embutido num sentido de missão.

Mesmo não gostando muito de determinados serviços, compreendia que tinham que ser feitos, porque as pessoas do outro lado não têm a culpa e têm que ser servidas.

(Bombeiro A)

Foi terrível, são cenas que um gajo fica naquela, não se pode deixar de fazer. Se vamos pelo lado negativo não se faz nada, toca o fogo não vai porque tem medo disto, há um acidente não vai porque tem medo daquilo, não pode ser... na altura tem que se fazer e a partir daí dura um ou dois dias, um gajo esquece.

(Bombeiro E)

Lembramo-nos sempre é que temos que salvar alguém que está em risco.

(Bombeiro C)

Fazer qualquer coisa por outrem, porque é bom agir assim, sem receber qualquer retribuição imediata pode ser considerado altruísmo no seu sentido mais puro.

Esta sensação de missão prende-se com o facto de ser uma actividade que grande parte das vezes não é reconhecida nem conhecida pela população.

Ajudar as outras pessoas nas dificuldades que têm, acho que é um bem fazer isso, sem receber qualquer coisa em troca.

(Bombeiro I)

É um trabalho que ninguém liga...

(Bombeiro A)

Sentimento do dever cumprido, conseguimos salvar a criança.

(Bombeiro C)

Foi um trabalho muito discreto, num país que nem era o nosso, mas ao fim ao cabo estivemos ali de uma forma muito discreta, nove pessoas que fizeram ali grandes sacrifícios e um esforço físico enorme, vieram para o quartel todos bem dispostos e sentimos que as coisas correram bem.

(Bombeiro A)

Esta opinião levanta-nos outra questão relevante. A sensação de missão/dever cumprido dá um prazer imediato a quem o pratica. Fiz qualquer coisa por outrém porque é bom agir assim e eu sinto-me bem.

Sinto-me satisfeito por ter dado o meu contributo e por ter feito alguma coisa.

(Bombeiro C)

Aos 16 anos fui e por lá fiquei, até hoje que tenho 39 anos, tem sido duro, duro mas fixe.

(Bombeiro E)

A minha grande satisfação é que depois de qualquer ocorrência, sentir que consegui desempenhar a minha função bem, é o que mais prazer me dá e mais gozo me dá.

(Bombeiro G)

Sinto-me bem quando estou a fazer qualquer coisa que as outras pessoas precisam.

(Bombeiro H)

As nossas crenças e os nossos comportamentos têm muitas vezes outro fim, que não aquele que lhe atribuímos. Por vezes desempenha-se uma

actividade, mesmo com sacrifício humano, sem uma motivação objectiva para a desenvolver.

Isto está dentro de mim... nem sei porque faço certas coisas, apenas sei que tenho a obrigação de as fazer porque sou bombeiro e um bombeiro serve para salvar as outras pessoas.

(Bombeiro H)

Uma bombinha de 25 litros aí às costas por uma serra extremamente íngreme por ali a cima custa muito e eu lembro-me que com aquela idade isso custava-me terrivelmente, as lágrimas corriam-me cara abaixo e eu continuava por ali a cima porque tinha que continuar, não sei o que me fazia continuar mas...

(Bombeiro C)

Este espírito de missão extravasa muitas vezes para o seio familiar, dificultando por vezes as relações no interior da própria família.

Com um filho de quatro anos passam-se dias que não o vejo e outras vezes quando o vejo está deitado, quando

*chego a casa por vezes quase que o acordo para ver se ele
pelo menos olha para mim.*

(Bombeiro A)

1.1.2 – Ajudar as Pessoas / Ser Solidário

BOAVENTURA SOUSA SANTOS (1994) refere que solidariedade significa ser solidário para com os outros cidadãos. Pelas vivências que tivemos durante o estudo pudemos verificar que o ajudar as pessoas está inerente em todas as actividades que os bombeiros desenvolvem. Poder-se-ia mesmo dizer que a solidariedade está interiorizada em cada um dos elementos que compõem esta Associação, embora a maior parte das vezes de uma forma inconsciente.

Pudemo-nos aperceber que não foi o motivo primário que ponderou e motivou o desempenho da actividade voluntária, mas foi um «valor» que facilmente se identifica em cada um dos elementos.

*O pessoal está aqui porque gosta de ajudar as
pessoas.*

(Bombeiro C)

Sempre gostei de ajudar as pessoas.

(Bombeiro C)

Gosto de ajudar no que consigo.

(Bombeiro E)

É ver que estamos a fazer bem aos outros.

(Bombeiro F)

Eu estou aqui porque as pessoas precisam de ajuda, quando têm os terrenos ou a casa a arder, quando têm um acidente...

(Bombeiro H)

Eu sinto-me bem aqui por muitos motivos, mas acima de tudo porque sei que posso ajudar alguém.

(Bombeiro J)

Para alguns indivíduos ser bombeiro é ajudar as outras pessoas...

Começamos realmente a perceber que estamos a ajudar os outros, e que se calhar para nós um quarto de hora, uma hora da nossa vida para fazer um determinado serviço até nem será muito exigente e esse quarto de hora uma hora pode facilitar, pode ajudar muito uma outra

peessoa e penso que isso se calhar é uma forma de ser bombeiro.

(Bombeiro A)

Na prática, o ser bombeiro é querer ajudar os outros,

(Bombeiro A)

Isto para mim é um modo de ajudar as pessoas mas um modo diferente do seu, mas é fixe, é o bichinho...

(Bombeiro E)

Eu houve aqui épocas atrás em que fiz semanas inteiras completas, fazia muito mais do que faço agora e aí é que era absolutamente de graça.

(Bombeiro D)

De realçar também que o espírito de ajuda e solidariedade se mantém mesmo dentro da própria Associação. Pudemos observar um forte espírito de corporativismo, como nos relata o seguinte excerto:

Bombeiros que estão aqui porque ao fim ao cabo já fizeram algumas coisas que não mereciam estar aqui. Por asneiras que fizeram aqui, por algumas confusões que arranjaram, mas é o próprio pessoal que já percebe que se

calhar a melhor forma não é pô-los daqui para fora, seria a forma mais fácil, mas isso era se calhar um problema grave para a vida deles (...) e também é nossa obrigação ajudá-los.

(Bombeiro A)

E acrescenta ainda:

É o sítio onde ele está onde tem mais apoio.

(Bombeiro A)

Esta solidariedade por vezes funciona como um mecanismo de satisfação pessoal e de solidariedade interior:

Ao ajudar as outras pessoas estou a ajudar-me a mim também, porque como fico satisfeito por isso, sinto-me bem e isso chega.

(Bombeiro J)

O mesmo se pode verificar relativamente à descrição e mais concretamente aos sentimentos vividos quando foram chamados a intervir num acidente, em que os intervenientes eram também bombeiros.

Um gajo ia daqui com medo, medo do que é que poderia ir encontrar e quando lá chegámos e vimos o pessoal todo de uma lado para o outro, um deitado numa maca, mas estava tudo fixe, foi um alívio do caraças...

(Bombeiro E)

Quando temos como propósito ajudar alguém e apesar dos esforços desenvolvidos estes não se revelam eficazes, surge uma tristeza e uma sensação de impotência, por vezes difícil de ultrapassar.

«não conseguimos!» uma dor do caraças e chorámos os dois...

(Bombeiro E)

Este “espírito” de solidariedade extravasa por vezes para a vida particular e civil, pautando a sua actuação diária na ajuda aos outros:

Toda a minha vida, mesmo fora dos bombeiros eu ajudo sempre quem precisa, sou capaz de dar a minha camisa...

(Bombeiro H)

1.1.3 – Pôr a Vida em Risco

Na perspectiva do altruísmo biológico, os organismos fazem qualquer coisa sem esperar um retorno imediato e talvez até expondo-se a uma desvantagem ou até mesmo a um perigo. Na realidade quem vive numa Organização como a dos Bombeiros, o perigo está permanentemente presente, chegando a pôr em causa a sua integridade física.

A actividade dos bombeiros, nomeadamente a actividade no combate ao incêndio, envolve um perigo real. E esse perigo real é um bocado a atracção da borboleta pela chama, temos que saber lidar com ele.

(Bombeiro B)

Quando andamos no fogo nem sabem os riscos que temos.

(Bombeiro H)

É um risco que sempre se corre.

(Bombeiro F)

Quando andamos no fogo nem nos lembramos que pode acontecer alguma coisa.

(Bombeiro J)

Um grande sacrifício humano por parte das pessoas.

(Bombeiro A)

De certa forma envolve algum risco.

(Bombeiro B)

Este risco pode passar de um problema potencial a real, isto é, transformar uma situação de risco numa situação efectiva de acidente.

Uma altura também me queimei na cara e no braço, foi num incêndio...

(Bombeiro F)

Há muitos colegas meus que já se queimaram, eu felizmente ainda não, mas estou sempre sujeito a isso.

(Bombeiro H)

O outro carro quando nos viu passar pensaram «ficam ali todos!» mas nós conseguimos ir para um sítio seguro.

(Bombeiro E)

Na maior parte das situações, o conhecimento do risco que se está a correr é inconsciente, isto é, não se toma consciência desse risco. Torna-se

normalmente consciente quando o risco deixa de ser efectivo e se avalia o comportamento e as atitudes adoptadas.

Nos incêndios urbanos ou nos incêndios florestais a gente quer é apagar o fogo, acabar com aquilo o mais depressa possível e nem nos lembramos se estamos a arriscar de mais a vida.

(Bombeiro C)

Às vezes até pensamos «foi muito arriscado ou esteve complicado ou podia ter havido chatices» mas na altura a gente nunca pensa nisso.

(Bombeiro C)

Nós nem nos lembramos que estamos a pôr em risco a nossa vida.

(Bombeiro C)

Um gajo na altura não pensa naquilo que está a fazer

(Bombeiro E)

Naquela altura eu não pensei, tirei a escada e subi, não pensei em mais nada, só tirar de lá a criança e mais nada

(...) ia vomitando por causa do fumo que já era muito intenso.

(Bombeiro F)

Outras vezes este risco passa de uma forma inconsciente a um desafio do próprio risco.

Não há que ter medo, um gajo tem que vencer os receios, um gajo para ser bombeiro não pode ter medo de enfrentar as chamas, qualquer situação... ir para a frente... chega lá faz o que tem a fazer.

(Bombeiro E)

Pode ser um grande risco mas ao fim ao cabo é uma brincadeira aqui para a gente.

(Bombeiro F)

Esta situação de risco torna-se também numa situação de angustia e preocupação familiar.

Os meus pais ficam sempre preocupados que me possa acontecer alguma coisa, ainda por cima no Verão há sempre muitas notícias sobre acidentes com bombeiros.

(Bombeiro J)

1.1.4 – Altruísmo Recíproco

Um dos dados mais referidos na literatura é a tendência dos indivíduos retribuírem favores recebidos. GOULDNER (1960) afirmava que a maior parte da conduta pró social se explica pela norma da reciprocidade, ou seja, pela convicção generalizada de que devemos fazer aos outros certas coisas porque as fizeram previamente a nós.

Ou então, faço ao outro porque espero que quando precisar venha a ser recompensado. Pode ser considerado uma troca de favores altruísticos. Os custos de uma boa acção são recompensados por uma boa acção em troca.

As pessoas têm todas um fundo de grande generosidade. Essa grande generosidade da nossa participação nessas organizações tem a ver um bocado com a compensação da generosidade dos outros, ou seja, a nossa própria generosidade é uma forma de pagar a generosidade dos outros.

(Bombeiro B)

Nós estamos ao estarmos a ajudar as outras pessoas também podemos vir a ser ajudados se viermos a precisar.

(Bombeiro J)

1.1.5 – Elemento de Associações Voluntárias

Voluntário pode ser considerado o actor social que presta serviços não remunerados em benefício da comunidade; doando o seu tempo e conhecimentos, realize um trabalho gerado pela energia do seu impulso solidário, atendendo tanto às necessidades do próximo ou aos imperativos de uma causa, como às suas próprias motivações pessoais.

Há pessoas que sempre se têm dedicado a actividades de voluntariado.

Tive uma série de actividades ligadas ao campo, ligadas a actividades de voluntariado também e isso levou a que eu criasse um bocado o gosto por esse tipo de actividades.

(Bombeiro B)

Acabei em Marvão por me envolver numa série de actividades ligadas à igreja e à catequese.

(Bombeiro B)

Estávamos ligados a essas actividades de apoio à comunidade (...) fizemos uma tentativa de saber o que era preciso para fazer um corpo de bombeiros.

(Bombeiro B)

Tive um programa na rádio onde colaborei também voluntariamente, sem ganhar nada mas porque tinha o bicho dessas coisas.

(Bombeiro B)

Mas eu acho que a marca e se há alguma coisa na minha juventude que tenha levado a que eu apareça nos bombeiros, tem a ver de facto com a actividade nos escuteiros.

(Bombeiro B)

Eu sempre fui um carola numa série de coisas.

(Bombeiro B)

A actividade de voluntariado tem, como nos referem alguns autores, um forte cariz familiar.

Há uma tradição na minha família de algum modo ligada ao voluntariado.

(Bombeiro B)

Lembro-me do meu pai, desde muito pequeno, estava envolvido em actividades de voluntariado, embora num âmbito completamente diferente deste.

(Bombeiro B)

1.2 – PARADIGMA CULTURAL

A Instituição bombeiros é, na sua especificidade, um campo estruturador de toda a vida social. Se repararmos nos relacionamentos que se estabelecem no trabalho, na família, no ensino ou nos tempos livres, nas esferas da economia e da política, na organização social do espaço e do tempo, nos sistemas de desigualdades sociais, o campo de intervenção dos bombeiros relaciona-se, múltipla e profundamente, com todos estes vectores da estrutura/sistema social, numa reciprocidade de estruturador e estruturado.

Desenham-se assim, nos indivíduos e nos grupos, quadros de valores e de sistemas de disposições: os modelos culturais. Estes são normas de relações diárias estruturadas, às quais se reportam os bombeiros nos intercâmbios, na comunicação quotidiana e na vivência das suas várias formas de comunidade.

Os modelos culturais diferenciam-se, não só conforme as trajectórias pessoais e as qualificações profissionais dos indivíduos, mas também consoante os sistemas ideológicos, os processos de trabalho, as morfologias

organizacionais, as redes de interacção e os estilos de gestão das organizações onde trabalham (cf. SAINSLIEU 1977).

Embora muitos excertos de entrevistas possam aparentemente parecer enquadrarem-se num paradigma altruísta, pelo seu contexto e envolvimento global nós considerámo-las no paradigma cultural.

1.2.1 – Motivo de Entrada nos Bombeiros

Podem ser muitos e variados os motivos que levam um indivíduo a dedicar-se a uma instituição de voluntariado como os Bombeiros. Cada indivíduo tem por si só motivações individuais e uma história de vida diferente de outro. No entanto, a decisão e a vontade de ser Bombeiro Voluntário reveste-se de particularidades mais ou menos semelhantes e comuns, daí se terem estabelecido as seguintes sub-categorias.

1.2.1.1 – Necessidade de Emprego

Um dos vários motivos que pode conduzir a actividades de voluntariado é o desemprego, nomeadamente o de longa duração, a precaridade do emprego, a imigração dos países do terceiro mundo, o desemprego juvenil, entre outros.

Este é de facto um dos grandes problemas sociais gerador de exclusão social e marginalidade, que nem o estado nem as restantes organizações da sociedade civil conseguem reverter. O trabalho voluntário pode aqui ocupar um papel determinante.

O desemprego apresenta algum “peso” quando verificamos a motivação de entrada para os bombeiros. Não aparece como o único aspecto determinante, mas associado a outros que referiremos de seguida. No entanto pelo menos três sujeitos da nossa amostra encontraram aqui o seu primeiro emprego:

O meu primeiro emprego a sério que tive foi nos bombeiros.

(Bombeiro A)

Quando terminei o 11º Ano surge o concurso aqui para o CCO, que é onde trabalho.

(Bombeiro C)

Proporcionou-se aqui esta entrada para os bombeiros, para o CCO e deixei de estudar.

(Bombeiro C)

Comecei a trabalhar aqui, pelo desemprego...

(Bombeiro F)

1.2.1.2 – Tradição Familiar

É frequente observarmos que numa Instituição tipo Bombeiros há uma certa predisposição para manter uma tradição familiar, isto é, ser bombeiro vai passando de geração em geração. É pouco frequente encontrar um indivíduo bombeiro com filhos maiores de 16 anos, que não o sejam também. É habitual falar com um bombeiro e perceber que ele tem quase sempre algum familiar também como bombeiro voluntário.

Há uma tradição de um grupo de uma série de famílias que toda a gente pertenceu aos bombeiros, são famílias extremamente pobres e que é habitual que aquelas pessoas durante a sua infância, pelo menos até começarem a trabalhar são pessoas que passaram fome e que viveram sempre ligadas aos bombeiros.

(Bombeiro B)

O meu pai entra para os bombeiros quando eu tinha 8 anos.

(Bombeiro C)

Começou com o meu pai, ele é que me trouxe para cá.

(Bombeiro C)

Há pessoas na minha família ligadas aos bombeiros.

(Bombeiro D)

O meu pai já era bombeiro, estávamos cá na rua, num dia qualquer, eram nove e tal da noite e estava calor, de repente tocou a sirene e o meu pai desatou a correr Rua de Elvas acima para ir para o quartel que era ao pé da Sé e eu fiquei com aquele bichinho logo desde pequenino.

(Bombeiro E)

Sempre tive pessoas na minha família muito ligadas aos bombeiros, mesmo o meu pai também era bombeiro.

(Bombeiro I)

Esta tradição começa a manifestar-se já nos filhos dos bombeiros entrevistados, que embora sejam de menor idade já têm “aquele bichinho”, como eles gostam de referir.

O meu filho hoje em dia, se algum dia vier a ser bombeiro, já tem, porque o pai é bombeiro e lá em casa vê as coisas dos bombeiros, vem aqui de vez em quando comigo...

(Bombeiro A)

Quando for grande quer ser bombeiro (...) já tem alguém de família. Ele já gosta de vir aqui.

(Bombeiro A)

O meu irmão também é bombeiro, a família... isto depois vai passando. Tenho um filho com 2 anos e ele também já gosta de vir para aqui.

(Bombeiro C)

Tenho uma filha com 11 anos que de vez em quando fala que também quer vir para aqui.

(Bombeiro D)

O meu filho já está na fanfarra, tive aqui cunhados, primos...

(Bombeiro G)

1.2.1.3 – Influência dos Amigos

Todos conhecemos a influência que os amigos exercem em certas decisões da nossa vida. O facto de alguns indivíduos terem amigos que já eram bombeiros voluntários foi de certa forma decisiva para a sua aderência.

Embora nem todos os que entraram por influência dos amigos aqui tenham permanecido, o facto é que grande parte deles por cá continuaram.

Um colega de quem me tornei amigo pessoal é que é quem me acaba por levar para os bombeiros.

(Bombeiro B)

Por influência desses amigos acabei por vir parar aos bombeiros com mais ou menos 14 anos.

(Bombeiro D)

Quando se é gaiato quase todos querem ser bombeiros, desde pequenino que pensava em ser bombeiro, e depois tive amigos que também eram bombeiros.

(Bombeiro F)

Tive aqui dois ou três vizinhos que eram bombeiros.

(Bombeiro F)

Um amigo meu veio para os bombeiros e eu acabei por ir atrás.

(Bombeiro H)

Foi um amigo de infância que me trouxe para cá. Dizia que o ambiente era bom...

(Bombeiro J)

Tive vizinhos que eram bombeiros e isso aliciou-me também.

(Bombeiro J)

Por influência também de amigos, muito começaram pela fanfarra. A fanfarra é a única forma de entrar nos bombeiros com menos de 16 anos. É um grande polo de interesse e de recrutamento de futuros voluntários.

E vem, e vem que aquilo é porreiro, está-se lá bem, tocar na fanfarra mesmo que não queiras ir aos fogos mas pelo menos tocar na fanfarra que é uma actividade gira, e eu acabei por vir.

(Bombeiro D)

Comecei a ver muitos amigos meus na fanfarra e acabei por para lá ir também, depois já era difícil sair, nem eu queria.

(Bombeiro I)

1.2.1.4 – Ocupação de Tempos Livres

Uma das principais razões apontadas para a participação em trabalhos voluntários, tem a ver com a insuficiência de desafios e realizações nas actividades de vida diárias.

A ocupação do tempo liberto, como lhe chama ROCA, necessita frequentemente de acções que possam provocar um certo grau de satisfação pessoal, ao mesmo tempo que ocupa o seu tempo.

Pela observação pudemos verificar que o Quartel dos Bombeiros é o local eleito para passar grande parte do tempo liberto. Encontram-se lá bombeiros, amigos de bombeiros, filhos de bombeiros... é um local de encontro e de “estar” escolhido por muitos, daí não ser de estranhar que este possa ser um dos vários motivos que levam um indivíduo a tornar-se bombeiro.

Comecei a ver aqui as pessoas, a ver aqui algum convívio, na altura também não havia muito para fazer. À noite as pessoas não tinham grandes divertimentos e acabei por começar a vir para aqui como miúdo, a conhecer algumas pessoas.

(Bombeiro A)

Passava cá o tempo e naquela altura das férias de Verão, Natal, Páscoa... isso era limpinho.

(Bombeiro C)

Nas férias era de dia à noite aqui cravado no quartel dos bombeiros.

(Bombeiro C)

É a minha segunda casa.

(Bombeiro C)

Também é uma questão de ocupar o tempo, se não fizesse isto não estou a ver muito bem o que é que estaria a fazer.

(Bombeiro D)

Estou aqui desde miúdo, sempre a morar perto, vinha aqui todos os dias.

(Bombeiro F)

Passei grande parte da minha adolescência aqui dentro.

(Bombeiro G)

Quando era novo havia poucos sítios para ir, não é como agora... e vínhamos para aqui sempre que podíamos, principalmente no Verão.

(Bombeiro H)

Às vezes a minha mãe até se zangava, porque eu passava aqui o tempo.

(Bombeiro H)

Sempre gostei de para aqui vir, mesmo agora sempre que posso cá estou, embora seja mais difícil por causa dos estudos, mas no Verão é sempre

(Bombeiro J)

Pode parecer paradoxal, mas os bombeiros sentem por vezes alguma dificuldade em ocupar o tempo no quartel, ansiosos por actividade, que chegam a desejar o fogo...

Muitas vezes as pessoas quando estão aqui no quartel e que não há nada para fazer, não há fogos não há nada, quando existe esse ócio instalado (...) às vezes parece que os bombeiros desejam o fogo para que se possa apagar, para que se possa fazer alguma coisa.

(Bombeiro D)

1.2.1.5 – Proximidade Física do Quartel

O facto de residir na proximidade física do quartel, alguns mesmo em frente e outros a escassos metros deste, parece ser um factor determinante para a adesão aos bombeiros. De realçar o facto de 7 (70%) dos entrevistados terem nascido ou morarem muito perto do quartel. Como um dos entrevistados mesmo referiu, só foi bombeiro aos 22 anos porque em Marvão onde morava não havia bombeiros.

Nasci mesmo em frente ao quartel (...) fui criado sempre ali.

(Bombeiro A)

Estava mesmo em frente à minha casa.

(Bombeiro A)

Ainda por cima morava aqui perto.

(Bombeiro C)

Antes de casar morei sempre na casa do meu pai, para aí a 100 metros do quartel.

(Bombeiro C)

De vez em quando visitava aqui o quartel porque morava a cerca de 600 metros.

(Bombeiro D)

Sempre morei perto do quartel, quando era na Sé eu morava na Rua de Elvas, depois vim morar para a Vila Nova e o quartel também veio para aqui, onde ainda é hoje.

(Bombeiro E)

Quando o quartel era lá em cima, ficava muito perto da minha casa e penso que também foi um motivo...

(Bombeiro H)

Moro logo ali em baixo, fica bastante perto, sempre tive os bombeiros por perto.

(Bombeiro J)

Como foi dito antes, a distância do quartel parece ser predominante na aderência aos bombeiros, como se pode ver a seguir:

Eu morava aqui em frente, nem sequer tinha ido aos bombeiros quando o quartel era lá em cima.

(Bombeiro A)

Se calhar se o quartel não viesse para aqui nada disto se passaria.

(Bombeiro A)

Houve a mudança do quartel aqui para baixo, foi quando eu tive mais tendência em vir para bombeiro, se o quartel tivesse ficado lá em cima, se calhar eu agora não era.

(Bombeiro F)

1.2.1.6 – Interesse nas Actividades dos Bombeiros

O trabalho desenvolvido pelos bombeiros tem sido sempre um assunto aliciante, mesmo desde criança que se tem curiosidade em saber: O que faz um bombeiro? Quando vão para os fogos como fazem? E nos acidentes? Para onde será que vão? São actividades que despertam realmente curiosidade.

Com um grau de interesse desta grandeza, chegamos a ter a informação em directo por uma rádio local. Sempre que a sirene dos bombeiros toca, a rádio informa onde é o “fogo” tal é a curiosidade que realmente desperta na população em geral.

Comecei a aperceber-me destas coisas, destes movimentos, destes carros.

(Bombeiro A)

Os gostos por estas coisas das viaturas.

(Bombeiro A)

Era sempre aquela ansiedade de fazer mais um ano para poder chegar aos 16 anos para começar a fazer todo o tipo de serviço.

(Bombeiro C)

Quando era miúdo (...) a gente diz quando for grande quero ser bombeiro.

(Bombeiro C)

Quando ouvimos tocar a sirene, onde será o fogo? O que irão fazer?

(Bombeiro G)

Quando via os carros a sair, ficava com vontade de saber para onde iam e pensava «quando for grande também quero ir além»

(Bombeiro H)

O interesse pelas actividades dos bombeiros chega mesmo ao ponto de um grupo de escuteiros, todos com idade inferior a 18 anos, tentarem criar um corpo de bombeiros.

A minha patrulha chegou a intervir nalguns incêndios que houve em Marvão, embora sem conhecimentos e sem recursos, tentámos fazer isso. Foi como eu fiquei a conhecer os bombeiros e fiquei de certo modo com um bichinho.

(Bombeiro B)

Quando o interesse nestas actividades e o desejo de pertencer aos bombeiros se torna real, leva a que muitas vezes se percam outras motivações anteriores como é o caso dos “estudos”.

Há uma certa tendência em deixar de estudar porque o gosto por isto acaba por ser maior e começa a toldar as pessoas.

(Bombeiro D)

1.2.2 – Satisfação Pessoal

Um indivíduo necessita de uma motivação para fazer algo. Em qualquer momento da nossa vida, necessitamos de um motivo que justifique determinada atitude ou comportamento, motivo que pode ser de ordem material, económica , espiritual... Mas um é sem qualquer dúvida o que predomina: eu faço algo porque me dá prazer! Sinto-me bem em fazer isto!

E este é um dos motivos que mais facilmente se identificou nas entrevistas, na tentativa de explicar porque são voluntários numa Instituição como os Bombeiros.

Para além do meu serviço em que ganhava o meu dinheiro, ter uma actividade não remunerada que me ocupava tanto tempo... isso é uma coisa que não tem explicação... mas eu fazia muito gosto em fazer aquele tipo de actividade.

(Bombeiro B)

Nos bombeiros estou lá voluntariamente e estou a fazer uma coisa que de facto gosto muito.

(Bombeiro B)

Para mim é uma grande satisfação poder fazer aquele tipo de serviço.

(Bombeiro B)

Tem a ver com o prazer pessoal que sinto em fazer uma actividade que gosto.

(Bombeiro B)

Dediquei-me em jovem a outras actividades, ainda tentei natação chegando a participar em concursos, fiz aeromodelismo... tudo coisas engraçadas em que eu me apliquei e consegui muito bons resultados mas realmente não me satisfaziam, aquilo que me satisfaz é estar aqui dentro.

(Bombeiro D)

Podemos observar que esse grau de satisfação pessoal está mesmo acima de qualquer interesse.

Em primeiro lugar a satisfação pessoal, o sentir-me bem comigo próprio ao saber que estou a fazer algo de útil para os outros, nós somos voluntários, não estamos aqui para ganhar dinheiro nenhum, nós estamos aqui para nos sentirmos bem.

(Bombeiro E)

Não é pelo dinheiro que a gente ganha, que a gente não ganha dinheiro nenhum, somos voluntários, mas dá uma grande satisfação, sinto-me bem.

(Bombeiro F)

A actividade desenvolvida é tão satisfatória que apesar dos anos consegue manter os indivíduos motivados e com vontade de continuar.

Estou aqui com muito gosto e cá estou...

(Bombeiro G)

Estou aqui há muitos anos e nunca me senti com vontade de ir embora, gosto mesmo de estar aqui, sinto-me bem.

(Bombeiro H)

Isto é uma grande satisfação, tem-me dado muitas alegrias ao longo da vida.

(Bombeiro I)

Só por aqui estar eu sinto-me satisfeito.

(Bombeiro J)

Os amigos que temos aqui dentro, apesar de às vezes haver alguns problemas, fazem-nos sentir com vontade de cá vir, estar na conversa, beber um copo, é sentirmo-nos bem.

(Bombeiro I)

O grau de motivação chega a ser tão elevado que tudo se faz com o maior prazer, não há tarefas mais ou menos desagradáveis, todas são importantes para nos sentirmos bem.

Quando entrei, naquela altura nós fazemos tudo, aparece isto nós vamos, aparece aquilo nós fazemos, tudo quanto aparece nós fazemos e nem discutimos, nem porque sim, sem porque não, porque queremos fazer.

(Bombeiro A)

Os indivíduos depois de se comportarem altruisticamente experimentam, muitas vezes, uma sensação de bem estar, de competência e de controle.

Faz qualquer coisa por outrem, porque é bom agir assim. Não espera qualquer retribuição imediata. Mesmo que tal acção vise um prazer imediato ou uma recompensa futura, não é contudo por essa razão que é levada a cabo.

O que me faz estar aqui acaba por ser algumas alegrias quando as coisas nos correm bem e sentimo-nos bem.

(Bombeiro A)

Quando as coisas foram bem feitas a gente sente-se bem por isso.

(Bombeiro C)

Quando se conseguem fazer as coisas ficamos satisfeitos.

(Bombeiro C)

No Verão dedicava-me quase a 100%, chegava a passar aqui semanas inteiras.

(Bombeiro D)

Quando foi ao fim abraçamo-nos uns aos outros – conseguimos! Conseguimos! Nós ficámos com uma sensação tão boa, ficámos satisfeitos por termos feito aquele serviço.

(Bombeiro E)

Quando o que fazemos consegue dar resultados positivos um gajo fica fixe com essa porcaria.

(Bombeiro E)

Quando conseguimos fazer uma coisa bem feita, eu sinto-me muito satisfeito.

(Bombeiro H)

Quando vamos para o fogo e chegamos ao fim cansados, mas conseguimos apagar, é uma satisfação que só nós sabemos.

(Bombeiro I)

Quando vamos aos acidentes e conseguimos tirar de lá as pessoas encarceradas e levá-las com vida para o hospital, é muito bom, mesmo bom, ficamos todos contentes.

(Bombeiro J)

A satisfação sentida pelas actividades desenvolvidas aumenta à medida que o risco aumenta, isto é, quanto maiores forem as sensações experimentadas, maior será o prazer obtido.

Gosto pela adrenalina que aquilo trás.

(Bombeiro B)

A sensação de um gajo bater um fogo e conseguir vencê-lo. Quando o fogo está forte e um gajo consegue vencê-lo, atacá-lo na raiz e consegue dominá-lo: estou satisfeito.

(Bombeiro E)

...um gajo ter às vezes um bocado de receio, mas é nessas que estamos com receio e nos metemos à aventura e consegue ganhar, essas é que são mesmo as situações gratificantes. O prazer de vencer as chamas... não só por aquilo que está a fazer mas também por ele próprio.

(Bombeiro E)

Pode parecer estranho, mas eu gosto que haja serviço, de ir aos fogos, alguma acção, a recompensa de tanto trabalho acaba por ser eu a sentir-me bem com o que fiz, ao fim ao cabo ficar feliz com isto.

(Bombeiro J)

Esta satisfação é muitas vezes sentida em grupo e isso é também motivo de satisfação individual.

Quando um gajo fica assim a suar, mas consegue vencer aquilo é uma alegria, às vezes um gajo não exterioriza mas depois em conjunto dizer «foi um trabalho impecável, estamos todos de parabéns, conseguimos aquilo que queríamos»

(Bombeiro E)

O facto de apenas se sentir satisfeito é por si só motivo para continuar.

Estou aqui de boa vontade.

(Bombeiro A)

O pessoal está aqui mesmo porque gosta disto.

(Bombeiro C)

Como me sentir satisfeito por andar aqui.

(Bombeiro C)

1.2.3 – Convívio com os Amigos

Uma das necessidades humanas básicas tem a ver com as vivências que se estabelecem entre os indivíduos que vivem em sociedade e em

proximidade física, aquelas pessoas com que gostamos de estar, que nos dão prazer com a sua presença – os amigos.

O próprio comportamento individual é influenciado pelas interações sociais que se estabelecem. Os bombeiros não são excepção e a possibilidade de este ser um local onde o convívio entre indivíduos é primordial, leva a que seja um motivo muito valorizado.

Encontramo-nos tantas vezes que começa a haver algumas amizades.

(Bombeiro A)

Ser bombeiro acaba por ser o gosto do convívio com o pessoal.

(Bombeiro A)

O que me faz continuar aqui dentro é um conjunto de amigos que consegui arranjar aqui e nalguns tenho uma confiança extrema.

(Bombeiro D)

Criei uma relação com determinado círculo de amigos aqui dentro que me sinto bem com eles e gosto de aqui vir.

(Bombeiro D)

A camaradagem que há aqui dentro cria aqui amigos. Já tinha aqui amigos que eram bombeiros, já tinha amigos que entraram na mesma altura para bombeiro e tenho amigos que continuam hoje como eu continuei, outros que já abalaram, e outros que vêm, agora somos todos amigos.

(Bombeiro F)

Acaba por ser ao fim ao cabo destes anos todos ser como uma família, somos já todos uma família.

(Bombeiro G)

Passo aqui o tempo, tenho aqui muitos amigos e gostamos de confraternizar.

(Bombeiro I)

Quase todos os meus amigos estão por aqui, por isso cá vimos tanto, convivemos aqui...

(Bombeiro I)

Estou muito habituado a vir até cá, já fizemos aqui muitas amizades.

(Bombeiro J)

Conhecer algumas pessoas.

(Bombeiro A)

Amigos meus aqui das redondezas também entraram e acabámos por ter aqui o nosso convívio.

(Bombeiro A)

Já temos aqui muitos amigos.

(Bombeiro A)

Os bombeiros mesmo quando não estão de serviço vêm com frequência ao quartel.

(Bombeiro A)

Este convívio com os amigos manifesta-se também quando é necessário actuar. Esta amizade torna-se mais patente quando há actividades a desenvolver, chegando mesmo a afirmar que mesmo que não se “entendam” muito bem lá dentro, quando chegam ao fogo existe um forte espírito de união.

O pessoal quando vai para o fogo são todos unidos, é um trabalho em equipa.

(Bombeiro E)

Há mais amizade aqui nos bombeiros e mais união num incêndio que fora dele. Às vezes aqui há chatices com uns e com outros, mas quando vamos para um incêndio há união a 100%.

(Bombeiro E)

Até nos podemos dar os cinco mal, mas se formos no mesmo carro no fundo damos-nos todos bem ao fim ao cabo, vamos todos pela mesma causa. Há um espírito de grupo, de camaradagem.

(Bombeiro F)

Quando há um fogo nota-se que as pessoas estão muito unidas, estão todas para o mesmo e isso acaba por se reflectir nos momentos que aqui passamos no quartel.

(Bombeiro J)

1.2.4 – Símbolos dos Bombeiros

Se há coisas que fascinam qualquer criança são os símbolos identificativos de qualquer Instituição. Os bombeiros são um exemplo perfeito e os seus símbolos fazem a “delícia” de qualquer criança. Os carros com as sirenes, a farda, até o próprio quartel pode ser visto como um símbolo.

Pela análise das entrevistas ficou claro a marca que estes símbolos deixaram na sua vida. A forma como os relataram, o carinho com que se recordam desse tempo de criança, quando iam com os pais ao quartel e viam os carros ou quando os viam passar na rua a caminho do fogo...

Um dos símbolos mais referidos foi sem dúvida o das viaturas, os carros dos bombeiros com as luzes, vê-los a sair.

O gosto de sair nas viaturas.

(Bombeiro A)

Lembro-me perfeitamente de andar na escola primária e de ter o fascínio dos carros dos bombeiros.

(Bombeiro B)

Eu gostava de ver passar os carros dos bombeiros. Ouvia tocar a sirene e ia lá acima (...) para ver se conseguia ver onde é que era o fogo. Se visse, arrancava a correr aqui para a estrada só para ver passar os carros. Gostava mesmo de ver passar os carros, os bombeiros lá em cima dos carros... dava-me aquela sensação que os gajos iam fazer qualquer coisa de bom, e fiquei marcado, cada vez que tocava a sirene dava-me assim aquele piquinho... quando tiver idade vou para os bombeiros.

(Bombeiro E)

Como morava aqui perto via os carros dos bombeiros a passar para baixo, quando havia fogos.

(Bombeiro F)

Não sei muito bem porque é que sou bombeiro, acho que ao fim ao cabo é o concretizar de um sonho de qualquer criança. Ver passar os carros dos bombeiros a tocar...

(Bombeiro G)

O meu pai levava-me muito ao quartel e eu o que mais gostava era de ver os carros, ir para dentro deles...

(Bombeiro I)

Em miúdo sentia-me muito atraído pelos carros, pelas luzes e pelas sirenes, dos bombeiros e também da polícia.

(Bombeiro J)

Quando os carros saíam para um fogo, se eu estava em casa ia sempre vê-los a passar, com os bombeiros em cima dos carros, ainda agora penso nisso quando lá vou.

(Bombeiro J)

Um outro símbolo referido é a farda. O orgulho de ter uma farda e a importância social que lhe é atribuída são dois factores de relevo.

A farda era importante para nós.

(Bombeiro A)

Uma pessoa com a farda sentia-se diferente, uma pessoa sentia-se mais importante.

(Bombeiro A)

A pessoa sente que tem uma farda e o outro rapaz é da idade dele e não tem, a pessoa sente-se um pouco diferente.

(Bombeiro A)

E quando havia desfiles lá íamos todos fardados, ainda agora vamos e eu faço-o com muito gosto.

(Bombeiro H)

Parece que para os bombeiros mais novos a farda já não tem o mesmo valor simbólico que antes, mas pelo que pudemos observar, o culto de um uniforme continua marcado.

Os mais novos não dão importância nenhuma, mas no meu tempo ter uma farda era sinal de respeito, era-se um pouco diferente...

(Bombeiro H)

Embora pertencentes ao quadro honorário, não tendo um papel activo dentro da Associação, a farda mantêm-se como que uma “regalia”, podendo usá-la sempre que quiserem.

Têm a farda lá em casa e podem vestir a farda à mesma.

(Bombeiro C)

A agitação que se vive quando há uma ocorrência, associada aos símbolos é também um factor impulsionador para querer “entrar” para bombeiro.

Começam de pequeninos, depois começam a ver os carros a verem os mais velhos a saírem, a interessarem-se pelas coisas e vão ficando.

(Bombeiro A)

*Via os vizinhos quando tocava a sirene e via-os abalar,
sempre a puxar para ser bombeiro.*

(Bombeiro F)

*Quando era gaiato e tocava a sirene e via o meu pai a
correr para o quartel, e outros vizinhos, ficava todo
entusiasmado.*

(Bombeiro I)

*Eu acho que todas as crianças têm um certo fascínio
pelo bombeiro e há pessoas que à medida que vão
crescendo esse fascínio diminui, em mim esse fascínio
manteve-se.*

(Bombeiro B)

1.2.5 – Reconhecimento Social e Poder

Um indivíduo que desenvolve uma atitude altruísta revela uma elevada probabilidade de receber elogio e aprovação social. O reconhecimento social de quem pratica uma «boa acção» ou é «benemérito» para com os outros é sem dúvida impulsionador deste tipo de comportamento.

O cidadão elabora juízos de valor acerca dos bombeiros e da sua actividade. fá-lo numa escala de valores com muito de subjectivo, mas dentro

de uma apreciação normativa de ordem moral ou vital. O seu julgamento é feito em função dos dados relativos à sua atitude e aos valores humanos que considera deverem existir. Assim, segundo o comportamento do bombeiro o cidadão faz uma análise ora benévola, ora implacável, na medida em que mede ou avalia uma acção precisa.

O reconhecimento pelas actividades desenvolvidas é sem dúvida importante. Todos gostamos de ver o nosso trabalho apreciado e valorizado pelos outros.

É uma actividade que em termos de comunidade o ser bombeiro, a actividade dos bombeiros, são de alguma forma um grupo reconhecido, ou melhor, um grupo que é admirado.

(Bombeiro B)

A grande maioria de nós bombeiros sentimos que a população gosta de nós.

(Bombeiro B)

Sentirem que são reconhecidos e que são necessários, sem estarem a desempenhar uma actividade profissional, mas que são necessários.

(Bombeiro B)

A nível de Portalegre acho que os bombeiros nunca ficaram mal vistos, temos recebido bastantes elogios até na comunicação social.

(Bombeiro C)

É uma força que é bem vista e ajudada.

(Bombeiro C)

Os bombeiros, dentro das forças da autoridade são aquelas que as pessoas até mais admiram.

(Bombeiro C)

As populações até têm os bombeiros como uma entidade estável, têm-nos em boa conta.

(Bombeiro C)

Eu fico contente quando encontro pessoas que ajudei a apagar fogos nos terrenos deles e me reconhecem e me cumprimentam, fico muito orgulhoso por isso.

(Bombeiro H)

Por vezes este reconhecimento não acontece, os bombeiros sentem que o trabalho que desenvolvem não é devidamente valorizado pelas populações.

Não é nenhum mar de rosas, o que os bombeiros passam, a gente passa frio, passa fome, passa tudo um pouco... as pessoas não reconhecem.

(Bombeiro F)

Acho importante que as pessoas reconheçam o trabalho que a gente tem e que é muito, mas isso não acontece muito, as pessoas não sentem obrigação...

(Bombeiro H)

A ausência de reconhecimento da sua actividade por parte da população acaba por ser compensado de outras formas.

Ou pelo reconhecimento pessoal de quem pratica a acção:

Um gajo está a bater o fogo, consegue apagar o fogo, nós temos mérito por isso. Não estamos à espera de nenhum louvor.

(Bombeiro E)

Às vezes nem um reconhecimento, a tal satisfação que sinto acaba por ser um reconhecimento daquilo que fiz, sem que mo deiam.

(Bombeiro G)

Ou porque se se cumpre a “obrigação” não há motivo para lhe dar valor:

A população não é indiferente mas, se o bombeiro falha a população aponta, se o bombeiro desempenha a sua função e desempenha bem, a população não reconhece... «se fiz ninguém se lembra, se não cumpro ninguém se esquece».

(Bombeiro G)

Mas também me parece que se calhar ninguém nos dá o valor porque nós cumprimos, se não desempenhassemos as funções, as pessoas viam pela parte negativa.

(Bombeiro G)

Por vezes esta necessidade de reconhecimento acompanha-se de uma afirmação de poder. Quer se queira ou não temos poder... e o poder é sem dúvida algo que nos atrai, quer pelo cargo desempenhado e visto do exterior, quer pelo controle dentro da própria Instituição.

Pode-se pensar que o meu cargo é um cargo importante.

(Bombeiro A)

Em relação ao meu posto concreto, poder-se-ia pensar que é uma questão de poder.

(Bombeiro A)

Sempre se tem quer queira quer não algum poder. Poder controlar este pessoal todo, se eu não estivesse aqui, na minha vida normal concerteza não teria os relacionamentos com pessoas que já tive e em determinados sítios que já estive.

(Bombeiro A)

Alguma vaidade, todos os bombeiros são vaidosos.

(Bombeiro A)

2 – CONCLUSÕES

Não restam muitas dúvidas que estamos a assistir ao aparecimento de um novo tipo de voluntariado, não só através de um crescimento quantitativo, mas também através de mudanças qualitativas.

O processo de mudança quantitativa e qualitativa tem integrado mudanças sociais profundas na estrutura socio-económica da sociedade que levam a uma metamorfose na própria dinâmica do voluntariado (Roca, 1994).

A noção de que como o voluntário não é remunerado não podemos exigir nada dele, está cada vez mais distante. O voluntariado descobriu a força que tem como organização, tornando-se num grupo organizado, integrando a formação contínua e a avaliação sistemática das suas actividades.

Os bombeiros incluem-se nitidamente neste processo de mudança. Estão cada vez mais organizados como Instituição, com uma hierarquia própria e bem definida, investindo cada vez mais na formação e na avaliação que desenvolvem.

Com todas as modificações surgidas, maior era a nossa curiosidade em conhecer os motivos que levam a que cada vez mais indivíduos queiram ser bombeiros.

Pretendíamos conhece-los como pessoas, que têm uma actividade profissional e que paralelamente desenvolvem um trabalho não remunerado, confrontando-se no seu dia a dia com dificuldades resultantes desta “vida dupla”.

Não podemos desde já deixar de referir o quanto foi gratificante e enriquecedor esta experiência por nós vivida, no contacto que mantivemos no período em que decorreu o estudo. Muitas situações novas, que nem sequer imaginávamos, experiências de vida recheadas de relatos emocionantes, corajosos e até aventureiros.

Conscientes das dificuldades que envolvem um estudo de relato de vida, recheado de opiniões, sentimentos, crenças, valores e expectativas, partimos para o terreno.

Colocaram-se-nos, ao longo do estudo, problemas de validade e fiabilidade, até de interferência, devido à nossa presença no campo.

No entanto, não podemos deixar de afirmar que a interacção estabelecida constituiu um importante contributo para a recolha de dados.

Assim, a nossa presença no terreno permitiu-nos estabelecer um confronto entre a observação e os valores obtidos através das histórias de vida, viabilizando deste modo a pesquisa que nos propusemos efectuar.

Tendo sempre em vista os objectivos do estudo e as questões que nos serviram de orientação, desenvolvemos a nossa problemática.

Pretendemos agora, reflectir e sintetizar, de uma forma global, sobre os dados obtidos, ou melhor, sobre os resultados do estudo, pois *a interpretação dos resultados de um estudo, forma as conclusões do mesmo* (Gil Flores, 1994).

Paradigma Altruísta

Relativamente a este paradigma e às subcategorias que definimos

ressaltam alguns aspectos interessantes.

Pode-se considerar que as actividades desenvolvidas são encaradas como uma missão, frequentemente nos referiram que ser bombeiro é ajudar e/ou salvar as pessoas, recorrendo com frequência ao seu lema «vida por vida». Esta sensação de missão é acentuada quando nos dizem que mesmo não gostando de determinados serviços, fazem-nos porque é necessário fazer, porque alguém precisa e está à espera que seja feito. Podemos verificar o altruísmo no seu expoente máximo quando referem que fazem determinadas coisas sem esperar qualquer retribuição, sem receber nada em troca, para além da sua satisfação pessoal.

Ajudar as pessoas, isto é, ser solidário, foi referenciado por 7 indivíduos. Com frequência diziam que estavam ali para ajudar as pessoas, para fazer bem aos outros. Facto marcante é o espírito de solidariedade que se vive dentro da instituição, entre os seus elementos. Há um forte corporativismo entre eles, procurando ajudar-se mutuamente, mesmo em questões que ultrapassam a própria instituição, entrando no domínio da vida privada. Conseguimos aperceber-nos do forte apoio que existe entre os vários elementos da Associação.

O facto de se expor a uma situação de desvantagem ou a um perigo é uma das características do indivíduo altruísta. Por vezes, os bombeiros sujeitam-se a situações de risco real colocando em causa a sua integridade física. A existência deste risco é na maior parte das vezes inconsciente, ou seja, só chegam a tomar consciência dele quando as situações são ultrapassadas. Várias foram as referencias do tipo: nem nos lembrámos que estamos a pôr a vida em risco. Situações houve em que esse risco passou

efectivamente a acidente, casos de queimaduras, intoxicações e acidentes de viação.

Os custos de uma boa acção podem ser recompensados por uma boa acção em troca. Houve quem considerasse que estão a ajudar as outras pessoas porque um dia também podem vir a precisar de ser ajudados.

Pela análise de uma história de vida pudemos compreender que esse bombeiro devia a sua entrada para a Associação ao facto de sempre ter desenvolvido actividades voluntárias.

Paradigma Cultural

Neste paradigma identificámos várias subcategorias que poderiam motivar a entrada para os bombeiros.

O desemprego é frequentemente apontado como um dos motivos que pode conduzir a actividades de voluntariado. De facto, três indivíduos da nossa amostra encontraram o primeiro emprego aqui nos bombeiros.

É pacífica e aceite a tradição familiar dentro dos bombeiros. É frequente observar famílias que vão transmitindo de geração em geração este “bichinho”, como eles gostam de referir, de pertencer aos bombeiros. Foram os avós, os pais, eles, agora os filhos... pode mesmo ser encarado como uma herança cultural. Houve um bombeiro que chegou a afirmar que o filho já queria vir para aqui e que viesse, para andar noutras coisas piores...

Outro factor importante e motivador tem a ver com a influência dos amigos. Seis dos entrevistados referiram que um dos motivos que os levou a ser bombeiro foi a influência dos amigos e o facto de eles já pertencerem à

Associação. Alguns vieram directamente, outros começaram pela fanfarra por terem uma idade inferior à necessária (16 anos).

A necessidade de ocupar o tempo livre também é referência frequente para a adesão ao voluntariado. Identificaram-se situações diversas, desde a ausência de “divertimentos” cá fora até ser considerado a segunda casa, tudo foi motivo para ocupar o tempo disponível.

O facto de residir nas proximidades do quartel é uma justificação bastante forte para ser bombeiro, quer porque se via o movimento dos carros e das pessoas, quer pelo facto do quartel ser logo ali. Dos dez entrevistados, sete moravam muito perto do quartel e um deles chegou a afirmar: se calhar se o quartel não viesse para aqui nada disto se passaria.

As actividades que os bombeiros desenvolvem despertam um interesse natural. Saber o que fazem e como fazem deixa qualquer pessoa curiosa, principalmente uma criança. Este aspecto foi referido por seis dos entrevistados. Ficaram com vontade de ser bombeiro quando fossem “grandes” porque as actividades que eles desenvolviam eram por um lado misteriosas mas ao mesmo tempo apaixonantes.

Sem qualquer dúvida, a satisfação pessoal foi o motivo mais referido para justificar o facto de ser bombeiro. Todos os indivíduos da amostra sentem satisfação pelo que fazem. Pode ser considerado uma fonte de prazer pessoal. A satisfação pessoal está mesmo acima de qualquer outro interesse, estamos aqui não para ganhar dinheiro, mas para nos sentirmos bem. O grau de satisfação é tão elevado que consegue manter os indivíduos em permanente motivação.

De realçar o facto de o grau de satisfação ser proporcional ao risco que enfrentam, isto é, os indivíduos sentem-se tanto mais satisfeitos quanto mais fortes forem as emoções sentidas.

Muito valorizado também é o convívio com os amigos. Para além dos amigos que os “trouxeram” para os bombeiros, as amizades ora criadas desempenham um papel fundamental. Este é um local por excelência para o convívio. De facto, quem permanecer no Quartel dos Bombeiros durante algum tempo não fica com qualquer dúvida. São os que estão de piquete, os que não estão, amigos que não são bombeiros... o quartel é por excelência um local de convívio e de reunião de amigos. Discutem-se muitos assuntos, ligados à Associação ou não, “tomam-se uns copos”, parece que todos se dão bem. Um bombeiro referiu a determinada altura: “acaba por ser ao fim ao cabo destes anos todos uma família, somos já todos uma família”.

Mesmo quando surgem divergências entre eles, estas são esquecidas quando entram em acção. Como um dos bombeiros dizia: “às vezes aqui há chatices com uns e com outros, mas quando vamos para um incêndio há união a 100%”.

Os símbolos dos bombeiros são de facto determinantes na adesão a esta instituição. Os mais referidos foram sem dúvida a farda e os carros. A farda é mesmo muito valorizada, pudemos observar várias referências a esta e principalmente o “orgulho” de a ter. Um bombeiro levanta esta questão de uma forma muito clara “a pessoa sente que tem uma farda e o outro rapaz é da idade dele e não tem, a pessoa sente-se diferente.”

Quem pratica uma “boa acção” gosta, mesmo que inconscientemente, que seja reconhecido, que as outras pessoas reconheçam aquilo que fez, com

os bombeiros não é excepção. O reconhecimento social, quer pela actividade que desenvolvem, quer pelo poder inerente ao cargo é sem dúvida uma questão importante. Por vezes são reconhecidos publicamente, quer pela atribuição de condecorações, pela imprensa ou pela opinião da população e isso é motivo de orgulho e satisfação. Quando não existe feed-back deste reconhecimento publico, são os próprios bombeiros a reconhecerem-se a si próprios.

Após o terminus deste estudo, e em jeito de conclusão, não podemos deixar de referir a opinião de um bombeiro, que quanto a nós reflecte totalmente o resultado desta pesquisa. É uma opinião que nós partilhamos e que nos parece ser o verdadeiro motivo que leva um indivíduo a ser bombeiro voluntário:

Ser bombeiro é uma forma de estar, a pessoa vem para aqui por várias razões. Eu penso que é muito raro uma pessoa vir para aqui só porque quer ajudar os outros. Só esse motivo e não haver outra coisa qualquer eu acho isso muito, muito difícil, vai ver que hão-de ser muito poucos os casos.

Isso vem depois por acréscimo, porque se a pessoa quiser ajudar os outros tem uma série de coisas que pode ajudar os outros, até mesmo na nossa própria vida, sem estarmos ligados a nenhuma instituição, podem se tiverem uma mentalidade desse tipo. Ajudar os outros não é necessário estar nos bombeiros. Mais tarde começamos então a perceber que estamos num sítio em que se pode ajudar os outros, mas esse não é o motivo inicial.

(Bombeiro A)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERONI, Francesco e VECA, Salvatore - *O Altruísmo e a moral*. Bertrand Editora, Venda Nova, 1996.

ALBERONI, Francesco - *Amo-te*. Bertrand Editora, Venda Nova, 1987.

ALBERONI, Francesco - *Enamoramento e amor*. Bertrand Editora, Venda Nova, 1988.

ALLÈGRE, Claude – *Ecologia das Cidades, Ecologia dos Campos*. Lisboa, Instituto Piaget, 1993, 226 p.

ARONFREED, J. - *The socialization of altruistic behavior and sympathetic behavior: Some theoretical and experimental analyses*. In J Macaulay & L. Berkowitz (Eds.), *Altruism and helping behavior*. New York: Academic Press, 1970.

BARDIN, Laurence – *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Edições 70 Lda, 1991, 225 p

BAR-TAL, D. - *Sequential development of helping behavior: A cognitive-learning approach*. *Developmental Review*, 1982, 2, 101-124

- BASTARDO, L. C.; SANTOS, M. F. - *Investigacion Cualitativa - Salud Laboral*, Massou S.A., Barcelona, 1997.
- BERKOWITZ, L. - *Social norms, feelings, and other factors affecting helping behavior and altruism*. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology*. Vol.6. New York: Academic Press, 1972.
- BOBBIO, Norbert – *O Futuro da Democracia*. Lisboa, Publicações D. Quixote, 1988
- CAMPBELL, Bernard – *Ecologia Humana*. Lisboa, Edições 70, 1983, 262 p.
- COSTA, António Firmino et al – *Artes de Ser e de Fazer no Quotidiano Operário*. Lisboa, CIES/ISCTE, 1984
- DAJOZ, Roger – *Ecologia Geral*. Petrópolis, Vozes, 4ªEd., 1983, 472 p.
- DESHAIES, Bruno – *Metodologia da Investigação em Ciências Humanas*. Lisboa, Instituto Piaget, 1997, 456 p.
- DIGNEFF, Françoise – *Do Individual ao Social: a Abordagem Biográfica*. in: ALBARELLO, Luc et al – *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa, Gradiva, 1997, p. 203-245

- EDGAR, Morin - *O Paradigma Perdido – A Natureza Humana*. Publicações Europa América, Mem Martins, 2ª ed., 1982, 223 p.
- EISENBERG, Nancy - *Altruistic Emotion, Cognition, and Behavior*. Lawrence Erlbaun associates Inc.Publishers, New Jersey, 1986, 256 p.
- EISENBERG, Nancy e LENNON, R. - *Altruism and assessment of empathy in the preschool years*. *Child Development*, 1980, 51, 552-557.
- FESHBACH, N. - *Sex differences in empathy and social behavior in children*. In: N. Eisenberg (Ed.), *The development of prosocial behavior*. New York: Academic Press, 1982.
- FLORES, Javier Gil – *Análisis de datos cualitativos*. Barcelona, Promociones y Publicaciones Universitarias, S.A., 1994, 244 p.
- FREEDMAN, J. - *Transgression, compliance, and guilt*. In: J Macaulay e L. Berkowitz (Eds.), *Altruism and helping behavior*. New York: Academic Press, 1970.
- GIL, António Carlos – *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 2ª edição, São Paulo, Atlas, 1989, 199 p.
- GOULDNER, A. - *The norm of reciprocity: A preliminary statement*. *American Sociological Review*, 1960, 25, 161-179

HAMILTON, D.L. – *Affect, cognition and stereotyping: interactive processes in group perception*. San Diego, Academic Press, 1993, 389 p.

HAMILTON, D.L. et al – *Social cognition: impact on social psychology*, San Diego, Academic Press, 1993, 389 p.

HAWLEY, Amos H. – *Teoría de la Ecología Humana*. Madrid, Editorial Tecnos, S.A., 1996, 198p.

<http://www.Kin.cieamer.conacyt.mx/Ecologia/ÁreasE.htm>

<http://www.unex.es/sociolog/BAIGORRI/papers/ecologia.htm>

HUESMANN, L. e LEVINGER, G. - *Incremental exchange theory*. In L. Berkowitz e E. Walster (Eds.), *Advances in experimental social psychology*. Vol. 9. New York: Academic Press, 1976.

KARYLOWSKI, J. - *Focus of attention and altruism: Endocentric and exocentric sources of altruistic behavior*. In: E. Staub, D. Bar-Tal et al (Eds.), *Development and maintenance of prosocial behavior*. New York: Plenum, 1984.

KERBER, K. - *The perception of nonemergency helping situations: Costs, rewards, and the altruistic personality*. *Journal of Personality*, 1984, 52, 177-187

LAMY, Michel – *As Camadas Ecológicas do Homem*. Lisboa, Instituto Piaget, 1996, 305p.

LESSARD, Michelle – *Investigação Qualitativa – Fundamentos e Práticas*. Lisboa, Instituto Piaget, 1994, 184 p.

MACAULAY, J. e BERKOWITZ, L. (Eds.) - *Altruism and helping behavior*. New York: Academic Press, 1970.

MISCHEL, W e MISCHEL, H. - *A cognitive social learning approach to morality and self-regulation*. In: T. Lickona (Ed.), *Moral development and behavior: theory, Research, and social issues*. New York: Holt, 1976.

NADLER, A., Bar-Tal, D. e DRUKMAN, O. *Density does not help: Help giving, help seeking and reciprocation of students living in high-rise and lower dormitories*. *Population and environment: Behavioral and social issues*, 1982, 5, 26-42.

NAZARETH, J.M – *Demografia e Ecologia Humana*. Cacém, Análise Social, 1993, pág.879-885, (123-124)

Nova Enciclopédia Portuguesa, Lisboa, Ediclube, 1992, vol. 8, pag.737

NUNES, João Arriscado – *As Solidariedades Primárias e os Limites da Sociedade - Providência*, Revista Critica de Ciências Sociais. 1995, nº42, pag 5-26

ODUM, Eugene P. – *Fundamentos de Ecologia*. Lisboa, Fundação Caloust Gulbenkian, 5ª Ed., 1997, 927p.

OLIVIER, George – *A Ecologia Humana*. Lisboa, Interciência Editora Lda, 1979, 104 p.

RICHARDSON, Robert – *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. 2ª edição, São Paulo, Editora Atlas S.A., 1989, 287 p.

ROCA, Joaquim Garcia – *Solidaridad Y Voluntariado*, Santander, Editorial Sal Terrae, 1994

ROSENHAN, D. - *Toward resolving the altruism paradox: affect, self-reinforcement, and cognition*. In: L. Wispé (Ed.), *Altruism, sympathy, and helping*. New York: Academic Press, 1978.

RUQUOY, Danielle – *Situação de Entrevista e Estratégia do Entrevistador*. in: ALBARELLO, Luc et al – *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa, Gradiva, 1997, p. 84-116

SACARRÃO, G.F. – *Ecologia e Biologia do Ambiente*. Mem Martins, Publicações Europa-América, Biblioteca Universitária, 2 volumes, 1991, 410+322p.

SAINSAIEU, Renaud – *L'Identité au Travail*. Paris, Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1977

SANTOS, Boaventura Sousa – *A Solidariedade não é Palavra Vã*, in Público, 23 de Maio, 1994, pag 20-21

SCHARTZ, S. e HOWARD, J. - *Internalized values as motivators of altruism*. In: E. Staub, D. Bar-Tal, J. Karylowski, & J. Reykowski (Eds.), *Development and maintenance of prosocial behavior*. New York: Plenum, 1984.

SKINNER, B. - *Reflections on behaviorism and society*. New Jersey: Prentice-Hall, 1978.

SPRALEY, James; MACURDY, David – *The Cultural Experience. Ethnography in Complex Society*, Sra, Inc, Chicago, 1972

STAUB, E. - *Positive social behavior and morality*. Vol. 1. New York: Academic Press, 1978.

TAYLOR, S. J. e BOGDAN, R. - *Introducion a los Métodos Cualitativos de Investigacion* - Paidós Ibérica, Barcelona, 1992.

TRIVERS, R. - *The evolution of reciprocal altruism*. Quarterly Review of Biology, 1971, 46, 35-37

VENTURA, António – *Bombeiros Voluntários de Portalegre – 100 Anos de História*, Associação de Bombeiros Voluntários de Portalegre, Guide – Artes Gráficas, 1999, 151 p.

WALSTER, E., BERSCHEID, E. e WALSTER, - G. *The exploited: Justice or justification?* In: J. Macaulay e L. Berkowitz (Eds.), *Altruism, and helping behavior*. New York: Academic Press, 1970.

WILSON, E – *A Natureza Humana*. São Paulo, T.A. Queiroz Ltda, 1981, p. 149-167

WILSON, E. - *The genetic evolution of altruism*. In: L. Wispé (Ed.), *Altruism, sympathy, and helping*. New York: Academic Press, 1978.

ANEXOS

ANEXO I

Matriz de codificação global

MATRIZ DE CODIFICAÇÃO GLOBAL

PARADIGMA

ALTRUISTA

SMS - Sensação de Missão
APS - Ajudar as Pessoas / Ser Solidário
PVR - Pôr a Vida em Risco
ALR - Altruismo Recíproco
EAV - Elemento de Associações Voluntárias

CULTURAL

MEB - Motivo de Entrada nos Bombeiros
NEM - Necessidade de Emprego
TRF - Tradição Familiar
INA - Influência dos Amigos
OTL - Ocupação de Tempos Livres
PFQ - Proximidade Física do Quartel
IAB - Interesse nas Atividades dos Bombeiros
SAP - Satisfação Pessoal
COA - Convívio com os Amigos
SBO - Símbolos dos Bombeiros
RSP - Reconhecimento Social e Poder

ANEXO II

Grades de análise das entrevistas

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

BOMBEIRO	PARADIGMA ALTRUÍSTA SMS - Sensação de Missão
A	<ul style="list-style-type: none"> • É um trabalho que ninguém liga • Mesmo não gostando muito de determinados serviços, compreendia que tinham que ser feitos, porque as pessoas do outro lado não têm a culpa e têm que ser servidas. • Com um filho de 4 anos passam-se dias que não o vejo e outras vezes quando o vejo está deitado, quando chego a casa por vezes quase que o acordo para ver se ele pelo menos olha para mim. • Foi um trabalho muito discreto, num país que nem era o nosso, mas ao fim ao cabo estivemos ali de uma forma muito discreta, nove pessoas que fizeram ali grandes sacrifícios e um esforço físico enorme, vieram para o quartel todos bem dispostos e sentimos que as coisas correram bem
C	<ul style="list-style-type: none"> • É ajudar as outras pessoas, salvar, mesmo o lema dos bombeiros é «vida por vida» • Lembramo-nos sempre é que temos que salvar alguém que está em risco • Sinto-me satisfeito por ter dado o meu contributo e por ter feito alguma coisa • Sentimento do dever cumprido, conseguimos salvar a criança
D	<ul style="list-style-type: none"> • Uma bombinha de 25 litros aí às costas por uma serra extremamente íngreme por ali a cima custa muito e eu lembro-me que com aquela idade isso custava-me terrivelmente, as lágrimas corriam-me cara abaixo e eu continuava por ali a cima porque tinha que continuar, não sei o que me fazia continuar mas queria ver o fogo apagado
E	<ul style="list-style-type: none"> • Aos 16 anos fui e por lá fiquei, até hoje que tenho 39 anos, tem sido duro, duro mas fixe... • Tivemos sorte andámos como desaparecidos durante 3 horas, isto é uma autentica missão. • Foi terrível, são cenas que um gajo fica naquela, não se pode deixar de fazer. Se vamos pelo lado negativo não se faz nada, toca o fogo não vai porque tem medo disto, há um acidente não vai porque tem medo daquilo, não pode ser... na altura tem que se fazer e a partir daí dura um ou dois dias, um gajo esquece.
F	<ul style="list-style-type: none"> • Foi a mais importante da minha vida e da minha carreira, ter salvo uma miúda com três meses de um fogo urbano. Senti uma grande satisfação... não há palavras para dizer o que senti. Acho que a vida de bombeiro é sempre pensar em salvar alguém. • O instinto é que me fez lá ir.
G	<ul style="list-style-type: none"> • A minha grande satisfação é que depois de qualquer ocorrência, sentir que consegui desempenhar a minha função bem, é o que mais prazer me dá e mais gozo me dá • Ser bombeiro é tentar ajudar o próximo, sem que daí advenha algum resultado para mim. • A minha mulher sabe que eu vou não é para brincar, vou porque alguém precisa que se vá.
H	<ul style="list-style-type: none"> • Sinto-me bem Quando estou a fazer qualquer coisa que as outras pessoas precisam. • Isto está dentro de mim... nem sei porque faço certas coisas, apenas sei que tenho a obrigação de as fazer porque sou bombeiro e um bombeiro serve para salvar as outras pessoas
I	<ul style="list-style-type: none"> • Ajudar as outras pessoas nas dificuldades que têm, acho que é um bem fazer isso, sem receber qualquer coisa em troca • Quando estamos a ajudar alguém ou a apagar um fogo, sei que estou a diminuir o sofrimento dos outros, isto para mim é uma missão

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

BOMBEIRO	PARADIGMA ALTRUÍSTA APS - Ajudar as Pessoas / Ser Solidário
A	<ul style="list-style-type: none"> • Bombeiros que estão aqui porque ao fim ao cabo já fizeram algumas coisas que não mereciam estar aqui. Por asneiras que fizeram aqui, por algumas confusões que arranjaram, mas é o próprio pessoal que já percebe que se calhar a melhor forma não é pô-los daqui para fora, seria a forma mais fácil, mas isso era se calhar um problema grave para a vida deles (...) e também é nossa obrigação ajudá-los. • É o sítio onde ele está onde tem mais apoio. • Começamos realmente a perceber que estamos a ajudar os outros, e que se calhar para nós um quarto de hora, uma hora da nossa vida para fazer um determinado serviço até nem será muito exigente e esse quarto de hora uma hora pode facilitar, pode ajudar muito uma outra pessoa e penso que isso se calhar é uma forma de ser bombeiro. • Na prática, o ser bombeiro é querer ajudar os outros.
C	<ul style="list-style-type: none"> • Sempre gostei de ajudar as pessoas. • O pessoal está aqui porque gosta de ajudar as pessoas. • Salvar os outros, ajudar as pessoas, enquanto ser polícia é guardar as pessoas, ser bombeiro é salvá-las.
D	<ul style="list-style-type: none"> • Eu houve aqui épocas atrás em que fiz semanas inteiras completas, fazia muito mais do que faço agora e aí é que era mesmo absolutamente de graça
E	<ul style="list-style-type: none"> • Isto para mim é um modo de ajudar as pessoas mas um modo diferente do seu, mas é fixe, é o bichinho... • Um gajo ia daqui com medo, medo do que é que poderia ir encontrar e quando lá chegámos e vimos o pessoal todo de um lado para o outro, um deitado numa maca, mas estava tudo fixe, foi um alívio do caraças... • «não conseguimos!» uma dor do caraças e chorámos os dois. • Gosto de ajudar no que consigo.
F	<ul style="list-style-type: none"> • É ver que estamos a fazer bem a outros.
H	<ul style="list-style-type: none"> • Eu estou aqui porque as pessoas precisam de ajuda, quando têm os terrenos ou a casa a arder, quando têm um acidente... • Toda a minha vida, mesmo fora dos bombeiros eu ajudo sempre quem precisa, sou capaz de dar a minha camisa...
J	<ul style="list-style-type: none"> • Eu sinto-me bem aqui por muitos motivos, mas acima de tudo porque sei que posso ajudar alguém. • Ao ajudar as outras pessoas estou a ajudar-me a mim também, porque como fico satisfeito por isso, sinto-me bem e isso chega

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

BOMBEIRO	PARADIGMA ALTRUISTA PVR - Pôr a Vida em Risco
A	<ul style="list-style-type: none"> • Um grande sacrifício humano por partes das pessoas.
B	<ul style="list-style-type: none"> • A actividade dos bombeiros, nomeadamente a actividade no combate ao incêndio, envolvem um perigo real. E esse perigo real é um bocado a atracção da borboleta pela chama, temos que saber lidar com ele. • De certa forma envolve algum risco.
C	<ul style="list-style-type: none"> • Nós não nos lembramos que estamos a pôr em risco a nossa vida. • Às vezes até pensamos «foi muito arriscado ou esteve complicado ou podia ter havido chatices» mas na altura a gente nunca pensa isso. • Nos incêndios urbanos ou nos incêndios florestais a gente quer é apagar o fogo, acabar com aquilo o mais depressa possível e nem nos lembramos se estamos a arriscar demais a vida.
E	<ul style="list-style-type: none"> • Não há que ter medo, um gajo tem que vencer os receios, um gajo para ser bombeiro não pode ter medo de enfrentar as chamas, qualquer situação... ir para a frente... chega lá faz o que tem a fazer • O outro carro quando nos viu passar pensaram «ficam ali todos!» mas nós conseguimos ir para um sitio seguro. • Um gajo na altura não pensa naquilo que está a fazer.
F	<ul style="list-style-type: none"> • Naquela altura eu não pensei, tirei a escada e subi, não pensei em mais nada, só tirar de lá a criança e mais nada (...) ia vomitando por causa do fumo que já era muito intenso. • Pode ser um grande risco mas ao fim ao cabo é uma brincadeira aqui para a gente • Uma altura em também me queimei na cara e no braço, foi num incêndio... • É um risco que sempre se corre.
H	<ul style="list-style-type: none"> • Quando andamos no fogo as pessoas nem sabem os riscos que temos. • Há muitos colegas meus que já se queimaram, eu felizmente ainda não, mas estou sempre sujeito a isso
J	<ul style="list-style-type: none"> • Os meus pais ficam sempre preocupados que me possa acontecer alguma coisa, ainda por cima no Verão há sempre muitas notícias sobre acidentes com bombeiros. • Quando andamos no fogo nem nos lembramos que nos pode acontecer alguma coisa.

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

BOMBEIRO	PARADIGMA ALTRUÍSTA ALR - Altruísmo Recíproco
B	<ul style="list-style-type: none">• As pessoas têm todas um fundo de grande generosidade. Essa grande generosidade da nossa participação nessas organizações tem a ver um bocado com a compensação da generosidade dos outros, ou seja, a nossa própria generosidade é uma forma de pagar a generosidade dos outros.
J	<ul style="list-style-type: none">• Nós ao estarmos a ajudar as outras pessoas também podemos vir a ser ajudados se viermos a precisar

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

BOMBEIRO	PARADIGMA ALTRUISTA EAV - Elemento de Associações Voluntárias
B	<ul style="list-style-type: none">• Tive uma série de actividades ligadas ao campo, ligadas a actividades de voluntariado também e isso levou a que eu criasse um bocado o gosto por esse tipo de actividades.• Tive um programa na rádio onde colaborei também voluntariamente, sem ganhar nada mas porque tinha o bicho dessas coisas.• Há uma tradição na minha família de algum modo ligada ao voluntariado.• Lembro-me do meu pai, desde muito pequeno, estava envolvido em actividades de voluntariado, embora num âmbito completamente diferente deste.• Mas eu acho que a marca e se há alguma coisa na minha juventude que tenha levado a que eu apareça nos bombeiros, tem a ver de facto com a actividade nos escuteiros.• Acabei em Marvão por me envolver numa série de actividades ligadas à igreja e à catequese.• Estávamos ligados a essas actividades de apoio à comunidade (...) fizemos uma tentativa de saber o que era preciso para fazer um corpo de bombeiros.• Eu sempre fui um carola numa série de coisas.

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

BOMBEIRO	PARADIGMA CULTURAL MEB – Motivo de Entrada nos Bombeiros NEM – Necessidade de Emprego
A	<ul style="list-style-type: none">• O primeiro emprego a sério que tive foi nos bombeiros.
C	<ul style="list-style-type: none">• Quando terminei o 11º ano surge o concurso aqui para o CCO, que é onde trabalho.• Proporcionou-se aqui esta entrada para os bombeiros, para o CCO e deixei de estudar
F	<ul style="list-style-type: none">• Comecei a trabalhar aqui, pelo desemprego...

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

BOMBEIRO	PARADIGMA CULTURAL MEB – Motivo de Entrada nos Bombeiros TRF – Tradição Familiar
A	<ul style="list-style-type: none"> • O meu filho hoje em dia, se algum dia vier a ser bombeiro, já tem, porque o pai é bombeiro e lá em casa vê as coisas dos bombeiros, vem aqui de vez em quando comigo. • Quando for grande quer ser bombeiro (...) já tem alguém de família. Ele já gosta de vir aqui.
B	<ul style="list-style-type: none"> • Há uma tradição de um grupo de uma série de famílias que toda a gente pertenceu aos bombeiros, são famílias extremamente pobres e que é habitual que aquelas pessoas durante a sua infância, pelo menos até começarem a trabalhar são pessoas que passaram fome e que viveram sempre ligadas aos bombeiros.
C	<ul style="list-style-type: none"> • O meu pai entra para os bombeiros quando eu tinha 8 anos. • Começou com o meu pai, ele é que me trouxe para cá. • O meu irmão também é bombeiro, a família... isto depois vai passando. Tenho um filho com 2 anos e ele também já gosta de vir para aqui.
D	<ul style="list-style-type: none"> • Tenho uma filha com 11 anos que de vez em quando fala que também quer vir para aqui. • Há pessoas na minha família ligadas aos bombeiros.
E	<ul style="list-style-type: none"> • O meu pai já era bombeiro, estávamos cá na rua, num dia qualquer, eram nove e tal da noite e estava calor, de repente tocou a sirene e o meu pai desatou a correr Rua de Elvas acima para ir para o quartel que era ao pé da Sé e eu fiquei com aquele bichinho logo desde pequenino.
G	<ul style="list-style-type: none"> • O meu filho já está na fanfarra, tive aqui cunhados, primos...
I	<ul style="list-style-type: none"> • Sempre tive pessoas na minha família muito ligadas aos bombeiros, mesmo o meu pai também era bombeiro

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

BOMBEIRO	PARADIGMA CULTURAL MEB - Motivo de Entrada nos Bombeiros INA - Influência dos Amigos
B	<ul style="list-style-type: none"> • Um colega de quem me tornei amigo pessoal é que é quem me acaba por levar para os bombeiros.
D	<ul style="list-style-type: none"> • Por influência desses amigos acabei por vir parar aos bombeiros com mais ou menos 14 anos. • E vem, e vem que aquilo é porreiro, está-se lá bem, tocar na fanfarra mesmo que não queiras ir aos fogos mas pelo menos tocar na fanfarra que é uma actividade gira, e eu acabei por vir.
F	<ul style="list-style-type: none"> • Quando se é gaiato quase todos querem ser bombeiros, desde pequenino que pensava em ser bombeiro, e depois tive amigos que também eram bombeiros. • Tive aqui dois ou três vizinhos que eram bombeiros.
H	<ul style="list-style-type: none"> • Um amigo meu veio para os bombeiros e eu também acabei por ir atrás.
I	<ul style="list-style-type: none"> • Comecei a ver muitos amigos meus na fanfarra e acabei por para lá ir também, depois já era difícil sair, nem eu queria
J	<ul style="list-style-type: none"> • Foi um amigo de infância que me trouxe para cá. Dizia que o ambiente era bom... • Tive vizinhos que eram bombeiros e isso aliciou-me também.

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

BOMBEIRO	PARADIGMA CULTURAL MEB - Motivo de Entrada nos Bombeiros OTL - Ocupação de Tempos Livres
A	<ul style="list-style-type: none"> • Comecei a ver aqui as pessoas, a ver aqui algum convívio, na altura também não havia muito para fazer. À noite as pessoas não tinham grandes divertimentos e acabei por começar a vir para aqui como miúdo, a conhecer algumas pessoas.
C	<ul style="list-style-type: none"> • Passava cá o tempo e naquela altura das férias de Verão, Natal, Páscoa... isso era limpinho. • Nas férias era de dia à noite aqui cravado no quartel dos bombeiros. • É a minha segunda casa. • É como um hobbie
D	<ul style="list-style-type: none"> • Também é uma questão de ocupar o tempo, se não fizesse isto não estou a ver muito bem o que é que estaria a fazer. • Muitas vezes as pessoas quando estão aqui no quartel e que não há nada para fazer, não há fogos não há nada, quando existe esse ócio instalado (...) às vezes parece que os bombeiros desejam o fogo para que se possa apagar, para que se possa fazer alguma coisa.
F	<ul style="list-style-type: none"> • Estou aqui desde miúdo, sempre a morar perto, vinha aqui todos os dias.
G	<ul style="list-style-type: none"> • Passei grande parte da minha adolescência aqui dentro.
H	<ul style="list-style-type: none"> • Quando era novo havia poucos sítios para ir, não é como agora...e vínhamos para aqui sempre que podíamos, principalmente no Verão. • Às vezes a minha mãe até se zangava, porque eu passava aqui o tempo
J	<ul style="list-style-type: none"> • Sempre gostei de para aqui vir, mesmo agora sempre que posso cá estou, embora seja mais difícil por causa dos estudos, mas no Verão é sempre

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

BOMBEIRO	PARADIGMA CULTURAL MEB – Motivo de Entrada nos Bombeiros PFQ - Proximidade Física do Quartel
A	<ul style="list-style-type: none"> • Nasci mesmo em frente ao quartel (...) fui criado sempre ali. • Eu morava aqui em frente, nem sequer tido ido aos bombeiros quando o quartel era lá em cima. • Estava mesmo aqui em frente à minha casa. • Se calhar se o quartel não viesse para aqui nada disto se passaria.
C	<ul style="list-style-type: none"> • Eu nos fins de semana vinha com o meu pai para os bombeiros e começaram a meter aquele bicho no corpo. • Ainda por cima morava aqui perto. • Antes de casar morei sempre na casa do meu pai, para aí a 100 metros do quartel.
D	<ul style="list-style-type: none"> • De vez em quando visitava aqui o quartel porque morava a cerca de 600 metros.
E	<ul style="list-style-type: none"> • Sempre morei perto do quartel, quando era na Sé eu morava na Rua de Eivas, depois vi morar para a Vila Nova e o quartel também veio para aqui, onde ainda é hoje.
F	<ul style="list-style-type: none"> • Houve a mudança do quartel aqui para baixo, foi quando eu tive mais tendência em vir para bombeiro, se o quartel tivesse ficado lá em cima, se calhar eu agora não era.
H	<ul style="list-style-type: none"> • Quando o quartel era lá em cima, ficava muito perto da minha casa e penso que também foi um motivo...
J	<ul style="list-style-type: none"> • Moro logo ali em baixo, fica bastante perto, sempre tive os bombeiros por perto

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

BOMBEIRO	PARADIGMA CULTURAL MEB - Motivo de Entrada nos Bombeiros IAB - Interesse nas Actividades dos Bombeiros
A	<ul style="list-style-type: none"> • Comecei a aperceber-me destas coisas, destes movimentos, destes carros. • Os gostos por estas coisas das viaturas.
B	<ul style="list-style-type: none"> • A minha patrulha chegou a intervir nalguns incêndios que houve em Marvão, embora sem conhecimentos e sem recursos, tentámos fazer isso. Foi como eu fiquei a conhecer os bombeiros e fiquei de certo modo com um bichinho.
C	<ul style="list-style-type: none"> • Era sempre aquela ansiedade de fazer mais um ano para poder chegar aos 16 anos para começar a fazer todo o tipo de serviço. • Quando era miúdo (...) a gente diz quando for grande quero ser bombeiro.
D	<ul style="list-style-type: none"> • Há uma certa tendência em deixar de estudar porque o gosto por isto acaba por ser maior e começa a toldar as pessoas.
G	<ul style="list-style-type: none"> • Quando ouvimos tocar a sirene, onde será o fogo? O que irão fazer?
H	<ul style="list-style-type: none"> • Quando via os carros a sair, ficava com vontade de saber para onde iam e pensava «quando for grande também quero ir além»

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

BOMBEIRO	PARADIGMA CULTURAL SAP - Satisfação Pessoal
A	<ul style="list-style-type: none"> • Estou aqui de boa vontade. • O que me faz estar aqui acaba por ser algumas alegrias quando as coisas nos correm bem e sentimo-nos bem. • Quando entrei, naquela altura nós fazemos tudo, aparece isto nós vamos, aparece aquilo nós fazemos, tudo quanto aparece nós fazemos e nem discutimos, nem porque sim, nem porque não, porque queremos fazer.
B	<ul style="list-style-type: none"> • Gosto pela a adrenalina que aquilo trás. • Para além do meu serviço em que ganhava o meu dinheiro, ter uma actividade não remunerada que me ocupava tanto tempo... isso é uma coisa que não tem explicação... mas eu fazia muito gosto em fazer aquele tipo de actividade. • Nos bombeiros estou lá voluntariamente e estou a fazer uma coisa que de facto gosto muito. • Para mim é uma grande satisfação poder fazer aquele tipo de serviço. • Tem a ver com o prazer pessoal que sinto em poder fazer uma actividade que gosto.
C	<ul style="list-style-type: none"> • O pessoal está aqui mesmo porque gosta disto. • Como me sentir satisfeito por andar aqui. • As coisas foram bem feitas e a gente sente-se bem por isso. • Quando se conseguem fazer as coisas ficamos satisfeitos.
D	<ul style="list-style-type: none"> • No Verão dedicava-me quase a 100%, chegava a passar aqui semanas inteiras. • Dediquei-me em jovem a outras actividades, ainda tentei a natação chegando a participar em concursos, fiz aerodelismo... tudo coisas engraçadas em que eu me apliquei e consegui muito bons resultados mas realmente não me satisfiziam, aquilo que me satisfaz é estar aqui dentro.
E	<ul style="list-style-type: none"> • ... a sensação de um gajo bater um fogo e conseguir vencê-lo. quando o fogo está forte e um gajo consegue vencê-lo, atacá-lo na raiz e consegue dominá-lo: estou satisfeito. • Quando um gajo fica assim a suar, mas consegue vencer aquilo é uma alegria, às vezes um gajo não exterioriza mas depois em conjunto dizer «foi um trabalho impecável, estamos todos de parabéns, conseguimos aquilo que queríamos» • ...um gajo ter às vezes um bocado de receio, mas é nessas que estamos com receio e nos metemos à aventura e consegue ganhar, essas é que são mesmo as situações gratificantes. O prazer de vencer as chamas... não só por aquilo que está a fazer mas também por ele próprio. • Em primeiro lugar a satisfação pessoal, o sentir-me bem comigo próprio ao saber que estou a tentar fazer algo de útil para os outros, nós somos voluntários, não estamos aqui para ganhar dinheiro nenhum, nós estamos aqui para nos sentirmos bem. • Quando foi ao fim abraçamo-nos uns aos outros – conseguimos! Conseguimos! Nós ficámos com uma sensação tão boa, ficámos satisfeitos por termos feito aquele serviço. • Quando o que fazemos consegue dar resultados positivos um gajo fica fixe com essa porcaria.
F	<ul style="list-style-type: none"> • Não é pelo dinheiro que a gente ganha, que agente não ganha dinheiro nenhum, somos voluntários, mas dá uma grande satisfação, sinto-me bem.
G	<ul style="list-style-type: none"> • Estou aqui com muito gosto e cá estou...

BOMBEIRO	PARADIGMA CULTURAL SAP - Satisfação Pessoal (Continuação)
H	<ul style="list-style-type: none"> • Estou aqui há muitos anos e nunca me senti com vontade de ir embora, gosto mesmo de aqui estar, sinto-me bem • Quando conseguimos fazer uma coisa bem feita, eu sinto-me muito satisfeito
I	<ul style="list-style-type: none"> • Isto é uma grande satisfação, tem-me dado muitas alegrias ao longo da vida • Os amigos que temos aqui dentro, apesar de às vezes haver alguns problemas, fazem-nos sentir com vontade de cá vir, estar na conversa, beber um copo, é sentirmo-nos bem. • Quando vamos para o fogo e chegamos ao fim cansados, mas conseguimos apagar, é uma satisfação que só nós sabemos
J	<ul style="list-style-type: none"> • Só por aqui estar eu sinto-me satisfeito • Pode parecer estranho, mas eu gosto que haja serviço, de ir aos fogos, alguma acção, a recompensa de tanto trabalho acaba por ser eu sentir-me bem com o que fiz, ao fim ao cabo ficar feliz com isto. • Quando vamos aos acidentes e conseguimos tirar as pessoas encarceradas e levá-las com vida para o hospital, é muito bom, mesmo bom, ficamos todos contentes

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

BOMBEIRO	PARADIGMA CULTURAL COA - Convívio com os Amigos
A	<ul style="list-style-type: none"> • Entrei com 15 anos, na altura fui para a fanfarra. A fanfarra nestas coisas é muito importante. • Conhecer algumas pessoas. • Amigos meus aqui das redondezas também entraram e acabámos por ter aqui o nosso convívio. • Já temos aqui muitos amigos. • Encontramo-nos tanta vez que começa a haver algumas amizades. • Os bombeiros mesmo quando não estão de serviço vêm com frequência ao quartel. • Ser bombeiro acaba por ser o gosto do convívio com o pessoal. • Tínhamos também na altura um quadro que marcava as presenças e as nossas rivalidades era ver quem ia mais vezes ao fogo.
D	<ul style="list-style-type: none"> • O que me faz continuar aqui dentro é um conjunto de amigos que consegui arranjar aqui e nalguns tenho uma confiança extrema. • Criei uma relação com determinado círculo de amigos aqui dentro que me sinto bem com eles e gosto de aqui vir.
E	<ul style="list-style-type: none"> • O pessoal quando vai para o fogo são todos unidos, é um trabalho em equipa. • Há mais amizade aqui nos bombeiros e mais união num incêndio que fora dele. Às vezes aqui há chatices com uns e com outros, mas quando vamos para um incêndio há união a 100%.
F	<ul style="list-style-type: none"> • A camaradagem que há aqui, cria aqui amigos. Já tinha amigos que eram bombeiros, já tinha amigos que entraram na mesma altura para bombeiro e tenho amigos que continuam hoje como eu continuei, outros que já abalaram, e outros que vêm, agora somos todos amigos. • Até nos podemos dar os 5 mal, mas se formos no mesmo carro no fundo damo-nos todos bem ao fim ao cabo, vamos todos pela mesma causa. Há um espírito de grupo, de camaradagem.
G	<ul style="list-style-type: none"> • Acaba por ser ao fim ao cabo destes anos todos ser como uma família, somos já todos uma família
I	<ul style="list-style-type: none"> • Passo aqui o tempo, tenho aqui muitos amigos e gostamos de confraternizar • Quase todos os meus amigos estão por aqui, por isso cá vimos tanto, convivemos aqui...
J	<ul style="list-style-type: none"> • Estou muito habituado a vir até cá, já fizemos aqui muitas amizades • Quando há um fogo nota-se que as pessoas estão muito unidas, estão todas para o mesmo e isso acaba por se reflectir nos momentos que passamos aqui no quartel

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

BOMBEIRO	PARADIGMA CULTURAL SBO - Símbolos dos Bombeiros
A	<ul style="list-style-type: none"> • Começam de pequeninos, depois começam a ver os carros a verem os mais velhos a saírem, a interessarem-se pelas coisas e vão ficando. • A farda era importante para nós. • Uma pessoa com a farda sentia-se diferente, uma pessoa sentia-se mais importante. • O gosto da farda. • O gosto de sair nas viaturas • A pessoa sente que tem uma farda e o outro rapaz é da idade dele e não tem, a pessoa sente-se um pouco diferente.
B	<ul style="list-style-type: none"> • Eu acho que todas as crianças têm um certo fascínio pelo bombeiro e há pessoas que à medida que vão crescendo esse fascínio diminui, em mim esse fascínio manteve-se. • Lembro-me perfeitamente de andar na escola primária e de ter o fascínio dos carros dos bombeiros.
C	<ul style="list-style-type: none"> • Têm a farda lá em casa e podem vestir a farda à mesma.
E	<ul style="list-style-type: none"> • Eu gostava de ver passar os carros dos bombeiros. Ouvia tocar a sirene e ia lá acima (...) para ver se conseguia ver onde é que era o fogo. Se visse, arrancava a correr aqui para a estrada só para ver passar os carros. Gostava mesmo de ver passar os carros, os bombeiros lá em cima dos carros... dava-me aquela sensação que os gajos iam fazer qualquer coisa de bom, e fiquei marcado, cada vez que tocava a sirene dava-me assim aquele piquinho... quando tiver idade vou para os bombeiros.
F	<ul style="list-style-type: none"> • Como morava aqui perto via os carros dos bombeiros a passar para baixo, quando havia fogos. • Via os vizinhos quando tocava a sirene e via-os abalar, sempre a puxar para ser bombeiro
G	<ul style="list-style-type: none"> • Não sei muito bem porque é que sou bombeiro, acho que ao fim ao cabo é o concretizar de um sonho de qualquer criança. Ver passar os carros dos bombeiros a tocar...
H	<ul style="list-style-type: none"> • Os mais novos não dão importância nenhuma, mas no meu tempo Ter uma farda era sinal de respeito, era-se um pouco diferente... • E quando havia desfiles lá íamos todos fardados, ainda agora vamos e eu faço-o com muito gosto
I	<ul style="list-style-type: none"> • Quando era gaiato e tocava a sirene e via o meu pai a correr para o quartel, e outros vizinhos, ficava todo entusiasmado • O meu pai levava-me muito ao quartel e eu o que mais gostava era de ver os carros, ir para dentro deles...
J	<ul style="list-style-type: none"> • Em miúdo sentia-me muito atraído pelos carros, pelas luzes e pelas sirenes, dos bombeiros e também da polícia. • Quando os carros saíam para um fogo, se eu estava em casa ia sempre vê-los a passar, com os bombeiros em cima dos carros, ainda agora penso nisso quando lá vou

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

BOMBEIRO	PARADIGMA CULTURAL RSP - Reconhecimento Social e Poder
A	<ul style="list-style-type: none"> • Pode-se pensar que o meu cargo é um cargo importante. • Em relação ao meu posto concreto, poder-se-ia pensar que é uma questão de poder. • Sempre se tem quer queira quer não algum poder. Poder controlar este pessoal todo, se eu não estivesse aqui, na minha vida normal concerteza não teria os relacionamentos com pessoas que já tive e em determinados sítios que já estive. • Alguma vaidade, todos os bombeiros são vaidosos.
B	<ul style="list-style-type: none"> • É uma actividade que em termos de comunidade o ser bombeiro, a actividade dos bombeiros, são de alguma forma um grupo reconhecido, ou melhor, um grupo que é admirado. • A grande maioria de nós bombeiros sentimos que a população gosta de nós. • Sentirem que são reconhecidos e que são necessários, sem estarem a desempenhar uma actividade profissional, mas que são necessários.
C	<ul style="list-style-type: none"> • A nível de Portalegre acho que os bombeiros nunca ficaram mal visto, temos recebido bastantes elogios até na comunicação social. • É uma força que é bem vista e ajudada. • Os bombeiros, dentro das forças da autoridade são aquelas que as pessoas até mais admiram. • As populações até têm os bombeiros como uma entidade estável, têm-nos em boa conta.
E	<ul style="list-style-type: none"> • Um gajo está a bater o fogo, consegue apagar o fogo, nós temos mérito por isso. Não estamos à espera de nenhum louvor.
F	<ul style="list-style-type: none"> • Não é nenhum mar de rosas, o que os bombeiros passa, agente passa frio, passa fome, passa tudo um pouco... as pessoas não reconhecem.
G	<ul style="list-style-type: none"> • Às vezes nem um reconhecimento, a tal satisfação que sinto acaba por ser um reconhecimento daquilo que fiz, sem que mo deão. • A população não é indiferente mas, se o bombeiro falha a população aponta, se o bombeiro desempenha a sua função e desempenha bem, a população não reconhece... «se fiz ninguém se lembra, se não cumpro ninguém se esquece». • Mas também me parece que se calhar ninguém nos dá o valor porque nós cumprimos, se não desempenhasse-mos as funções, as pessoas viam pela parte negativa.
H	<ul style="list-style-type: none"> • Eu fico contente quando encontro pessoas que ajudei a apagar fogos nos terrenos deles e me reconhecem e me cumprimentam, fico muito orgulhoso por isso. • Acho importante que as pessoas reconheçam o trabalho que agente tem e que é muito, mas isso não acontece muito, as pessoas não sentem obrigação...